



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ÁBIA LIMA DE FRANÇA

**CAPOEIRA & EDUCAÇÃO:
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM JOGO**

Salvador
2018

ÁBIA LIMA DE FRANÇA

**CAPOEIRA & EDUCAÇÃO:
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM JOGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro.

Salvador
2018

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

França, Ábia Lima de.

Capoeira & educação [recurso eletrônico] : produção do conhecimento em jogo / Ábia Lima de França. - Dados eletrônicos. - 2018.

1 CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

1. Capoeira - Teses - Pesquisa. 2. Educação. I. Leiro, Augusto César Rios. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796.81 – 23. ed.

ÁBIA LIMA DE FRANÇA

**CAPOEIRA & EDUCAÇÃO:
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM JOGO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 23 de fevereiro 2018.

Augusto Cesar Rios Leiro – Orientador
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.
Universidade Federal da Bahia.

Amélia Vitória de Souza Conrado
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.
Universidade Federal da Bahia.

José Luiz Cirqueira Falcão
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.
Universidade Federal de Goiás.

Pedro Rodolpho Jungers Abib
Doutor em Ciências Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas,
UNICAMP, Brasil.
Universidade Federal da Bahia.

Aos meus pais, Joelma e Milton, pelo amor, cuidado e ensinamento; minhas joias preciosas, sem vocês não seria possível a minha existência quiçá realizar esse sonho.

Ao meu irmão, Danilo, por ter vivido muitos momentos divertidos, difíceis, maravilhosos ao seu lado.

A todos os meus/minhas amigos/as por serem presentes em minha vida, mesmo que distantes fisicamente, em especial Nicinha e Thiago pela parceria de todos os momentos bons e ruins.

Aos meus parentes paternos e maternos que são especiais.

Aos capoeiras que lutaram, resistiram e se doaram para que a capoeira tivesse visibilidade (inter) nacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador porque estou bem e com saúde, sou eternamente grata pelo dom da vida. Ao meu orientador, Cesar Leiro, por acreditar no meu potencial e lançar desafios diários para contribuir na minha formação acadêmica e profissional. Tive o privilégio de ser sua aluna na disciplina de Seminário I, no curso de Educação Física da UFBA, bem como fui acolhida por todos e todas integrantes do Grupo de Pesquisa Mídia, Memória, Educação e Lazer. Tenho orgulho de ser sua orientanda no mestrado e muita satisfação e gratidão pelas suas ricas contribuições na minha trajetória de vida: “agora vai” e “se organize” foram frases latentes no meu cotidiano. Obrigada por me inspirar e auxiliar nesse processo de escrita, aprendizado e conhecimento.

À minha professora/mestra Amélia Conrado, por ter sido minha coordenadora nos projetos de ensino, pesquisa e extensão, pela oportunidade de ser sua aluna e monitora durante quatro semestres na disciplina de Capoeira I no curso de Educação Física da UFBA. São sete anos de convivência e parceria; desenvolvemos juntas projetos e atividades que contribuíram para minha formação acadêmica e humana. Lembro que meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria sobre “Associação entre tempo sentado e nível de atividade física com as variáveis de sobrepeso e obesidade dos graduandos de Educação Física da UFBA”, mas quando conversei com ela, percebi que estaria deixando de lado a minha grande paixão, a capoeira. Faltando menos de dois meses para a defesa do meu TCC, a convidei para ser minha orientadora e na defesa ela falou que daria nota 9.5, pois eu deveria voltar para fazer o mestrado e tirar dez. No processo de escrita da pesquisa, ela trouxe inúmeras contribuições durante o trabalho orientado.

Ao meu professor Antônio Bahia, pela incrível oportunidade de estagiar no Instituto de Cegos da Bahia, na disciplina de Estágio I do curso de Educação Física. Aprendi com ele a ter sensibilidade e refletir sobre minhas práticas pedagógicas, além de aprender que eu deveria ter sempre cuidado e preocupação em proporcionar aulas inclusivas, formativas e reflexivas às crianças e aos adolescentes com deficiências visuais.

Aos meus amigos e as amigas ao longo da vida: Manoela, Amanda, Clécia, Uiara, Michele, Deisiane, Nicinha, Thiago, Willian, Danilo, Pedro, Tailla, Rebeca, Mirian, Misael, Irani, Leonardo, Zenaide, Ramon, Bruna, Lidiane, Jaiane, Eliane, Silvana, Izane, Felipe, Aleciane, Sabrina, Adriano, Sátilla, Patrícia, Ingrid, Linda, Luiz, Vivian, Nerildo, Marvan, Márcio, Aparecida, Sueli, Maria, Joalice, Kayky, Daniela, Jeane, Elisa, Taã, Letícia, Thamires, Taís...

Aos meus avós, Catarina, Carlinda (*in memoriam*), do coração Divanice e José; também aos meus tios e minhas tias, Nádia, Fernando, Gedaias, Cleonice, Reinilson, Elismar, Célia, Carmita; meus primos e minhas primas, André, Adriana, Satiane, Sarone, Ruan, Elias, Eliseu, Júnior, Janaina, Guilherme, Danilo, Gerson...

A todos os capoeiristas e estudiosos que contribuíram e inspiraram a minha escrita, como: Pedro Abib, José Falcão, Vitor Castro Júnior, Mestre Xaréu, Mestre Cobra Mansa, Mestra Janja, Mestre Pangolim, Mestra Brisa, Mestre Bel, Mestre Augusto, Contramestre Marcelo, Adriana Dias (Pimentinha), Christine Zonzon, Contramestra Lilu, Mestre Pitanga, Contramestre Ratinho, Mestra Dandara, Mestra Patrícia, Contramestra Brisa do Mar, Professora Índia, Professora Tartaruga, Instrutora Mandingueira, Mestra Patrícia, Contramestra Carla...

Aos grupos de capoeira em que tive minha passagem, como: Grupo Porto da Barra, Carvalho de Moré, Associação de Capoeira Toques de Berimbaus, Associação de Capoeira Angola Sal da Terra e ao grupo Nação Capoeira, em especial ao Mestre Alabama pelos ensinamentos, desde 2009, e a todos e todas que fazem parte dessa família.

A todos os professores e as professoras do curso de graduação em Educação Física da UFBA, Maria Cecília, Elisa, Admilson, Romilson, Francisco Pitanga, Celi Taffarel, Fernando (Boca), Diana, Alexandre, Nair, Antônio Bahia, Regina...também aos colegas do curso, em especial a turma 2009.

A todos os ex-colegas de trabalho e ex-alunos na Academia Villa Salute, em especial a Bruno, Márcio, Linda, Roger, Laís, Leandro, Tony, Júnior, Lorena, Regina, Maria José, Nilda, Sinelandia, Marcelo, Cíntia, Luciana, Helena, Landeiro, João, Eliene, Leila, Eduardo, André, Fátima, Ana Cristina, Lícia, Paulo, Alice, Carol...

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Educação, em especial Jonei pelas ricas contribuições metodológicas.

Aos colegas do PPGE/UFBA, em especial, Patrícia, Sátilla, Franciane, Bianca, Aline, Lizandra, Jurene, Márcio por me acolherem e dividir comigo novos aprendizados.

A todos da família FECOMEL, Cesar, Paulo, Cândida, Vanessa, Heloisa, Luciana, Daniela, Diana, Adenilma, Cristiano, Romilson, Albertino, Nívea, Nicola, Ednaldo, Isabel, Tarcyla e Larissa.

A todos os colegas e discentes da Faculdade Maurício de Nassau, da qual sou docente.

“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p.29).

RESUMO

A pesquisa em jogo integrou a linha de pesquisa “Educação, Cultura Corporal e Lazer” do Programa de Pós-graduação em Educação, particularmente o Grupo de Pesquisa Mídia, Memória, Educação e Lazer da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O estudo investigativo teve por objetivo geral discutir criticamente a produção do conhecimento que entrecruza a educação e a capoeira nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFBA e UNEB. O trabalho também teve objetivos específicos, como: identificar as produções científicas sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB e analisar as concepções teóricas sobre capoeira e educação nas dissertações e teses da UFBA e UNEB. Para isso, foi escolhida a pesquisa bibliográfica do tipo estado do conhecimento por se tratar de um setor de publicações, dissertações de mestrado e teses de doutorado, que foram localizadas no Repositório Institucional da UFBA, no Centro de Documentação e Informação da UNEB, no Banco de Teses e Dissertações do Portal da CAPES, no Sistema Integrado de Bibliotecas e no *Google*. Foram localizadas 48 produções científicas sobre capoeira nos diversos Programas de Pós-Graduação da UFBA e UNEB, defendidas de 1998 a 2017. Na UFBA, ao total foram localizadas 45 produções científicas, 33 dissertações e 12 teses, em 12 programas dos 79 que existem; e na UNEB, achamos apenas 3 dissertações em dois programas dos 16 que temos. Em seguida, foram designados critérios de inclusão e exclusão para refinarmos os resultados; fizeram parte da nossa amostra 19 produções científicas que entrecruzaram a capoeira e a educação, advindas das áreas de Educação, Música, Dança, Ciências Sociais e Artes Cênicas. No entanto, acreditamos que a temática também poderia ser acolhida em outras áreas, como Saúde, Literatura, Cultura, Comunicação, Museologia etc. Através da análise das produções científicas compreendemos a concepção da capoeira que foi entendida como jogo, luta, dança, comércio, religião, arte, defesa pessoal, teatro, filosofia, entretenimento, manifestação multifacetada que traz diversas contribuições no processo de ensino e aprendizagem. Os aspectos educativos destacados nos estudos investigativos foram: aprendizado de valores sociais (respeito, solidariedade, hierarquia etc.) que contribuem na formação, personalidade do sujeito; desenvolvimento da fala, atenção, interpretação no contexto da musicalidade; entendimento do tipo de jogo e cadência, bem como aspectos históricos, culturais e sociais através das cantigas entoadas, e assim o fortalecimento da manutenção da tradição; desenvolvimento da criatividade e expressividade corporal que permite o sujeito superar os obstáculos da vida, demonstrar seus desejos, medos, malandragem, malícia, mandinga, manha, dentre outros. Com isso, desejamos que nossa pesquisa possa inspirar e agregar subsídios teóricos para outras produções científicas e práticas pedagógicas em torno dessa luta/dança de relevo social, cultural, musical, político, educativo, artístico, estético e técnico que alcançou o mundo.

Palavras-chave: Capoeira; Educação; Produção do Conhecimento.

RESUMÉN

El siguiente trabajo fue parte de la investigación “Educación, Cultura Corporal y Esparcimiento” del Programa de Pos-graduación en Educación, particularmente, del núcleo de investigación de Medios, Memoria, Educación y Esparcimiento de la Faculdade de Educación de la Universidad Federal de Bahía (UFBA). El estudio investigativo tuvo por objetivo general discutir críticamente la producción del conocimiento que entrecruza la educación y la capoeira en los Programas de Postgrado Stricto Sensu de la UFBA y UNEB. El trabajo también tuvo objetivos específicos, como: identificar las producciones científicas sobre capoeira en los Programas de Pos-Graduación, stricto sensu, de la UFBA y UNEB y analizar las concepciones teóricas sobre capoeira y educación en las disertaciones y tesis de la UFBA y UNEB. Para esto, fue elegida la búsqueda bibliográfica del tipo “estado del conocimiento” por tratarse de un sector de publicaciones, disertaciones de masters y tesis de doctorado que fueron encontradas en el Archivo Institucional de la UFBA, en el centro de Documentación e Información de la UNEB, en el Banco de Tesis y Disertaciones del Portal de la CAPES, en el Sistema Integrado de Bibliotecas y en Google. Fueron localizadas 48 producciones científicas sobre capoeira en los diversos programas de Pos-Graduaciones de la UFBA y UNEB, defendidas entre 1998 y 2017. En la UFBA, fueron localizadas 45 producciones científicas, 33 disertaciones y 12 tesis, en 12 programas de los 79 existentes: y en la UNEB encontramos sólo 3 disertaciones en dos programas de los 16 que tenemos. Luego fueron designados criterios de inclusión y exclusión para refinar los resultados; fueron parte de nuestra muestra 19 producciones científicas que entrecruzaron la capoeira con la educación, provenientes de las áreas de Educación, Música, Danza, Ciencias Sociales y Teatro. Sin embargo, creemos que el tema también podría ser desarrollado desde la Salud, Literatura, Cultura, Comunicación, Museología, etc. A través del análisis de las producciones científicas comprendemos que la capoeira es entendida como juego, lucha, danza, objeto de comercio, religión, arte, defensa personal, teatro, filosofía, entretenimiento, manifestación multifacética que trae diversas contribuciones al proceso de enseñanza y aprendizaje. Los aspectos educativos destacados en la investigación fueron: aprendizaje de valores sociales (respeto, solidaridad, jerarquía, etc.) que contribuyen en la formación de la personalidad del sujeto, evolución del habla, atención, interpretación del contexto musical, comprensión del tipo de joga y cadencia a desempeñar, tanto como los aspectos históricos, culturales y sociales a través de los cánticos entonados (cantigas) y así fortaleciendo la preservación de la tradición, desarrollo de la creatividad y expresión corporal que permiten al sujeto superar los obstáculos de la vida, demostrar sus deseos, miedos, astucia, malicia, “mandiga y manha” entre otros. De esta forma deseamos que nuestra investigación pueda inspirar y sumar fuentes teóricas para otras producciones científicas y prácticas pedagógicas en torno de esta lucha/danza de importancia social, cultural, musical, política, educativa, artística, estética y técnica que ha llegado al mundo entero desde nuestro país.

Palabras clave: Capoeira; Educación; Producción del Conocimiento

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Pintura de José Maria de Almeida da Igreja da Saúde e Glória.....	14
Figura 2- Treino de capoeira no Dique do Tororó em 2007.....	16
Figura 3- Oficina de capoeira na FACED em 2011.....	16
Figura 4- Monitoria na disciplina de capoeira na FACED/UFBA em 2012.....	17
Quadro 5- Diversas acepções do vocábulo capoeira.....	23
Quadro 6- Conjunto de filmes de curta e longa-metragem que retratam sobre a capoeira.....	26
Figura 7- Escultura da Capoeira de Mario Cravo Júnior.....	28
Figura 8- Desenho da Cena de Capoeira de Aldemir Martins.....	28
Figura 9- Desenho da roda de capoeira de Carybé.....	28
Figura 10- Desenho do jogo de capoeira de Rugendas.....	28
Figura 11- Desenho de Debret.....	28
Quadro 12- Nomes dos escritores e obras literárias que retrataram sobre a capoeira.....	29
Figura 13- “Negros lutando, Brazil”.....	30
Figura 14- Mestre Bimba.....	35
Figura 15- Mestre Pastinha tocando berimbau.....	38
Figura 16- Jogo de Capoeira.....	41
Figura 17- Representação da Roda de Capoeira Angola.....	43
Figura 18- Representação imagética de elementos que influenciam no processo de ensino e aprendizagem na capoeira em diversos espaços formais e não formais.....	44
Quadro 19- Sistema Oficial de Graduação pela Confederação Brasileira de Capoeira (2001).....	47
Gráfico 20– Distribuição dos trabalhos nos GTT nas edições do CONBRACE de 2011, 2013 e 2015.....	54
Gráfico 21– Distribuição das referências bibliográficas nas produções científicas sobre capoeira, nos anais do CONBRACE de 2011, 2013 e 2015.....	54
Quadro 22- Levantamento dos artigos científicos sobre capoeira na Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade da UFBA.....	55
Gráfico 23– Distribuição da produção científica sobre capoeira na UFBA e UNEB por gênero.....	61

Gráfico 24- Mapeamento de Mestras de Capoeira nos estados do Brasil.....	65
Gráfico 25- Mapeamento de Mestras de Capoeira no Brasil e Exterior.....	66
Quadro 26- Caracterização entre Estado da Questão, Estado da Arte e Revisão de Literatura.....	71
Gráfico 27- Acesso às dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	72
Figura 28- Representação imagética das etapas de análise de conteúdo.....	74
Gráfico 29- Distribuição do quantitativo de Programas de Pós-graduação da UFBA por Grande Área e Nível.....	76
Gráfico 30- Produções científicas sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação da UFBA	77
Gráfico 31- Quantidade de dissertações e teses sobre capoeira, por ano, nos Programas de Pós-Graduação da UFBA.....	78
Quadro 32- Lista de dissertações e teses sobre capoeira defendidas na UFBA.....	78
Gráfico 33- Distribuição de orientadores e orientadoras recorrentes nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA.....	83
Gráfico 34- Distribuição do quantitativo de Programas de Pós-graduação da UNEB por Grande Área e Nível.....	84
Gráfico 35- Distribuição das dissertações sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação da UNEB.....	85
Gráfico 36 – Quantidade de produções científicas sobre capoeira por ano, nos Programas de Pós-Graduação da UNEB.....	85
Quadro 37- Lista de dissertações sobre capoeira defendidas na UNEB.....	86
Gráfico 38- Distribuição das produções científicas sobre capoeira por Área de Concentração	87
Gráfico 39- Assuntos tratados nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	87
Quadro 40- Características acadêmico-profissionais dos(as) pesquisadores(as) das produções científicas sobre capoeira.....	89
Quadro 41- Informações dos livros publicados e organizados por pesquisadores/pesquisadoras.....	94
Gráfico 42- Autores e autoras mais recorrentes nas referências das dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	97
Gráfico 43- Autores e autoras mais recorrentes nas produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	99

Gráfico 44- Banca examinadora das dissertações e teses sobre capoeira da UFBA e UNEB	104
Quadro 45- Instituições brasileiras que oferecem a capoeira como componente curricular..	121
Quadro 46- Instituições brasileiras que oferecem a capoeira como atividade de extensão....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Perfis de alguns capoeiras (1908-1925)	32
Tabela 2- Distribuição da origem institucional e da quantidade de produção científica sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação, stricto-sensu, do Brasil.....	53
Tabela 3- Textos que abordaram sobre a questão de gênero nas referências das dissertações e teses sobre a capoeira na UFBA e UNEB.....	62
Tabela 4- Distribuição dos autores e dos textos referenciados nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	98
Tabela 5- Distribuição de autores/autoras e os textos referenciados nas produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	100
Tabela 6- Dissertações e teses sobre Capoeira e Educação da UFBA e UNEB.....	102
Tabela 7- Investigações recortadas e metodologias das pesquisas sobre capoeira e educação.....	105

SUMÁRIO

1. PESQUISA EM JOGO.....	14
2. ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E EDUCATIVOS DA CAPOEIRA.....	20
2.1 EDUCAÇÃO NO JOGO E NA RODA DE CAPOEIRA.....	42
2.2 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM JOGO.....	51
2.2.1 O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática.....	60
3. GINGAS METODOLÓGICAS.....	69
3.1 PANORAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU NA UFBA E NA UNEB.....	75
3.1.1 Dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.....	76
4. A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO COMO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	102
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CAPOEIRA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS.....	107
4.2 CONCEPÇÃO DE CAPOEIRA NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS.....	123
4.3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO NAS DISSERTAÇÕES E TESES.....	126
5. “ADEUS, ADEUS. BOA VIAGEM”.....	142
REFERÊNCIAS.....	148
ANEXO 1- Vivências na capoeira.....	159
APÊNDICE 1 - Conjuntos de trabalhos produzidos sobre a capoeira.....	161
APÊNDICE 2- Conjuntos de trabalhos produzidos na área de Educação Física.....	163
APÊNDICE 3- Relação de Programas de Pós-Graduação da UFBA.....	166
APÊNDICE 4- Relação dos Programas de Pós-Graduação da UNEB.....	170

1. PESQUISA EM JOGO

O estudo em jogo integrou a linha de pesquisa intitulada “Educação, Cultura Corporal e Lazer” do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), especificamente o Grupo de Pesquisa Mídia, Memória, Educação e Lazer (MEL) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA). A pesquisa buscou analisar as concepções teóricas sobre capoeira e educação nas dissertações e teses da UFBA¹ e UNEB².

Antes de adentrar nessas produções científicas, trago durante a escrita a minha relação com a cultura afro-brasileira, também alguns aspectos contextuais que conduzem a esse jogo de produção do conhecimento em capoeira que foi fomentado na graduação. Entendemos que “toda linguagem emana de um sujeito situado no tempo e espaço” (FALCÃO, 2004, p.142).

No final dos anos 80, a minha infância se deu no bairro da Saúde, em Salvador, um território permeado de casarões com arquitetura barroca, calçados de pedras, uma igreja histórica, conhecida como Igreja de Nossa Senhora da Saúde e Glória desde 1723. Ele fica localizado próximo ao Pelourinho e tem efervescência cultural e histórica.

Figura 1- Pintura de José Maria de Almeida da Igreja da Saúde e Glória.



Arquivo: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/igrejas/saude-gloria.htm>.

¹ A UFBA foi criada em 18 de fevereiro de 1808, tem diversos cursos de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

² A UNEB foi criada em 1983, considerada a maior instituição pública de Ensino Superior da Bahia, estando presente em todas as regiões do estado.

Com relação aos espaços educativos, tive a minha passagem na Escola Izidro Monteiro na Pré-Escola, na Escola Municipal Casa da Providência da 1ª a 4ª série, na Escola Dr. Eduardo Bizarria Mamede da 5ª a 8ª série e no Colégio Mário Augusto Teixeira de Freitas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Somente neste colégio tive contato com as manifestações culturais, em especial a capoeira.

Nesse sentido, trago algumas informações históricas e imagéticas³ que me marcaram e que me levaram a refletir sobre a produção do conhecimento em capoeira, logo essa pesquisa funciona como atitude cotidiana (DEMO, 2000). A partir de 2006, começa a minha história com a capoeira, quando uma amiga chamada Tailla me convida para conhecer um grupo no Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, onde cursávamos o 3º ano do Ensino Médio. Meu primeiro grupo de capoeira foi o Porto da Barra, tendo como responsável o professor Fernando Conceição, apelido⁴ Porco Espinho. Treinei poucos meses no referido grupo, pois meu pai compreendia que a capoeira era candomblé e me proibiu de praticá-la. Apesar de entender que existem elementos que entrecruzam essas duas manifestações, com relação aos toques, cantos, movimentos e rituais (PIMENTA, 2015), mas ambas as expressões artísticas e culturais no meu entendimento são independentes em sua prática e devoção.

Ainda em 2006, tive a “sorte” de começar a ter capoeira na Igreja Batista Missionária da Independência (IBMI), a qual eu frequentava; sendo assim, passei a treinar no Grupo de Capoeira Carvalho de Moré, sob liderança de Maria Aparecida Zaconni⁵. O grupo foi fundado pelo professor Laurenci, mas teve contribuição ao longo dos anos dos professores Gildásio, Cesar, Fabiano, Val, Ratinho, Pesado, Dendê e do mestre Pitanga. A experiência no grupo Carvalho de Moré contribuiu para que eu cursasse Educação Física na UFBA, pois o meu desejo era ensinar capoeira nas escolas públicas, principalmente no ensino infantil e fundamental.

Nesse sentido, a partir de 2007, inseri-me em outras escolas tradicionais de capoeira como: Associação de Capoeira Toques de Berimbaus, tendo como líder do grupo o mestre Reginaldo Porto, mas treinei com Adriano Ferreira, apelidado de professor Ratinho.

³ Apresento outras imagens no apêndice 1- vivências na capoeira.

⁴ Os capoeiristas, geralmente, são conhecidos pelos apelidos ou nomes de guerra na capoeira.

⁵ Conhecida como Tia Cida, tinha forte liderança no grupo, só não ensinava capoeira, mas era responsável pela matrícula dos alunos, visita a outros grupos, dentre outros.

Figura 2- Treino de capoeira no Dique do Tororó em 2007. Presença do professor Lua Branca, monitor Pezão, aluna Floresta (França), Ábia Lima e alunos do professor Ratinho.



Arquivo: Adriano Ferreira.

Em 2009, assim que ingressei na UFBA, cursei a disciplina de capoeira no currículo de educação física com a professora Amélia Conrado e posteriormente atuei como monitora desta disciplina durante quatro semestres. Paralelo a isso, desenvolvia o projeto de ensino, pesquisa e extensão intitulado de “Capoeiragem no Centro de Educação Física e Esporte da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade” que deu base para atuar na experiência de ensino de capoeira e aprofundar os estudos com relação a esta área de conhecimento.

Ainda em 2009, inseri-me no grupo Nação Capoeira, tendo como responsável Marcos de Souza Sacramento Alabama, mestre Alabama. No mesmo ano, frequentei o Forte do Barbalho em Salvador, treinei inúmeras vezes com o contramestre Aranha, que faz parte do Centro Esportivo de Capoeira Angola do Mestre João Pequeno de Pastinha.

Figura 3- Oficina de capoeira na FACED em 2011. Presença do professor Pesado no berimbau, Ábia Lima no atabaque, visitantes e alunos do projeto Capoeiragem UFBA.



Arquivo: Acervo Pessoal.

Em 2011, fiz alguns treinos com Ricardo da Silva Barata, mestre Ryck, responsável pelo Grupo de Capoeira Angola Sal da Terra. Posteriormente, em 2012, o único grupo que continuei treinando foi Nação Capoeira, até o presente momento.

Figura 4- Monitoria na disciplina de capoeira na FACED/UFBA em 2012. Presença de Amélia Conrado, Ábia Lima e alunos.



Arquivo: Amélia Conrado.

Na graduação, aproximei-me do grupo de pesquisa História da Cultura Corporal, Educação, Lazer e Sociedade (HCEL)⁶, ao qual a minha professora de capoeira no Curso de Educação Física, Amélia Conrado, era vinculada, pois comecei a ser bolsista e monitora do projeto Capoeiragem no CEFE da UFBA, sob sua orientação.

Posteriormente, cursei a disciplina de Seminário I com o professor Cesar Leiro; ao final da disciplina produzi o ensaio monográfico e me “encantei” profundamente com a produção do conhecimento. Buscando dar continuidade aos estudos, acabei me aproximando e me vinculando ao grupo de pesquisa MEL⁷, sob coordenação do referido professor.

Em seguida, meu ensaio monográfico se transformou no meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Capoeira na perspectiva pedagógica: a experiência do projeto capoeiragem da UFBA”, sob orientação de Amélia Conrado. Também trago a sistematização⁸ de trabalhos apresentados em eventos científicos que envolveram a área da Educação Física, fruto de experiências adquiridas ao longo da graduação e pós-graduação na UFBA.

Todas as experiências relatadas acima contribuiram para o meu estudo e empenho pela temática que se dão pela minha inquietação, enquanto pesquisadora e praticante de capoeira

⁶ Maiores informações acessar o site: <http://www.hcel.ufba.br/index.htm>.

⁷ Maiores informações acessar o site: <https://grupomel.ufba.br/quem-somos>.

⁸ Informações estão disponíveis no Apêndice 2.

há dez anos. Considerando a trajetória e buscando aprofundar os estudos, surgiu nossa pergunta investigativa que foi: Quais as concepções teóricas sobre capoeira e educação nas dissertações e teses da UFBA e UNEB?

Diante disso, nosso objetivo geral foi discutir criticamente a produção do conhecimento que entrecruza a educação e capoeira nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFBA e UNEB; também teve objetivos específicos como: identificar as produções científicas sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB; e analisar as concepções teóricas sobre capoeira e educação nas dissertações e teses da UFBA e UNEB. Corroborando com Morin (2010, p.15) “é o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do homem” (2010, p.15).

A dissertação foi desenhada levando em consideração cinco capítulos conforme descrição a seguir:

No primeiro capítulo, “**Pesquisa em jogo**”, apresentamos a justificativa da pesquisa contendo as gingas, os movimentos e as produções com a capoeira, também fizemos a descrição da dissertação.

O segundo capítulo, intitulado de “**Aspectos históricos, culturais e educativos da capoeira**”, foi constituído pela revisão de literatura sobre a capoeira, elucidando questões sobre o termo, o significado, a origem, os estilos, a visibilidade, os aspectos históricos, culturais e educativos que perpassaram pela capoeira. Também, o subcapítulo “Educação no jogo e na roda de capoeira”, a “Produção do conhecimento em jogo” e “O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática. Nesse sentido, foram elencados os estudos, os sentidos, os significados, os aprendizados, os ensinamentos, as relações entre educador/educando, as questões de gênero no ritual do jogo e da roda.

No terceiro capítulo tratamos das **Gingas metodológicas** contendo o delineamento das trilhas para responder a pergunta de investigação; também exibimos o “Panorama da Pós-Graduação *Stricto Sensu* na UFBA e UNEB” e as “Dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB”.

O quarto capítulo foi dedicado a “**A capoeira e a educação como produção do conhecimento**”, desdobramentos das análises das concepções teóricas sobre capoeira e educação nas dissertações e teses da UFBA e UNEB.

O quinto capítulo, intitulado de “**Adeus, Adeus. Boa Viagem**” abordamos as limitações, os resultados e as contribuições do estudo para a produção do conhecimento científico. E, por fim, foram expostas as referências utilizadas no estudo, bem como os apêndices.

Diante disso, tivemos o desejo de contribuir com reflexões e debates acerca da capoeira e educação, podendo também inspirar e agregar subsídios teóricos a outras produções científicas e práticas pedagógicas em torno dessa luta/dança que tem relevo cultural, social, musical, artístico, poético, técnico, educativo e político.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E EDUCATIVOS DA CAPOEIRA

“Quem não conhece essa capoeira, não pode dar o seu valor.
 Todos podem aprender, general também doutor.
 Quem desejar aprender venha aqui em Salvador.
 Procure o Mestre Pastinha, ele é o professor”.⁹

Para esse capítulo da revisão de literatura, é oportuno ressaltar que não tivemos a pretensão de produzir respostas acerca dessa prática corporal, mas de discuti-las fundamentados em diversos estudos científicos. A discussão que segue diz algo sobre nossas dúvidas, inquietações, percepções, surpresas e aspirações de uma constante investigação sobre a temática. Logo, um dos desafios lançados a essa escrita foi de (re) contar o surgimento, o vocábulo, a definição, o ritual, os estilos, a visibilidade, a expansão e a relevância da capoeira.

Segundo Barreto “para bem se conhecer uma instituição, uma ciência, um país, era necessário saber-lhes a história; e ninguém, penso, pode admitir que se possa administrar bem qualquer coisa sem a conhecer perfeitamente” (2005, p.92). Diante disso, é interessante compreendermos que há uma crescente diversidade de livros e pesquisas científicas retratando os aspectos históricos, culturais, artísticos e sociais da capoeira, porém a história da capoeira ainda é permeada de mitos e controvérsias (VIEIRA e ASSUNÇÃO, 1998) que foram (e são) (re) produzidas em diversas fontes de pesquisa.

A respeito da origem da capoeira, sabemos que os estudos dedicados a compreender o processo civilizatório africano-brasileiro podem elucidar as diversas especulações e contradições que existem nas produções científicas. Nesse sentido, tomamos a produção de Luz (2013), o qual afirmou que esse processo deixou um legado africano para o Brasil, podendo ser visto nos princípios e valores desta tradição que engendram identidades e relações sociais. Estima-se que o Brasil recebeu em torno de três a seis milhões de negros escravizados da África que foram deportados nas praias brasileiras e aqui viveram péssimas condições de vida, trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar, minas, plantações de café e fazendas de gado (SANSONE, 2003).

Assim, expomos a discussão da origem, a partir de três possibilidades presentes no dossiê da capoeira (BRASIL, 2007)¹⁰ que foram: 1- A capoeira surgiu na África Central e foi

⁹ Música: Procure o Pastinha. Autor: Mestre Pastinha.

¹⁰ Essa produção foi elaborada por mais de 20 pesquisadores, representantes das cidades de Recife, Rio de Janeiro e Salvador.

trazida intacta por africanos escravizados. 2- A capoeira é invenção de escravos quilombolas no Brasil. 3- A capoeira é criação dos índios, por isso tem a origem do vocábulo.

Com relação ao primeiro quesito, pode ser descartada a hipótese, pois apesar de haver danças de combate africanas^[06] que são similares à capoeira como Muringue na Ilha de Madagascar, Mani em Cuba e Ladja na Martinica (SCALDAFERRI, 2009), porém o seu começo é brasileiro tendo o mito e fundamento africano (ABIB, 2005).

A capoeira é como um mosaico, formada por diferentes danças africanas ancestrais (SOARES, 2004). Seguindo esse fio condutor, é digno de nota que existem danças africanas à base de pernadas que já foram chamadas de capoeira como: Pernada, Banda ou Batuque do Rio de Janeiro, da Tiririca em São Paulo e da Punga no Maranhão, do Tombo da Iúna no interior da Bahia ou batuque baiano (SODRÉ, 2002). Portanto, a capoeira passou por diversas transformações de ordem social, econômica, política, cultural, educacional, entre outros, inclusive pelo fato de ter sido forjada historicamente e abrangido distintos contextos, evidenciando ser improvável manter uma cultura intacta num contexto dinâmico de sociedade.

A nossa cultura é mestiça traz elementos e valores dos povos negros, indígenas e brancos (europeus) que chegaram por meio de caravelas (MURICY, 1998) no solo brasileiro. Sendo assim, embora haja estudos científicos que tragam contribuições dos povos indígenas para a criação da capoeira (LUSSAC, 2015), mas o terceiro quesito pode ser invalidado.

Dessa forma, o segundo quesito responde ao questionamento de gênese da capoeira. Rego (2015) afirma baseado em documentos escritos e na convivência e diálogo com capoeiras¹¹ antigos e atuais que habitaram na Bahia, que a capoeira seja uma invenção dos africanos escravizados no Brasil. Paradoxalmente, alguns estudiosos defendem que a capoeira é uma manifestação genuinamente brasileira (CAMPOS, 2001; SILVA, 2002). No presente estudo, adotamos a versão que melhor explica a origem da capoeira como manifestação de canto, dança e jogo, tendo em vista que as diversas pesquisas referenciadas afirmam que os africanos escravizados trouxeram consigo costumes e crenças de sua terra natal e, no solo brasileiro, criaram essa manifestação corporal.

Para Vieira e Assunção (1998), a capoeira passou a ser documentada, a partir de 1850, ocorrendo a sua difusão do Nordeste e Norte para o Sudeste do Brasil. Em consonância com Valdés (2015), a capoeira era uma forma de luta pela libertação dos negros escravizados no Brasil, porém por diversos motivos como a repressão policial, os preconceitos sociais e a necessidade de protegê-la como expressão artística ela torna-se jogo entre camaradas.

¹¹ Modo como à gente se refere para os indivíduos que praticam capoeira.

A capoeira, além de ser considerada uma expressão artística, é um fenômeno cultural, então “pode-se pensar, então, a cultura como caminhos cultivados, nos quais o homem é o sujeito da ação, o formulador das regras do jogo, portanto, um estrategista” (CUNHA, 2007, p.509). Sendo que a cultura está presente na maneira das pessoas se expressarem e se relacionarem com o mundo, isso pode ser analisado na música, ginga, dança; forma de sorrir, falar e cantar (FREIRE, 2003). Dessa forma, compreendemos que as culturas interferem nas relações interpessoais e na sociedade, sendo que elas sofrem variações de acordo com o local, o contexto histórico e a maneira de pensar e agir dos sujeitos.

Para aprofundar a discussão vale destacar a citação de Rubim (2017) que assinala que a cultura já foi confundida com escolarização, deixando evidente a distinção social de classe: os dominantes detêm cultura e são educados, enquanto os indivíduos que não tinham acesso às escolas e universidades, não tinham cultura e educação, sendo que esse entendimento não se dá por haver sobreposição das culturas, mas por determinados grupos estarem em classes sociais diferentes e exercerem dominação, e assim serem legitimados. Nesse sentido, existem as culturas eruditas associadas ao trabalho intelectual profissional e especializada e as culturas populares que são sistemas simbólicos de grupos sociais subalternos, construídas numa relação de dominação.

Nesse sentido, é válido acrescentar que de acordo com Abib (2015) há um fortalecimento de determinadas manifestações culturais que por muito tempo foram desvalorizadas e desarticuladas. Atualmente, algumas formas culturais são valorizadas, reconhecidas e vitalizadas e estão ocupando diversos espaços na sociedade, sejam formais ou informais. Tem-se como conjunto de formas culturais: dança, música, autos dramáticos, poesia, ciência sobre a saúde, artesanato, formas rituais e tradições de espiritualidade (CARVALHO, 2010), e a capoeira é um exemplo de forma cultural ou a própria cultura em jogo.

Com relação ao termo da capoeira, comumente é entendido como mato ralo, mas apresentamos, no item seguinte, as diversas acepções espalhadas pelo Brasil. Mas é válido ressaltar que esse termo foi apontado pela primeira vez em 1712 por Rafael Bluteau, depois por Moraes em 1813, e posteriormente tornou-se terreno de polêmica e busca etimológica (REGO, 2015).

Quadro 5- Diversas acepções do vocábulo capoeira.

<p>Capoeira, s.f.– Espécie de cesto feito de varas, onde se guardam capões, galinhas e outras aves.</p> <p>Capoeira, s.f.– Local onde fica a criação.</p> <p>Capoeira, s.f.– Carruagem velha.</p> <p>Capoeira, s.f.– Tipóia.</p> <p>Capoeira – Termo de fortificação, designando a escavação no fundo de um poço seco, guarnecida de um parapeito com seteiras e de um teto de franchões, sobre que se deita uma grossa camada de terra.</p> <p>Capoeira, s.f.– Espécie de cesto com que os defensores duma fortaleza resguardam a cabeça.</p> <p>Capoeira, s.f.– Designa uma peça de moinho.</p> <p>Capoeira, s.f.– Mato que foi cortado.</p> <p>Capoeira, s.f.– Lenha que se retira da capoeira, lenha miúda.</p> <p>Capoeira,s.f.– Designa uma ave (<i>Odontophorus capueira</i>, Spix), também conhecida pelo nome de Uru.</p> <p>Capoeira, s.f.– Espécie de jogo atlético.</p> <p>Capoeira açu, s.f.– Chamam-se, no Maranhão, a capoeira que tem mais de 12 anos.</p> <p>Capoeira mirim, s.f.– Chamam-se, no Maranhão, a capoeira que tem menos de 12 anos.</p> <p>Capoeira grossa, s.f.– Capoeira onde já existem árvores grandes e grossas.</p> <p>Capoeira rala, s.f.– Capoeira que se corta constantemente.</p> <p>Capoeira de machado, s.f.– Capoeira de grandes arbustos que só pode ser cortada com machado. Em Pernambuco é chamado capoeirão de machado.</p> <p>Capoeira de foice, s.f.– Capoeira que pode ser cortada com a foice.</p> <p>Capoeira, s.m.– O que pertence ao jogo da capoeira.</p> <p>Capoeira, s.m.– Indivíduo desordeiro.</p> <p>Capoeira, s.m.– Ladrão de galinha.</p> <p>Capoeira, s.m.– Espécie de veado existente no Nordeste.</p> <p>Capoeira, s.m.– Matuto, indivíduo na capoeira.</p> <p>Capoeirão, s.m.– Homem velho e pacato pela idade.</p> <p>Capoeirão, s.m.– Capoeira bastante grossa.</p> <p>Capoeirano s.m.– Termo usado no Recôncavo da Bahia para designar o habitante em terras de capoeira.</p> <p>Capoeirada, s.f.– Conjunto de capoeiras.</p> <p>Capoeiragem, adj.– Ato de capoeira.</p> <p>Capoeiroso, adj.– Relativo à capoeira.</p> <p>Capoeirar, v.– Burlar intentos, ladinar, enganar.</p> <p>Capoeirar, v.– Prender aves em grandes cestos ou capoeiras.</p> <p>Capoeirar, v.– Andar pelas capoeiras.</p> <p>Encapoeirar, v.– O mesmo que capoeirar.</p> <p>Encapoeirado, adj.– Metido na capoeira, escondido na região das capoeiras.</p> <p>Encapoeirado, adj.– Terreno já coberto de capoeira.</p>
--

Diante de tantas acepções sobre a capoeira, algumas já vistas na literatura como tipo de cesto que guardava aves, mato que já foi cortado, indivíduo desordeiro ou capadócio; percebemos que essa manifestação está profundamente atrelada às culturas locais, as quais têm aspectos geográficos, culturais e etimológicos específicos (BRASIL, 2007). Sendo assim, a relação da palavra e a expressão corporal brasileira têm de ser analisada dentro dos contextos sociais em que foram utilizadas, as condutas humanas e designações atribuídas. A palavra capoeira está relacionada diretamente com a origem tupi-guarani (ARAÚJO, 1997).

Para tanto, ressaltamos que a capoeira permite múltiplos sentidos e concepções, Rocha et al (2015, p.407)¹² concebe que “a capoeira é uma expressão cultural dos africanos - origem brasileira que combina arte marcial, esporte, ritual, jogo, dança e música”. Com relação à arte marcial, Araújo (1997, p.24) diz que há uma vinculação a Marte, o deus da guerra, oriunda do Oriente e tinha a finalidade de “eliminar o adversário ou inimigo da maneira mais rápida e mais eficaz, logo uma preparação com fins eminentemente guerreiros”. Dessa forma, a capoeira não pode ser considerada arte marcial, pois ela surgiu em outro contexto que entrelaçou a cultura africana e brasileira e de outra necessidade como movimento libertário, resistência, expressão corporal e luta. Com isso, produzimos um poema na tentativa de expressar o sentido e o significado da capoeira.

Capoeira é poesia, melodia, dança e luta.
 Momento, argumento, ação e contradição.
 Permeada de história, oratória de povos africanos
 Angolanos, congos, dentre tantos, poderia relatar.
 Não posso esquecer os indígenas com suas culturas ricas,
 Aqui vieram agregar.
 A capoeira é o próprio motivo da existência, da essência
 Dos que praticam essa manifestação afro-brasileira
 Pode ser definida como arte, malandragem,
 Movimento libertário que envolve corpo e jogo,
 Ancestralidade e oralidade.
 Ela provoca arrepios, desafios a serem superados.
 No jogo e na roda da vida.
 Não estou falando de todos estilos
 Somente a uma eu me refiro
 Pela sua expressão contra a espetacularização
 Além do capitalismo que tenta reproduzir
 A mecanização do corpo, da mente e da alma.
 A capoeira Angola liberta,
 Expressa o canto, o desejo e a criatividade da arte
 Que é difícil se enquadrar.
 E pra continuar, você precisa vivenciar
 Pra confirmar se tudo que eu falei é mito ou contraste¹³.

¹² Texto original “Capoeira is a cultural expression of African - Brazilian origin that combines martial art, sport, ritual, play, dance, and music”.

¹³ Poema: Concepção de Capoeira. Autoria pessoal.

Com isto, apresentamos também diversos significados da capoeira para 15 jovens, entre 15 e 29 anos, pertencentes a cinco grupos de capoeira em Salvador, que a definiram como: saúde, bem-estar, qualidade de vida, condicionamento físico, exercício físico, esporte, arte marcial, postura, amizade, sociabilidade, companheirismo, inclusão, diversão, alegria, autoestima, superação, disciplina, concentração, respeito, hierarquia, educação, esperteza, expressão, beleza, filosofia de vida, arte, jogo, cultura, dança, música, história, luta, tradição, ginga, movimentos, identidade, defesa, ar, conhecimento, mundo infinito, desenvolvimento de habilidades, tudo, completa, aprendizado de limites pessoais, corporais e valores (FRANÇA; LEIRO, 2017).

Ainda sobre essa perspectiva, no nosso Trabalho de Conclusão de Curso¹⁴, apreendemos alguns significados similares e outros singulares dos praticantes de capoeira como: aprendizado para a vida, coletividade, conhecimento corporal, formação política, emancipação humana, amizade, autodefesa, auto-organização, atenção, compreensão, dedicação, desenvolvimento da noção espacial e do cognitivo, determinação, disciplina, educação moral, educação ética, força, harmonia, integração, interação, inclusão social, liberdade, metodologia crítico-superadora, movimento, obediência, oralidade, paciência, participação, pluriculturalidade, regra, relação interpessoal, resistência, resgate da cultura, respeito, sincronia, sociabilidade, superação da alienação, troca de conhecimento e valores humanos (FRANÇA, 2013).

Tais significados elencados anteriormente nos permitiram afirmar que a capoeira possui distintos elementos estéticos, históricos, artísticos, filosóficos, éticos, culturais, sociais, corporais, educativos, dentre outros, que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, a ampliação do conhecimento, a qualidade de vida e a formação da identidade das crianças, dos jovens e dos adultos. Nesta reflexão, nos demos conta que a capoeira pode representar também passatempo, recreação, entretenimento, treinamento dedicado, fonte laboral ou trabalho em shows e apresentações artísticas e culturais (VALDÉS, 2015).

Com essa intenção, compreendemos que a capoeira é um movimento de resistência e luta que tem galgado diversos espaços e inspirado pesquisadores, atores, escritores, cineastas, artistas, professores, aspirantes nas produções artísticas, corporais, científicas, poéticas e cinematográficas. Na perspectiva de trazer mais informações, objeto de outras linguagens, realizamos um mapeamento de produções cinematográficas, a partir dos estudos de Rego

¹⁴ Colhemos depoimentos de 40 participantes, entre a faixa etária de 8 a 39 anos, do projeto de extensão Capoeiragem na UFBA, em 2011.

(2015), Castro Júnior (2010) e dos vídeos com disponibilidade pública no canal do Youtube que será exibido logo abaixo.

Quadro 6- Conjunto de filmes de curta e longa-metragem que retratam sobre a capoeira

FILME	AUTOR	ANO
Os capadócios da cidade nova	Antônio Leal	1908
Vadição	Alexandre Robato	1954
A Capoeiragem na Bahia	A. Robatto Filho	1954
Um dia na rampa	Luíz Paulino dos Santos	1955
Os bandeirantes	Marcel Camus	1960
Barravento	Glauber Rocha	1961
O pagador de promessas	Anselmo Duarte	1961
A grande feira	Roberto Pires	1961
Tocaia no Asfalto	Roberto Pires	1962
Senhor dos navegantes	Aloísio T. de Carvalho	1964
O pulo do gato	Jair Moura	1968
Dança da Guerra	Jair Moura	1968
Festas na Bahia de Oxalá	Ronaldo Duarte	1969
Bahia por exemplo	Rex Schindler	1970
Tenda dos milagres	Nelson Pereira da Costa	1976
Cordão de Ouro	Antonio Carlos da Fontoura	1977
Jubiabá	Nelson Pereira da Costa	1985
Esporte Sangrento	Sheldon Lettich	1993
Pastinha: Uma Vida pela Capoeira	Antônio Carlos Muricy	1998
O velho capoeirista: Mestre João Pequeno de Pastinha	Pedro Rodolpho Jungers Abib	1999
Madame Satã	Karim Ainouz	2002
Iê viva meu Mestre	Manoela Ziggianti, Selma Perez e Valesca Dios	2004
Mestre Bimba: A capoeira Iluminada	Luiz Fernando Goulart	2005
Mandinga em Manhattan	Lázaro Faria	2006
Memórias do Recôncavo: Besouro e Outros Capoeiras	Pedro Rodolpho Jungers Abib	2008
Besouro	João Daniel Tikhomirow	2009
Jogo de corpo: capoeira e ancestralidade	Richard Pakleppa, Matthias Rohrig Assunção e Mestre Cobra Mansa	2013

Arquivo: Elaborado pela autora.

As 27 produções cinematográficas mapeadas, de 1908 a 2013, trataram sobre diversos aspectos da capoeira, e a maioria das obras elegeu o estado da Bahia, sobretudo Salvador como continente da capoeira. É válido destacar que os filmes colaboraram para a divulgação da capoeira (inter) nacionalmente e tiveram premiações em festivais como “O pagador de Promessas no Festival de Cinema de Cannes, Barravento, no Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia e o curta-metragem Briga de Galos, no Festival dei Popoli, em Florença” (REGO, 2015, p.355). Cabe uma reflexão das transformações, “descaracterizações” que ocorreram em algumas interpretações e apelações dos corpos dos capoeiras para que fossem “aceitos” e “vendidos” de forma espetacularizada nas produções. Algumas obras também trouxeram aspectos do cotidiano no Centro Histórico de Salvador e de outros lugares da Bahia como Recôncavo Baiano, denunciaram os preconceitos contra negros e culturas populares, bem como as perseguições às práticas religiosas, as desigualdades de gênero, econômicas e raciais. Outras também apresentaram elementos da capoeira que são valorizados e preservados pelos velhos mestres.

Cabe salientar que devemos compreender os filmes para além das imagens, podendo transitar entre ficção e contexto real da sociedade; trazem as imagens em movimento, os discursos dos atores e das atrizes, o período histórico, a temática (CASTRO JÚNIOR, 2010), assim possibilita o avanço na compreensão histórica, simbólica, cultural, artística, filosófica da capoeira no passado e na contemporaneidade.

A capoeira, na perspectiva das artes plásticas, tem contribuição de Mario Cravo Júnior, Aldemir Martins, Hector Julio Páride Barnabó (Carybé), Moritz Rugendas, Jean Baptiste Debret (REGO, 2015), além de outros artistas. Demonstramos cinco figuras abaixo contendo algumas obras dos artistas.



Figura 8- Desenho da Cena de Capoeira de Aldemir Martins¹⁶

Figura 7- Escultura da Capoeira de Mario Cravo Júnior¹⁵



Figura 9- Desenho da roda de capoeira de Carybé¹⁷

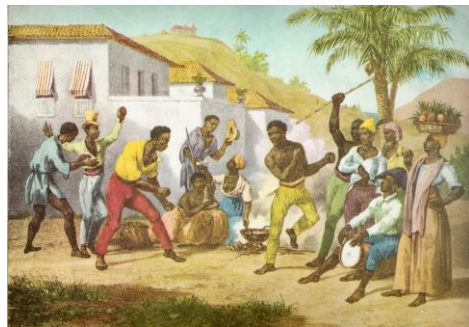


Figura 10- Desenho do jogo de capoeira de Rugendas¹⁸

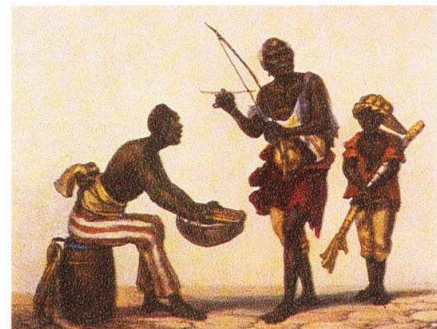


Figura 11- Desenho de Debret¹⁹

¹⁵Disponível em: https://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=3769

¹⁶ Disponível em: <http://www.oscarfreireleiloes.com/peca.asp?ID=1615305>

¹⁷ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/827817975225536286/?lp=true>

¹⁸ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/488570259566113573/?lp=true>

¹⁹Disponível em: https://br.pinterest.com/carolina_lovato/jean-baptiste-debret/?lp=true

É importante frisar que através dos desenhos e das esculturas podemos analisar o cotidiano (re) produzido ou (re) criado dos capoeiras, as suas expressões gestuais, as vestimentas, os elementos musicais, os espaços que frequentavam, dentre outras questões que nos trazem sentimentos, percepções e entendimentos da pequena e grande roda. Castro Júnior acentua que as criações artísticas também possibilitam o invisível, claro, escuro, alto, baixo, denso, fino, permeada de inovações e ideias que são construídas pelas mãos dos artistas. “A arte plástica foi um instrumento importante para ampliar os campos de visibilidade de capoeira baiana, no Brasil e no mundo” (2010, p.166).

Na perspectiva da literatura, a capoeira foi fonte de inspiração para diversos intelectuais que elucidaram elementos dessa luta/dança em suas obras literárias. A seguir, apresentamos o mapeamento de escritores que abordaram sobre a capoeira, a partir dos estudos de Rego (2015), Oliveira e Leal (2009), Pires (2010) e Reis (1994).

Quadro 12- Nomes dos escritores e obras literárias que retrataram sobre a capoeira

ESCRITORES	OBRAS LITERÁRIAS
Manoel Querino	A Bahia de outrora (1916) Costumes africanos no Brasil (1988)
Edson Carneiro	Religiões negras e negros bantos (1937)
Nina Rodrigues	As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1957)
Arthur Ramos	O negro brasileiro/ etnografia religiosa (1951)
Plácido de Abreu	Os capoeiras (1906)
Coelho Neto	O nosso jogo: bazar (1928)
Adolfo Morales de Los Rios	Capoeiras e capoeiragem (1926)
Jorge Amado	Os capitães de areia (1983) Jubiabá (1935) Mar Morto (1936) Os velhos marinheiros (1973) Bahia de todos os santos (1944) Tenda dos Milagres (1969)
Machado de Assis	Crônicas: 1878-1888 (1938)
Manoel Antônio de Almeida	Memórias de um sargento de milícias (1944)
Alexandre Mello Morais Filho	Festas e tradições populares no Brasil (1901) Capoeiragem e Capoeiras Célebres (1979)
Sílvia Romero	Poesia popular no Brasil (1981)
Aluísio de Azevedo	O cortiço (1890)
Viriato Correia	Casa de Belchior (1936)
Odorico Montenegro Tavares	Bahia/Imagens da Terra e do Povo (1961) Os Caminhos de Casa/ Notas de Viagem (1963)
Gilberto Amado	Minha Formação em Recife (1955)
João Marques de Carvalho	Hortência (1888)
José Sampaio de Campos	Gostosa de Belém de Outrora (1965)
Carlo Ginzburg	O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício (2007)
Nélio Reis	Subúrbio (1937)

Lauro Palhano	O gororoba: cenas da vida proletária (1943)
Dalcídio Jurandir	Ciclo extremo-norte
Jacques Flores	Panela de barro (1990)
Bruno de Menezes	Batuque (2005)

Arquivo: Elaborado pela autora

O recorte acima teve limitações, mas buscou levar em consideração as informações que estavam postas nas referidas produções científicas. É válido acrescentar que localizamos 24 escritores e 32 obras literárias de 1888 a 2007, dentre elas: romances, crônicas e poesias trazendo aspectos culturais, sociais, esportivos, tradicionais, cotidianos da capoeira na Bahia, em sua maioria, também em Recife e em Belém.

De tal modo, independente da representação da capoeira, por meio de poesias, pinturas, esculturas, fotografias, dentre outras formas expressivas; os corpos dos capoeiristas realizam movimentos; propagam desejos, necessidades, anseios; vencem obstáculos na vida; carregam subjetividades e objetividades nos corpos que são frutos do comportamento social imposto. Esses corpos também demonstram saberes, conhecimentos, gestualidades, ancestralidades, que refletem relações históricas entre colonizador e colonizado (CASTRO JÚNIOR, 2014), também gingam, defendem-se, enganam, atacam, dialogam corporalmente; cantam ladainhas, quadras, chulas, coros; tocam berimbaus, pandeiros, atabaques, agogôs e reco-recos; lutam por seus ideais e sonhos; encontram na capoeira seu motivo de existência, sua sobrevivência, sua diversão, seu lazer e sua qualidade de vida.

Figura 13- “Negros lutando, Brazil” (EARLE, 1822).



Fonte: Centro de Referência da Capoeira Carioca.

Para avançar em tal reflexão, expomos algumas imagens por conta de suas potências de comunicação e por resgatarem algo do passado, mas que têm força no contemporâneo

(CASTRO JÚNIOR, 2010). Entendemos, dessa maneira, que as exposições das imagens ao longo da escrita fizeram parte do texto e que foram importantes por trazerem recortes de determinado período, mesmo que de forma subjetiva. Na figura apresentada, há dois indivíduos lutando, um sujeito realizando um golpe de ataque e o outro se defendendo, bem como um soldado na imagem, porém não encontramos instrumentos. Conforme explica Carneiro, “há notícia da capoeira desde a transferência da capital do País da Bahia para o Rio de Janeiro (1763), mas, tratando-se de uma forma de luta pela liberdade, não seria de esperar a presença de instrumentos musicais” (1977, p.19).

Diversos estudiosos argumentam que foi através de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, depois para outros locais do Brasil que tal fenômeno se deu com maior magnitude e representatividade no contexto nacional. Essa difusão aconteceu na segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Os capoeiras provocavam muito tumultos e estavam associados ao mundo do crime (BRASIL, 2007). Sobre esta perspectiva, Soares (2004) completou que além dessas três cidades, fontes seguras da capoeira apontaram o seu início em São Luís do Maranhão também. Com relação a esse entendimento, Abib assinala que:

Falar em capoeira obrigatoriamente nos faz pensar em diversidade. Não se pode afirmar ao certo o local exato do surgimento dessa manifestação. Por isso, seria mais coerente pensar que a capoeira foi se desenvolvendo de forma diversificada em várias partes do Brasil, com suas especificidades e formas diferentes de se manifestar (2015, p.87).

Nesse contexto polêmico, Soares (2004) citou que a capoeira era uma marca da tradição rebelde no século XIX, reunindo escravos, livres, imigrantes, brasileiros, jovens, adultos, brancos e negros; já no século XX, a capoeira carioca desapareceu das crônicas por conta da forte repressão, principalmente por João Batista Sampaio Ferraz, primeiro chefe da polícia na era republicana. A respeito disso, o autor ainda afirma que Sampaio:

Comandou com mão de ferro a ‘redenção’ da cidade. Todos foram presos sem distinção de idade, sexo, cor, religião, e mesmo origem social: o herdeiro da maior fortuna lusitana no Rio e do jornal. O Paiz foi colocado atrás das grades e deportado num vapor barato. Mas era sem exceção. A grande massa dos encarcerados na vaga repressiva de 1890 era formada de negros, mulatos, pobres, ex-escravos, nordestinos, desempregados, biscateiros, que foram jogados sem dó nem piedade no porão do vapor Madeira, e mandados apodrecer no arquipélago de Fernando de Noronha-

sem processo, sem condenação, ou qualquer veleidade jurídica (IBIDEM, p.20).

Analisando os aspectos do cotidiano dos capoeiras entre 1912 e 1937 em Salvador, Oliveira (2004) identifica que esses protagonistas das ruas estavam submetidos às condições de sobrevivências que lhe ofereciam, portanto estavam sujeitos a cometerem delitos de variadas formas. Nesse sentido, os capoeiras experimentavam o universo da criminalidade e eram considerados desordeiros, arruaceiros, capadócios e perturbadores da ordem pública; mas também foram agentes culturais que reelaboraram as culturas e tradições a partir de 1930. Ainda nessa perspectiva, exibimos uma tabela com os perfis de alguns capoeiras (1908-1925) que foram importantes para a divulgação da nossa arte.

Tabela 1- Perfis de alguns capoeiras (1908-1925)

Nome	Apelido	Nasc	Cor	Natural de	Instrução	Ocupação	Residência
Agripino Marques de Oliveira	-	1880	-	Bahia	analfabeto	carregador	Pirajá
Alfredo João da Silva	Tripas ao Sol	1853	-	Santos / SP	analfabeto	pequeno negociante	
Alfredo Martins Teixeira	Caboclinho	1891	-	Bahia	analfabeto	marítimo / saverista / estivador	Paço
Antonio Américo dos Santos	Boca de Fogo / Antonio Boca de Porco	1888	mestiço	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	estivador / marítimo / capanga	Sé / Paripe
Arestides José de Santana	-	1879	negro	Salvador / BA	analfabeto	carregador / policial	Santo Antonio
Argemiro Manoel dos Santos	Argemiro Olho de Pombo-	-	negro	-	-	estivador	-
Arthur dos Santos	-	1895	-	-	alfabetizado	operário / ex-aprendiz de marinho	Penha
Cícero Rosendo das Mercês	Tibiriri	1892	-	-	-	marceneiro	Santo Antonio
Eutyquio Alves da Silva	-	1904	pardo	Bahia	-	carregador	Santo Antonio
Gregório Bispo dos Anjos	-	1894	pardo	Bahia	alfabetizado	carregador	Pilar
Inocência Firmino de Souza	Inocência Sete Mortes	1883	negro	Sertão da Bahia	analfabeto	carregador / policial / capanga	Penha
Irineu Navarro Costa	Cou	1893	negro	Bahia	analfabeto	Pedreiro	Pilar / Santo Antonio
João Ferreira de Andrade	João Gulodice	1871	mestiço	-	analfabeto	pescador/dono de casa de jogo	Conceição da Praia
João Francisco Pires	Três Pedagogos	1902	negro	Bahia	analfabeto	carregador / peixeiro	Brotas
José Albino dos Santos	Zebedeu	1891	pardo	Feira de Santana / BA	alfabetizado	policial / vigia / sapateiro / capanga	-
Júlio dos Santos Menezes	Tico	1873	negro	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	carregador	Pilar
Manoel Henrique Pereira	Besouro Mangangá / Cordão de Ouro	1885	negro	Santo Amaro da Purificação / BA	analfabeto	soldado do exército / saverista	Santo Antônio do Rio Fundo
Manoel Raymundo da Silva	-	1889	mestiço	Bahia	alfabetizado	marítimo	Paço
Martins Silveira Lima	-	1892	mestiço	Feira de Santana / BA	alfabetizado	pedreiro / carregador / trabalhador de trapiche	Brotas
Miguel Ferreira dos Santos	-	1886	-	Bahia	analfabeto	engraxate	Vitória
Pedro Celestino dos Santos	Pedro Porreta	1902	negro	Bahia	analfabeto	peixeiro / carregador / trabalhador de trapiche	-
Pedro de Alcântara Conceição	Pedro Piroca	1891	negro	Bahia	alfabetizado	peixeiro	Sé / Santo Antonio
Pedro José Vieira	Pedro Mineiro	1887	negro	Ouro Preto / MG	alfabetizado	carregador / marítimo / policial / capanga	Pilar
Samuel Luiz da França	Samuel da Calçada	1875	negro	Bahia	alfabetizado	carpinteiro / capanga	Mares
Sebastião de Souza	Bastião	1893	pardo	Conceição de Almeida / BA	-	policial / capanga	Mares
Valeriano Domingos Ramos	Percê	1888	-	Bahia	-	engraxate	Paço
Wenceslau da França Scalvino	Duquinha	1881	negro	Bahia	alfabetizado	estivador / fabricante de carroça / mecânico / capanga	São Pedro / Sé

Arquivo: Dias (2004) apud Notícias de Jornal, Processos Crimes. Coutinho, Daniel. Op. Cit., COELHO, H. Pinto. Op. Cit., Manoel Henrique “Besouro”. Seção Judiciária – Data limite C 1920-1927 – Sub. Série Tentativa de Homicídio, código 4-104/vol18.

Ao observar a Tabela 1, podemos inferir que a presença da mulher na capoeira era nula ou ínfima, divergente da atualidade em que sua presença tem sido crescente e constante nesse universo. Também constatamos que havia um número elevado de capoeiras negros e mestiços/ pardos, que eram analfabetos e desempenhavam trabalhos informais como: estivadores, carregadores, capangas, pescadores, pedreiros, dentre outros. O processo da escravidão deixou marcas profundas nas práticas culturais, religiosas, cotidianas dos povos negros. Estes são os que mais sofrem, em sua maioria, com as desigualdades sociais, os preconceitos e discriminações raciais; são os que menos acumulam o capital, vivem, uma grande parte, à margem da sociedade, ocupando outros quilombos (favelas), sendo explorados pelo sistema capitalista, juntamente com outros povos, fruto da miscigenação no Brasil.

É importante frisar que a capoeiragem²⁰ fez parte do Código Penal Brasileiro, em 1890, época em que os capoeiras possuíam personagens ambivalentes: ora causavam tumultos na sociedade, ora eram contratados pelos policiais para manter a ordem pública ou por políticos para serem capangas (SANTANA, 2009). Nesse sentido, podemos analisar as contradições e tensões que envolviam esses sujeitos que além de serem arruaceiros e denunciados nos jornais da época também faziam alianças com políticos e autoridades e se envolviam em conflitos partidários entre o Império e a República (ZONZON, 2017).

Nessa situação, os indivíduos que fossem pegos praticando capoeiragem ou portando navalhas, facas e porretes, ou compondo malta ou bando eram penalizados de diversas formas como: prisão de dois a seis meses, deportação para outros lugares, castigos corporais em público, dentre outros. A respeito disso, o dossiê da capoeira acrescenta que:

Antônio Liberac, com a experiência adquirida na sua pesquisa sobre a capoeira carioca, buscou localizar os capoeiras nos processos-crimes referentes ao artigo 303, que tratava dos crimes por lesão corporal, e conseguiu reunir 92 processos crimes, entre os anos de 1890 e 1930, encontrados através dos nomes mencionados pela tradição oral e dos elementos que, de acordo com o autor, faziam parte da cultura da capoeiragem (BRASIL, 2007, p.23).

Posteriormente, a partir de 1930, a capoeira ganha um novo significado social, começou a ser símbolo da identidade brasileira, esse período foi como um divisor de águas na sua história (DIAS, 2015), pois contribuiu para a legitimação da capoeira, tendo os grandes

²⁰ Tal conceito é tratado por Paulo Coelho de Araújo como exercícios de agilidade e destreza corporal, com a finalidade maléfica ou mesmo por divertimento oportunamente realizado.

protagonistas Mestres Pastinha e Bimba, da Capoeira Angola e Regional, respectivamente. Assim, concordamos com o pensamento de Oliveira (2009) quando ele diz que a capoeira deixa de ser um problema para o desenvolvimento da nação e ocupa o lugar de ‘ginástica nacional’ ou ‘esporte brasileiro’.

Essas mudanças têm relação com o contexto histórico, político, social, econômico, dentre outros, do período da Era Vargas. Nesta época, houve uma política de valorização do governo às manifestações nacionais, com acentuado ufanismo patrióticos; dessa forma, inicia-se a divulgação da capoeira como atração turística, profissão e inclusão em escolas e universidades (ESTEVEVES, 2004). A capoeira, nesse cenário, passou a ter outra conotação e assumiu diversas características da Educação Física (Ginástica e Esporte) para ser “aceita” na sociedade, adentrando os recintos fechados.

Ao considerar o contexto de Salvador, os locais preferidos para a prática da capoeiragem era “Boa Viagem, no Ano Bom, a Ribeira, na Segunda-Feira do Bonfim, o Terreiro, no Carnaval, e o Mercado Modelo, durante a festa da Senhora da Conceição” (CARNEIRO, 1977, p.14), também em frente à rampa dos saveiros, na feira de água de meninos, nas Sete Portas e na estrada da Liberdade (PIRES, 2010). Tal fato ainda é recorrente na atualidade, apesar de ter “conquistado” os recintos fechados como academias, escolas, universidades, dentre outros, mas sua presença é visível nas ruas, nas festas de largo, nas mobilizações sociais e no cotidiano.

Nessa perspectiva, trazemos a obra de Tofler (1980) para essa discussão, quando diz que a partir de 1930, caracteriza-se a segunda onda tendo a padronização, especialização, sincronização, concentração, maximização e centralização nos princípios inter-relacionados na sociedade. Essas características deixam reflexos na ambiência da capoeira, na qual passa a existir padronização de hierarquia por meio de lenços e cordas, utilização de fardamentos, metodologia de ensino, dentre outros.

Para avançar em tal reflexão, abordamos sobre o Manoel dos Reis Machado, conhecido na capoeira como Mestre Bimba, criou a Luta Regional Baiana, em 1928, que posteriormente se chamou Capoeira Regional. A intenção de criar uma luta que não tivesse o nome de capoeira foi estratégica para fugir da polícia, porque não se podia jogar capoeira, mas podia lutar a luta regional segundo Ângelo Decânio (MURICY, 1998). A referida luta é resultante de um conjunto de experiências corporais da Capoeiragem e no batuque²¹. Este

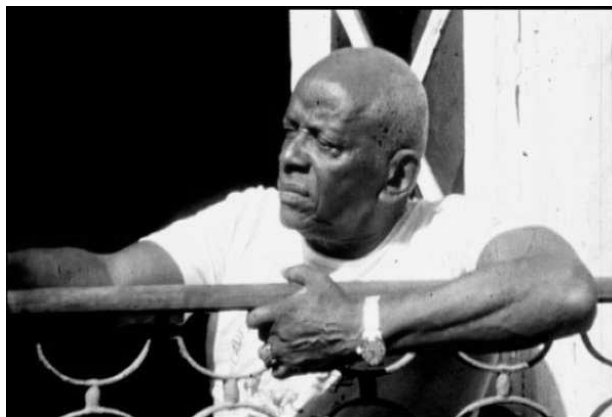
²¹ Era uma luta violenta com a finalidade de jogar o oponente no chão utilizando apenas as pernas.

estilo de capoeira possui as principais características como: exame de admissão²², sequência de cintura desprezada ou movimentos de projeção da capoeira²³, sequência de ensino de Mestre Bimba²⁴, batizado²⁵, esquentar banho²⁶, Iúna²⁷, formatura²⁸, curso de especialização²⁹ e toques de berimbau³⁰ (CAMPOS, 2001, p.37).

É válido registrar que o Mestre Bimba teve apoio de diversas classes sociais, e isso favoreceu na organização do processo técnico e teórico da sistematização do conhecimento. Exemplo disso foi um dos de seus alunos, Cisnando, grande conhecedor de algumas lutas como boxe e jiu-jitsu, atleta que ajudou na organização da metodologia de sequência de ensino (ALMEIDA, 1982). Cisnando, branco, era estudante de Medicina da UFBA; ele levou outros colegas da universidade para treinar capoeira com o referido mestre.

De acordo com Esteves (2004), para uma pessoa pertencer à academia do Mestre Bimba era necessário ter uma ocupação registrada na carteira de trabalho ou ser comprovadamente estudante. Esses critérios excluíram uma parcela significativa da sociedade, principalmente os negros e a população carente. Mas havia distribuição de bolsas para que os alunos de baixa renda pudessem frequentar suas aulas. Acrescenta Carlos Eugênio que o Mestre Bimba percebia que a capoeira estava enredada na repressão, então ele se colocou como redentor e modernizador da capoeira (GOULART, 2007).

Figura 14- Mestre Bimba



Fonte: (FONSECA, 2008).

²² O exame avaliava as valências físicas do iniciante, através da execução de três exercícios básicos como: cocorinha, queda de rim e ponte (CAMPOS, 2006).

²³ Constituída de uma sequência de golpes ligados e balões (IBIDEM, 2006).

²⁴ A sequência é composta por oito partes contendo os principais movimentos da capoeira (IBIDEM, 2006).

²⁵ Momento em que o aluno estava apto para jogar pela primeira vez na roda (IBIDEM, 2006).

²⁶ O esquentar-banho surgiu da necessidade dos alunos se manterem aquecidos (IBIDEM, 2006).

²⁷ A Iúna é um toque de berimbau criado por Mestre Bimba, dedicado ao jogo de formados (IBIDEM, 2006).

²⁸ Ritual com direito a madrinha, paraninfo, orador, lenço de seda azul e medalha (IBIDEM, 2006).

²⁹ Curso de aprimoramento dos alunos formados (IBIDEM, 2006).

³⁰ Toques: São Bento Grande, Santa Maria, Banguela, Amazonas, Cavalaria, Idalina e Iúna (IBIDEM, 2006).

Castro Júnior (2010) retratou sobre o imaginário social dos capoeiras, a emblemática figura do Mestre Bimba que foi construída pelas práticas discursivas. Havia aqueles que analisavam o referido mestre como o responsável pela descaracterização da capoeira, pois estava aliado ao poder dominante, e outros o veneravam por ter inovado a capoeira. O autor afirmou que o referido mestre foi responsável por aumentar o número de adeptos, independente da classe social, e por adentrar aos espaços institucionais.

A partir dessa leitura, podemos dizer que ele projetou a capoeira no Brasil, ocupando novos espaços na escola, academia, universidade, entre outros. Apesar de que esse desdobramento foi avassalador, acabou se modificando em muitos eventos diferentes daquilo que o mestre esboçou. Apesar de todos os feitos do Mestre Bimba na Bahia, ele tinha a percepção da ingratidão por todo seu trabalho e legado, por isso ele aceitou uma proposta do seu aluno Oswaldo de ir pra Goiânia e ter uma cadeira na universidade, só que foi enganado em Goiânia, passava fome e não comia, até que um dia teve Insuficiência Cardiorrespiratória e morreu desassistido (GOULART, 2007).

Bimba, a memória do povo
 Lhe prestará homenagem
 Enquanto os poderes públicos
 Faltam respeito e coragem
 Nos lembramos com pesar
 A sua última viagem³¹

Posteriormente, os seus discípulos lutaram pelo reconhecimento do Mestre Bimba, *post-mortem*; em 1977, a Rua Nordeste passou a se chamar Rua Mestre Bimba, no Bairro Nordeste de Amaralina; no Shopping Iguatemi uma placa com seu nome; a Prefeitura Municipal de Salvador construiu o obelisco Mestre Bimba, em forma de berimbau contendo o rosto dele, na Praça do Capoeirista conhecida como Praça Mestre Bimba; ele também foi outorgado *Doutor Honoris Causa* pela UFBA em 1996 (CAMPOS, 2009). Ele foi considerado o Patrono da Capoeira Brasileira, pois “[...] foi responsável por construir o caminho para a descriminalização da Capoeira e para sua valorização como patrimônio cultural brasileiro” (BRASIL, 2007, p. 5).

Já Vicente Ferreira Pastinha, conhecido na capoeira como Mestre Pastinha, foi o maior ícone da Capoeira Angola, propagou essa luta camuflada em dança com mistura de elementos lúdicos e combativos, permeados de ancestralidade, malandragem, entre outros. Mestre

³¹ Trecho do cordel de Bule-Bule intitulado de “Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro” (2014).

Pastinha dizia que a capoeira é manha, malícia³², mandinga³³, tudo que a boca come, ela tem negativa, pois nega e é positiva, por ser verdade (MURICY, 1998). É válido ressaltar que “muitos mestres famosos passaram pelas suas mãos, mas os mais importantes foram os dois ‘joões’: João Pequeno e João Grande, aos quais ele ensinou tudo, até o ‘pulo do gato’, como ele mesmo afirmava. Esses dois mestres se tornaram os herdeiros e os continuadores da obra de Pastinha” (ABIB, 2015, p.18).

E foi lá no Pelourinho
Onde tudo começou
Hoje americano ginga
Como Pastinha ensinou
Do Pelourinho a Los Angeles
Mestre Pastinha brilhou³⁴

Conforme relata Diniz, “a Capoeira Angola é um jogo, uma brincadeira. Uma forma expressiva popular, tradicional, ritual, afro-brasileira de transmissão oral, para onde convergem diversas linguagens - música, poesia, teatro, dança, luta –, caracterizada também por apresentar uma filosofia própria” (2011, p.32). Numa perspectiva contrastiva, a Capoeira Regional é também lúdica, amplia sua experiência como dança e teatro, porém há uma tendência para a luta, objetiva e rápida, e os praticantes necessitam de elasticidade para execução dos golpes. Já a Capoeira Angola permite liberdade de criação e execução; de acordo Ildásio Tavares, o jogo de Angola é mais rasteiro, manhoso, menos acrobático e vistoso, por isso a capoeira regional ganhava mais prestígio na sociedade global (MURICY, 1998). Mais adiante, discorreremos sobre a dicotomia da Capoeira Angola e Regional.

Alguns estudos expõem que a Capoeira Angola surgiu do N’golo ou “dança da zebra” considerado um ritual, presente na África, que marca a passagem das meninas para a vida adulta, sendo que dois lutadores competem com o intuito de acertarem o rosto do outro utilizando os pés e quem sair vencedor dessa luta escolhe a esposa. Esse estilo de capoeira é apresentado como tradicional “(...) pelo motivo de serem os primeiros e numerosos escravos africanos a chegarem ao Brasil e em especial na Bahia, os negros bantos, naturais de Angola” (CAMPOS, 2009, p.40). Mathias Assunção e Cinésio Peçanha (2013) afirmam que engolo não é a mãe da capoeira, e sim primo, por ter uma ancestralidade comum, o jogo de corpo, o enganar e o fingir.

Nesse sentido, Abib (2005) explica que a Capoeira Angola tem característica da

³² Zonzon (2017) traz a versão da malícia como arte do disfarce, ela envolve desconfiança, cálculo e previsão.

³³ “Atuação disfarçada, traiçoeira e eficiente do capoeirista” (ZONZON, 2017, p.78).

³⁴ Trecho do cordel de Bule-Bule intitulado “Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou” (2008).

maneira africana de se relacionar com o espaço, tempo e mundo que a Capoeira Regional não conservou, e por esse motivo que foi influenciada pela racionalidade que o pensamento moderno instituiu e foi materializada no Brasil.

Figura 15- Mestre Pastinha tocando berimbau.



Fonte: (FONSECA, 2008).

Para tanto, faz-se necessário explicar que os principais representantes da Capoeira Angola e Regional, apesar de terem projetado a capoeira para o mundo, além de todos os feitos e transformações na sociedade, não foram devidamente valorizados por toda sua dedicação e morreram desassistidos. E muitos outros mestres que lutaram pela capoeira também morreram dessa forma.

Além dos dois grandes ícones da capoeira em Salvador, tivemos grandes capoeiristas que se destacaram pela beleza dos jogos, intrepidez, força, mandinga, tocadores de berimbaus etc. Almeida (2005) dá destaque a Juca Reis no Rio; Nascimento Grande no Recife; e Besouro Cordão de Ouro na Bahia, além de Traíra, Totonho de Maré, Samuel Querido de Deus, Nagé, Bilusca, Waldemar da Liberdade, Caiçara, Canjiquinha, Juvenal, Paulo dos Anjos, Rozendo, além de outros, de que pouco se sabe a biografia e história. Abib (2008) aponta também Cobrinha Verde, Gato, Atenilo, Felipe Santiago nascidos no Recôncavo Baiano. Este território foi considerado por Fred Abreu³⁵ fonte matricial da cultura brasileira e permitia a ligação

³⁵ “(Frederico José de Abreu - 12/07/1946 a 12/07/2013) Natural de Salvador, da região da Garibaldi, ex-militante do Partido Comunista, contribuiu com a articulação da capoeira baiana através da Divisão de Folclore

constante entre Salvador e o Recôncavo da Bahia, sendo que as festas populares eram abastecidas pelas frutas, comidas e manifestações populares do recôncavo.

Além dos estilos da Capoeira Angola e Regional, Conrado (2006) relata que existem estilos da capoeira que partem da junção de elementos das duas vertentes, e outros que combinam elementos e valores da cultura e do esporte performático; há também criações de outras naturezas como “capoboxe”, “hidrocapoeira”, “aeroginga” e “capojitsu”. Ainda acrescenta Falcão (2004) que existem outras derivações como: capotudo, contemporânea, moderna, capoeira-barravento, capoeira-*beach*, capoeira-*dancing*, capo-*step*, capoeira gospel, zen-capoeira, capoeira arte-luta, capoeira-miudinha, capoeira *work-out*, capoeira de faixa, carateira e capoeira *hi tech*. É válido ressaltar que a capoeira estilizada foi criada por Carlos Senna; a Soma-Capoeira por Roberto Freire; Hidrocapoeira por Mestre Odilon e Capojitsu tem como precursor o Mestre Dinho (SALAZAR, 2011).

Desse modo, compreendemos que houve vários entendimentos e discussões sobre essas novas roupagens que surgiram (e surgem) em torno da capoeira, que poderiam descaracterizar ou distanciar da tradição da capoeira, ou contribuir para transformações e adaptações dentro do contexto social. Corroboramos com Esteves (2004), quando afirma que a capoeira faz parte de um processo contínuo de controvérsias, rupturas e conchavos que podem melhorar a realidade social ou funcionar como uma faca de dois gumes, se a transformação atender aos interesses capitalistas e particulares.

Esses novos surgimentos de práticas e vertentes têm atraído diversos públicos, além de estar presente em diversos espaços acadêmicos, sociais e culturais; mas vão surgindo (re) criações da capoeira de forma desenfreada, pois há “preocupação obsessiva pelo dinheiro, as mercadorias e as coisas é um reflexo, não do capitalismo ou do socialismo, mas do industrialismo” (TOFFLER, 1980, p.54). Nessa perspectiva, os grupos parecem empresas e se distanciam das práticas humanas, os mestres tornam-se patrões, as rodas viram shows, o conhecimento em produto de venda, os alunos em número de matrículas e a filosofia em pesquisas científicas de indivíduos que nunca fizeram um ‘aú’ com as mãos (SILVA, 2014). Isso tem sido recorrente na contemporaneidade. Os mestres e educadores que não se adequam a essa realidade acabam tendo poucos discípulos e não conseguem expandir o seu trabalho na mesma velocidade e intensidade dos que são “patrões”.

do Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura, na década de 70. Foi um dos organizadores do I Seminário Regional de Capoeira e ajudou a criar a academia do Mestre João Pequeno no Forte Santo Antônio. É fundador e guardião do Instituto Jair Moura, maior acervo individual de capoeira do mundo” (MAGALHÃES FILHO, 2011, p.190).

O processo de globalização interfere nos comportamentos dos indivíduos, determina os gostos e as preferências, dessa forma as tradições artístico-culturais são substituídas por produtos pasteurizados que oferecem consumo cultural ligeiro e superficial (ABIB, 2007). Trazemos para essa discussão as ideias do sociólogo Zygmunt Bauman que aborda sobre a Modernidade Líquida, marca da Pós-Modernidade, na qual há fluidez nas relações sociais e informações, consumismo em excesso, individualismo, revolução digital, dentre outros. A expansão da capoeira também adentra nesse contexto em que surgem diversos cursos, workshops, oficinas, festivais para serem consumidos; inúmeras mobilizações nas redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* para discutir sobre assuntos polêmicos da manifestação cultural; surgimento e batizado de novos mestres que não acompanharam a hierarquia de forma gradativa etc.

No âmbito do ordenamento legal, o registro e a proteção da capoeira como bem de natureza imaterial e de formação da identidade cultural brasileira estão previstas no artigo 216 da Constituição Federal de 1988 (CF/88); no artigo 20 da Lei 12.288 de 20 de julho de 2010; e no artigo 3 do Projeto de Lei 2.858 de 2008. Com relação ao reconhecimento da capoeira como desporto de criação nacional estabelecido no artigo 217 da CF/88 e no artigo 22 da Lei n.12.288/2010.

Já no artigo 41 da Lei 13.182/2014, incluiu-se o prestígio da capoeira, enquanto luta, dança ou música, sendo livre o exercício em todo território brasileiro, sendo facultada o seu ensino nas instituições públicas e privadas por capoeiristas e mestre tradicionais. E o artigo 8 da Lei 2.858/2008, constou que as unidades de ensino superior que ministram cursos de graduação em Educação Física devem manter no componente curricular a formação em capoeira.

Em 2008, a capoeira foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil³⁶ pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Já em 2014, a roda de capoeira teve um reconhecimento internacional e recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)³⁷. Nesse sentido, ressalta Gonçalves (2012), que muitas décadas se passaram até que, finalmente, os órgãos direcionados à preservação da cultura popular a registrassem, percebendo os elementos agregadores dos saberes ancestral e compreendendo a

³⁶ Vassalo (S.D) discute sobre o processo da dinâmica cultural que é afetada pela globalização e informação, mas isso não quer dizer que seja bom ou ruim, mas é preciso compreender as contradições desse processo, principalmente as expectativas de atitudes e entendimentos que passam a ser universalizantes.

³⁷ “A missão da UNESCO é contribuir para a construção da paz, a erradicação da pobreza, o desenvolvimento sustentável e o diálogo intercultural através da educação, ciências, cultura, comunicação e informação. (Tradução nossa)” (COSTA, 2013, p.59).

memória da resistência cultural do povo negro no Brasil. Todo esse processo de conquista e reconhecimento da capoeira exigiram esforços, embates, tensões, mudanças, entre outros, por ancestrais africanos, mestres (as) e capoeiras que doaram suas vidas em prol da perpetuação dessa manifestação cultural.

Figura 16- Jogo de Capoeira



Fonte: (PIERRE VERGER)³⁸

No nível (inter) nacional, temos uma Confederação Brasileira, 24 Federações Estaduais, 84 Ligas Regionais e Municipais, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação de Capoeira para Portadores de Necessidades Especiais e uma Federação Internacional de Capoeira (FICA) com trabalhos existentes no Canadá, em Portugal, na Argentina, na França e em outros países (SILVA, 2015). Tomando a cidade de Salvador como referência, Pochat, Simplício e Diacuí (2015) fizeram o mapeamento das 127 instituições como grupos, associações, fundações e escolas de capoeira espalhadas na cidade. Enfim, ela está espalhada em mais de 160 países e é fruto de muita luta e resistência de velhos mestres e capoeiras que contribuíram (e contribuem) para a sua legitimação, reconhecimento e visibilidade (inter) nacional.

³⁸ Disponível em: <http://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/fototeca/category/462-capoeira.html>
Acesso em: 30 de Abr. 2017.

A partir desse entendimento, adentramos nos aspectos educativos no jogo e na roda de capoeira que perpassam em diversos estilos de capoeira, na musicalidade, na apropriação dos elementos culturais, artísticos e simbólicos dessa luta/dança.

2.1 EDUCAÇÃO NO JOGO E NA RODA DE CAPOEIRA

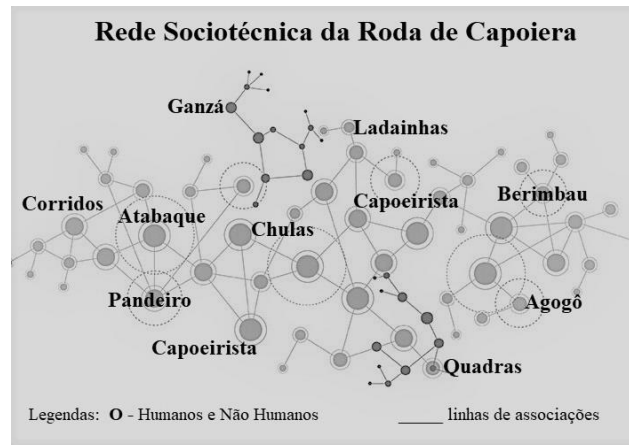
“Por favor, não maltrate este negro,
este negro foi quem me ensinou.
Este negro da calça rasgada,
camisa furada ele é meu professor”³⁹

Os rituais do jogo e da roda de capoeira contribuem nos processos de ensino-aprendizagem que são relevantes para a afirmação da identidade, a formação do sujeito crítico; trabalhar valores como: solidariedade, humildade, respeito, hierarquia, obediência, cooperação, empatia, tolerância; troca de conhecimento; resgate histórico e cultural; consciência corporal; valências físicas como agilidade, força, flexibilidade, resistência. Esses processos educativos são fruto de elementos corporais, estéticos, éticos, artísticos, filosóficos, técnicos e culturais.

Na roda de capoeira, há presença e conexão de recursos humanos e coisas/objetos que influenciam no ritual e dão harmonia, conecta os capoeiristas, caracteriza e avisa o tipo de jogo; permite alegria, (des) prazer, divertimento, brincadeira e aprendizado. Com relação aos recursos materiais para a formação da bateria, orquestra ou charanga, existem diferenças entre os estilos de capoeira, e destacamos os estilos da Capoeira Angola e Regional por serem os mais consolidados e pioneiros. No primeiro estilo, tem três berimbaus de tamanhos e sons diferentes, conhecidos como: gunga, médio e viola; um ou dois pandeiros, um reco-reco ou ganzá, um agogô e um atabaque. Já no segundo estilo, a orquestra é composta por um berimbau e dois pandeiros.

³⁹ Música: Por favor, não maltrate este negro. Autoria: Grupo Axé Capoeira.

Figura 17- Representação da Roda de Capoeira Angola



Arquivo: Silva e França (2017).

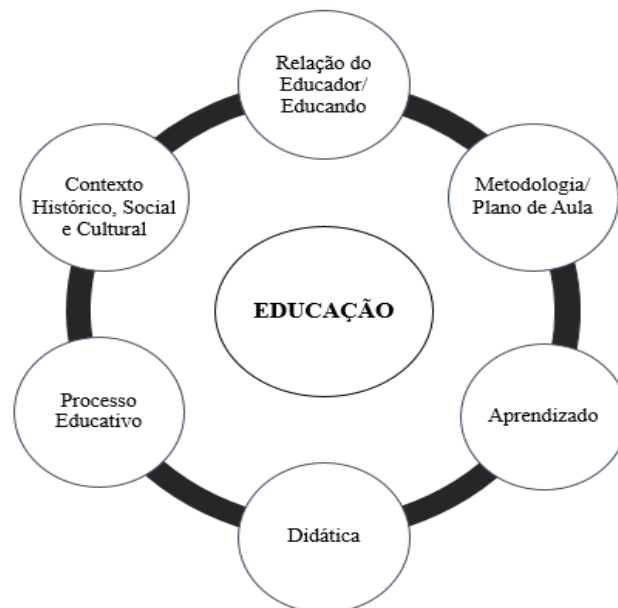
A rede sociotécnica seria um nó entre o humano/objeto/coisa que estão interligados (SILVA; FRANÇA, 2017). A imagem trouxe os nomes dos instrumentos, tipos cantigas e capoeiristas que fazem parte da roda de capoeira. Com relação à inclusão dos instrumentos no ritual da roda de capoeira, especialmente o berimbau, de acordo com Carneiro (1977), não se havia menção dele antes de 1936, o berimbau também era chamado de humbo, rucumbo, lucungo e hungu nos dialetos da Angola. Posteriormente, o berimbau assume o símbolo da capoeira, e na roda ele dita as regras e o ritmo do jogo. Existe uma diversidade de toques de berimbaus como: São Bento Grande, São Bento Pequeno, Santa Maria, Amazonas, Idalina, Angola, Samango, Cavalaria, Iúna e Benguela que foram inventados a partir de três notas conhecidas como “dom”, “dim” e “tch” que possibilitam diversas outras criações de toques, variando de acordo com as linhagens e estilos de capoeira.

Os demais instrumentos também colaboram na harmonia e na musicalidade da roda, entretanto, uma roda só começa com o (s) berimbau (s) e pandeiros, sendo entoadas a ladainha e a quadra, no ritual da Capoeira Angola e Regional, respectivamente. Nesse momento, todos prestam atenção ao que está sendo cantado e logo em seguida entoam-se a chula e os corridos, e os outros instrumentos acompanham o ritmo, todos respondendo ao coro, batendo ou não as palmas, e inicia-se o jogo saindo do “pé” do berimbau e termina-se no mesmo local.

É digno de nota que existem as cantigas geográficas⁴⁰, agiológicas⁴¹, de louvação⁴², sotaque e desafio, roda⁴³ e peditório⁴⁴, que podem narrar aspectos da vida cotidiana, usos, episódios históricos, costumes e louvar aos mestres (REGO, 2015), também a Deus, a Jesus, aos orixás, dentre outros. As cantigas são relevantes no processo de apreensão dos elementos culturais da capoeira, da (re) produção de valores positivos e negativos, da divulgação da língua portuguesa e de formas fonéticas, semânticas e sintáticas.

Considerando o processo de ensino e aprendizagem no ritual da capoeira, logo abaixo trouxemos uma representação imagética de informações que influenciam nessa relação em diversos espaços educacionais formais e não formais.

Figura 18- Representação imagética de elementos que influenciam no processo de ensino e aprendizagem na capoeira em diversos espaços formais e não formais.



Arquivo: Elaborado pela autora.

⁴⁰ Cantigas que focalizam vilas, cidades, estados e países (REGO, 2015).

⁴¹ Cantigas que se remetem a santos católicos ou personagens bíblicas (IBIDEM, 2015).

⁴² Cantigas que louvam as bravuras e habilidades de famosos capoeiras (IBIDEM, 2015).

⁴³ Cantigas de roda infantis do folclore (IBIDEM, 2015).

⁴⁴ Cantigas que pedem contribuição monetária aos presentes (IBIDEM, 2015).

Para tratar da educação, trouxemos a demarcação de Gohn (2006) que define a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas com conteúdo definido, a informal se refere ao aprendizado no processo de socialização seja na família, no bairro, no clube, dentre outros, carregada de valores e culturas próprias, e não formal é o que se aprende no ‘mundo da vida’, nos espaços e ações coletivas cotidianas. Dessa forma, compreendemos que a educação pode estar presente nas estruturas sociais, mesmo não existindo a escola, ou seja, o ensino formal (BRANDÃO, 1991).

É válido destacar que a educação não formal é destituída de formalidade acadêmica, sendo que o jogo de capoeira tem propriedade formativa que possibilita uma relação não burocrática, mas eficiente e espontânea, permitindo aos jogadores o exercício da empatia e alteridade (RABÊLLO, 2014), sendo relevante para uma melhor convivência social. Além disso, pode contribuir na emancipação e autonomia do sujeito (ABIB, 2007).

O jogo da capoeira apresenta aspectos lúdicos que permitem as pessoas reconstruírem o mítico, ambiente imaginário sem perder a realidade imediata da luta. Pode ser considerada também uma brincadeira que coopera para a existência do ser humano, além de ter função simbólica; ela satisfaz desejos, preenche necessidades e ensaia valores e futuros papéis (RABÊLLO, 2014). Isso reafirma a sua relevância de adentrar e ser reconhecida em diversos ambientes educativos formais.

Ainda por meio do jogo da capoeira, podemos entender as particularidades do outro jogador, dialogar com outras culturas através de contato visual e não visual, imaginário coletivo proposta do jogar aprendendo e do aprender jogando, utilizando o diálogo oral e corporal, permitindo ao sujeito colocar-se no diálogo a partir de suas referências de vida. (CASTRO JÚNIOR, 2002).

Para isso é necessário apreender que o sujeito tem uma história singular, que não se repete, e traz consigo distintas experiências sociais e culturais que devem ser compartilhadas, para que haja interação dos saberes, conhecimentos e diálogos mútuos entre educandos/alunos e educadores/mestres (FREIRE, 1996). Infelizmente, em alguns momentos, o que acontece é que as diversas experiências ficam guardadas com os alunos que as possuem, e podem não ser estimulados a indagarem, colaborarem, muito menos criticarem as aulas que só dão ênfase a reprodução do movimento, sem a compreensão de outras possibilidades corporais.

Assim, entendemos que a capoeira é uma prática que acolhe a todos, independentemente de raça, cultura, etnia e língua; ela possibilita uma maior compreensão de questões históricas que tem ressonância no mundo contemporâneo (FRANÇA, LEIRO; 2012). Isso não quer dizer que no jogo não sucedam preconceitos e discriminações de ordem étnico-

racial, linguística, religiosa, dentre outros, pois o universo da capoeira, enquanto recorte da sociedade, sofre influências do contexto social, histórico e cultural e também os modificam. E ultimamente tem sido recorrente a exploração do outro, a ganância, o individualismo e a reprodução de valores que são frutos do sistema capitalista (CONRADO, 2015), que contribuem para acirrar as desigualdades sociais, a exclusão das minorias étnicas, raciais e sociais e o aumento da alienação do sujeito.

Diante disso, os mestres e professores/educadores têm um papel relevante nesse processo de ensino-aprendizagem, pois podem intervir em situações preconceituosas, discriminatórias e excludentes que ocorrem nas academias e roda de capoeira, além de possibilitar ampliação do conhecimento, educação libertadora e democrática. Consoante com Santana Sobrinho, Castro Júnior e Abib (1999), a capoeira tem um sentido de prática social que pode levar a reflexão do contexto social e da realidade crítica.

A capoeira, na perspectiva da educação não formal, pode contribuir para a humanização transcendente proporcionando melhores relacionamentos com a vida e o coletivo, além de educar na perspectiva estética colaborando com a sensibilidade, facilitando os diálogos dos sujeitos consigo mesmo, com o outro e o mundo (RABÊLLO, 2014). Isso é visto, principalmente, nos grupos de capoeira angola, os quais existem normas e tradições que valorizam a dança, subjetividade, cultura lúdica, brincadeira, criatividade, liberdade, dentre outros.

O processo pedagógico nas academias e nos grupos de capoeira ocorre desde as instruções e os comandos do mestre ou professor até nas relações de hierarquia e respeito dos mais novos com os mais velhos capoeiristas. Com relação a isso, Silva Júnior (2010) discorre que os códigos de hierarquia ocorrem pela utilização dos cordões de cores variadas e/ou pela titulação. Há grupos de Capoeira Regional e “Contemporânea” que seguem a uniformização da Confederação Brasileira de Capoeira, mas há outras linhagens que “resistem” a qualquer forma de padronização e criam seus sistemas de graduações utilizando ou não diversas cores nos cordões/cordéis, fundamentos/processos avaliativos para cada etapa/tempo e titulação.

Quadro 19- Sistema Oficial de Graduação pela Confederação Brasileira de Capoeira (2001)

Graduação infantil: 3 a 14 anos			Graduação padrão: acima de 15 anos		
1º.	Iniciante	S/ corda ou cordão	1º.	Iniciante	S/ corda ou cordão
2º.	Batizado	Verde/cinza claro	2º.	Batizado	Verde
3º.	Graduado	Amarelo/cinza claro	3º.	Graduado	Amarelo
4º.	Adaptado	Azul/cinza claro	4º.	Adaptado	Azul
5º.	Intermediário	Verde/amarelo/cinza claro	5º.	Intermediário	Verde/Amarelo
6º.	Avançado	Verde/azul/cinza claro	6º.	Avançado	Verde/Azul
7º.	Estagiário	Amarelo/azul/cinza claro	7º.	Estagiário	Amarelo/Azul

Graduação oficial	Estágio	Corda/Cordão	Idade mínima	Tempo de capoeira
Formado	8º.	Verde/amarelo/azul	18 anos	5 anos
Monitor	9º.	Branco e Verde	20 anos	7 anos
Instrutor	10º.	Branco e Amarelo	25 anos	12 anos
Contramestre	11º.	Branco e Azul	30 anos	17 anos
Mestre	12º.	Branco	35 anos	22 anos

Fonte: Site da Confederação Brasileira de Capoeira⁴⁵

Os mestres e as mestras de capoeira podem utilizar o seu “poder”, ou seja, a sua hierarquia para exercer a manipulação e o controle das operações dos corpos, numa relação diretamente proporcional: quanto mais dócil o corpo mais útil ele será. Isso ocorre através da disciplina que fabrica corpos submissos e exercitados (FOUCAULT, 2000), e há casos que quando não é obedecido o comando dessas determinadas “referências” na capoeira, há punições e críticas severas aos/as alunos/as que podem levar ao fracasso e a desistência.

Nesse intuito, não temos a pretensão de desmerecer todo o saber acumulado e transmitido durante muitas décadas dos velhos mestres, mas de (re)pensar e contribuir com essas práticas pedagógicas e educativas que influenciam (in)diretamente na vida dos aprendizes. Corroboramos com o estudioso Freire (1981, p.79) quando diz que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”.

Os/as mestres/as podem agregar aprendizagens significativas quando lançam novos desafios e problemas e oferecem liberdade de ação dos alunos para que estes desenvolvam habilidades para solucionar os problemas (RABÊLLO, 2014), também quando abordam sobre a nossa história e cultura podem possibilitar ampliação do conhecimento; ao ensinar novos repertórios motores que respeitem os limites físicos podem contribuir com a consciência

⁴⁵ Disponível em: <http://www.capoeiradobrasil.com.br/confederacao.htm>.

corporal do sujeito; também ensinar o respeito, a solidariedade, o cuidado, a empatia, dentre tantos outros aspectos e valores importantes para a formação do sujeito crítico, autônomo e emancipado. Acrescenta Pastinha (1960) apud Sousa que:

Os capoeiras são intelectuais de boa moral, com boa educação; o movimento corporal é tão importante quanto o dever de construir para as crianças uma personalidade digna de admiração. Não devem faltar as regras da disciplina, civilidade, do respeito as atenções, a boa disposição, o bom humor, a solidariedade, a lealdade, e o amor à verdade; estes são os alicerces que darão estabilidade à estrutura moral do ser (1998, p.140-141).

Nesse contexto, o educador Freire (1996) aborda que ensinar exige rigorosidade metódica, respeito aos saberes dos educados, pesquisa, criticidade, ética, estética, reflexão crítica das práticas educativas. Pois ele defende que os educandos são portadores de saberes e conhecimentos, que diversas vezes são negadas pela sociedade da cultura de massas. Por isso, há evidências de que o papel pedagógico dos professores e das professoras, bem como mestres e mestras são cruciais para a mediação do conhecimento em qualquer espaço em que ocorra a prática da capoeira.

Na atualidade, o aprendizado acontece por séries repetitivas de movimentos e golpes (ABREU, 2003) que podem levar à alienação dos praticantes da capoeira. Nesse intuito, percebemos a influência dos métodos ginásticos como sueco, francês, alemão e da calistenia na prática da capoeira no Brasil, nos quais dão ênfase no desenvolvimento das capacidades físicas (CAMPOS, 2000). Por isso, faz-se necessário refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem nas academias de capoeira, nas quais os treinos acontecem com os alunos enfileirados, repetindo o que o mais velho está executando e mandando, sem nenhuma explicação ou entendimento da necessidade daquele determinado movimento, sem levar em consideração as limitações corporais de cada sujeito.

Nesse contexto, os treinos de capoeira podem acabar reproduzindo estigmas da sociedade quando punem os menos habilidosos por não conseguirem executar todos os golpes; tratam diferentes homens e mulheres simplesmente por questões biológicas; não permitem os questionamentos, os erros e as críticas dos alunos por questões de “hierarquia” e também por acreditarem que são os “detentores” do conhecimento. Por isso, devemos ser capazes de criticar, contrapor e transformar as **práticas sociais**, e não nos conformarmos com a lógica da transmissão, prescrição e assimilação (FALCÃO, 2004, **grifo nosso**).

Concordamos com Dewey quando fala que a educação é uma constante reconstrução da experiência, logo as formas didáticas de ensinar e as exigências do educador é muito além de transmitir conhecimento, pois deve ser o facilitador da aprendizagem, independente do espaço ser considerado (in)formal ou não formal, e para isso o educador pode utilizar a proximidade corporal, o toque, o afeto, a expressão fácil, mais que a verbalização (RABÊLLO, 2014).

Desse modo, reconhecemos também que os aprendizes/alunos da capoeira são responsáveis pelas suas ações políticas no cotidiano e não meros reprodutores de movimentos, apesar de que isso ainda é algo a se alcançar em diversas escolas e instituições de capoeira, nas quais existem mestres e professores de capoeira que são “detentores” do conhecimento e estão superiores a todos os mais novos, ou seja, os discípulos. Por isso, concordamos com Demo (1999) quando afirma que educar é incentivar a criatividade do educando, com a finalidade de torná-lo mestre e não discípulo⁴⁶.

Assim, é oportuno destacar que, antes de 1930, a aprendizagem da capoeira era na oitava⁴⁷ e acontecia nas ruas e festas de largo, e posteriormente começou a fazer parte do contexto dos recintos fechados, institucionalizando-se. Contudo, a capoeira ainda permanece presente nas festas de largo, ou seja, festas populares como: Bom Jesus dos Navegantes, Festa da Boa Viagem, Festa de Reis, Lavagem do Bonfim, Festa de Iemanjá, Lavagem de Itapuã e Carnaval; também em manifestações sociais e datas históricas de Independência do Brasil e da Bahia, por exemplo.

Considerando o contexto da educação formal, a capoeira foi incluída na escola até o ensino superior, tanto público quanto privado, a partir de 1970. Dessa forma, a capoeira pode estar presente nas faculdades e universidades como disciplina curricular, projeto de extensão ou atividade extraclasse (FALCÃO, 2004), sendo que as primeiras constatações da capoeira no ensino superior ocorreram na Bahia através do Programa de Melhoria de Ensino Nacional (PREMEM) pela FACED/UFBA em 1971. Logo depois, em 1982, a capoeira se torna componente curricular do Curso Superior em Educação Física na Universidade Católica de Salvador (CAMPOS, 2001).

É válido destacar que na UFBA, a capoeira foi ofertada como Prática Desportiva, obrigatória para todos os discentes, a partir do 2º semestre de 1978. Com a implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física em 1988, a capoeira ganhou espaço e passou a

⁴⁶ Refere-se a aquele que recebe instrução do mestre e segue sua doutrina.

⁴⁷ “Era na roda, sem a interrupção do seu curso, que se dava a iniciação, com o mestre pegando nas mãos do aluno para dar uma volta com ele” (ABREU, 2003, p.20). Sendo que na literatura alguns autores abordam que o aprendizado se dava informalmente através da observação e imitação.

fazer parte do currículo do referido curso em 1991.2 como disciplina obrigatória, EDC 238, Capoeira I, e optativa, EDC 239, Capoeira II (CONRADO; FRANÇA, 2015) e continua até o presente momento, teve grande contribuição da docente Amélia Conrado durante 19 anos.

Na UFBA, também já foi oportunizado, para os discentes e as diversas pessoas das comunidades adjacentes, Atividade Curricular em Comunidade (ACC), EDC 464- Ensino e Pesquisa na Roda de Capoeira em 2000, criado pelo professor José Falcão, tendo contribuições de outros professores como Pedro Abib e Maria Cecília até 2009. Em 2009, foi implantado o projeto de extensão “Capoeiragem na UFBA: capoeira como possibilidade educativa na universidade”, tendo como mentor da proposta Márcio Souza que atuou de 2009 a 2010 (IBIDEM, 2015). Posteriormente, assumi como monitora do projeto de 2010 a 2014, sob coordenação de Amélia Conrado.

Por fim, a capoeira em seu currículo acadêmico apresenta alguns resultados que podemos destacar, tais como: formação de professores mais sensíveis e referenciados nas identidades e culturas locais; pesquisas científicas voltadas aos diversos campos temáticos da capoeira; aprovação de bolsas de iniciação científica e pesquisas em nível de pós-graduação; projetos de ação afirmativa para estudantes do curso de Educação Física e áreas afins; realização de atividades curriculares em comunidades com processos didático-metodológicos a partir das pedagogias da capoeira; entre outras ações, que pelas limitações deste texto não são possíveis de elencar (CONRADO; FRANÇA, 2015, p.236).

No âmbito da escola, a capoeira se caracteriza como luta pela libertação que vem da alma de um povo subjugado, resistindo contra os diversos tipos de dominação contra um sistema desumano e opressor, além de colaborar para o exercício da cidadania, de construção da identidade, autonomia e autoestima dos alunos (SANTANA SOBRINHO, CASTRO JÚNIOR, ABIB; 1999), apesar de existir um processo de crise na educação formal, sendo que os diversos projetos políticos pedagógicos das escolas não atendem as demandas sociais das comunidades nem os saberes populares produzidos por sujeitos desses territórios.

O aprendizado produzido pela capoeira nas comunidades, às vezes, não é validado pela educação formal, colaborando assim para um estranhamento e até rejeição desses processos de aprendizagem, e quando estão presentes nas escolas tem abordagem superficial ou caricaturada de seus elementos (ABIB, 2007), o que ocorre nas datas comemorativas, em especial no dia do Índio e da Consciência Negra.

Dessa forma, para pensarmos em práticas pedagógicas que contribuam para a emancipação, autonomia e cidadania do sujeito, é preciso: haver respeito na relação entre

educador/educando, considerar as temporalidades heterogêneas no conhecer, aprender e analisar a prática da capoeira; oferecer sentido às práticas corporais para não ocorrer mecanização dos movimentos sem permitir descobertas de novas aquisições, levar em consideração as diversidades de ritmos e faixas etárias; valorizar as tradições culturais; incluir as diversas maneiras de transmissão considerando a multiplicidade estética do fazer cultural e artístico; possibilitar a força vital, o engajamento e a motivação dos capoeiristas na sonoridade das polifonias (CASTRO JÚNIOR, 2002).

A práxis pedagógica se faz no cotidiano em que vivemos, pois tudo é vivência e condição para o aprendizado, e para isso existe um padrão de linguagem que modela as formas de ver e falar dos indivíduos. Nesse sentido, faz-se relevante que a memória, tanto escrita quanto oral, seja levada às próximas gerações para que a tradição seja mantida. Para isso, se faz necessário a sistematização da escrita e a divulgação da produção do conhecimento para que os saberes populares não sejam dissipados. Pois há diversas histórias que são transmitidas pela literatura oral e popular de cânticos, fábulas, hinos, entre outros, que não têm sido escritas e podem ter o comprometimento da sua comunicação (BARRETO, 2005).

Nesse sentido, é preciso rever as mudanças nas composições curriculares da Educação Básica, do Ensino Superior; também na formação acadêmica/ humana dos mestres e professores de capoeira para que não omitam a memória e história da cultura popular. Pois “o mundo que está emergindo rapidamente do choque de novos valores e tecnologias, novas relações geopolíticas, novos estilos de vida e novos modos de comunicação, exige ideias e analogias novas, novas classificações e novos conceitos” (TOFFLER, 1980, p16) que acabam interferindo na ação humana e na produção do conhecimento.

2.2 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM JOGO

O conhecimento pode contribuir com a transformação do sujeito, uma vez que traz informações contextualizadas que conduzem a reflexão e organização do pensamento. Dessa forma, ponderamos que sem a existência da produção do conhecimento talvez realizássemos as mesmas tarefas cotidianas de forma mecanizada; viveríamos reproduzindo hábitos e ações sem compreender o porquê e a real necessidade disso. Dessa forma, as nossas práticas necessitam de informações que contribuam na geração de conhecimento, tomada de

consciência; impactem no exercício da cidadania e no desenvolvimento humano. No entanto, além de ser necessária a produção do conhecimento, é preciso ver meios de divulgação e acesso às informações, pois a produção científica por si não garante mudanças educacionais, econômicas, sociais, culturais, dentre outras.

A partir da década de 80, tem sido crescente o número de pesquisas científicas que retratam sobre a capoeira. É perceber a “rasteira” que a capoeira deu no preconceito e na criminalização dela que outrora se fez tão latente nesse universo, e atualmente ela tem outro tratamento, considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, símbolo da nacionalidade, que conquistou diversos espaços sociais, culturais, políticos e educativos.

Nessa perspectiva, em consonância com Taffarel e Albuquerque (2015) quando a produção do conhecimento faz parte de um processo produtivo, permite o aumento da produtividade, do rendimento, da mais-valia que define as condições de vida, trabalho, acesso a bens culturais como saúde, educação e seguridade. Isso quer dizer que as pessoas que avançam nos estudos, conseguem terminar o Ensino Médio, o Ensino Superior e assim por diante, conseguem galgar outros patamares, são valorizadas e incluídas no modelo de sociedade capitalista, divergente das pessoas que não tiveram acesso à educação, que acabam sendo marginalizadas e têm poucas oportunidades no mercado de trabalho, menos acessibilidade aos bens culturais, poder aquisitivo etc.

Nessa direção, é relevante discutir sobre a produção do conhecimento que sofre influências dos condicionantes históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Ao realizar análises epistemológicas das produções científicas, conseguiremos apreender também pressupostos implícitos e explícitos que estão presentes nos tipos de estudos, bem como as tendências metodológicas, concepções de ciência, pressupostos filosóficos e ontológicos que contribuem para os resultados e os procedimentos de veiculação (FALCÃO et al, 2009).

Ao realizar nosso estudo, levamos em consideração a pesquisa de Gaspar et al (2008) que analisou a produção do conhecimento em capoeira nos programas de pós-graduação, modalidade *stricto-sensu*, do Brasil de 1980 a 2006. Foram catalogadas 84 produções científicas entre 70 dissertações de mestrado, 12 teses de doutorado e 2 teses de livre docência. É válido salientar que em torno de 32 universidades já foram produzidos estudos sobre a capoeira, sendo 21 públicas e 11 privadas. Foi possível constatar, na Tabela 2, a seguir, a distribuição da origem institucional e quantidade de produções científicas (GASPAR et al, 2008).

Tabela 2– Distribuição da origem institucional e da quantidade de produção científica sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação, stricto-sensu, do Brasil.

ORIGEM INSTITUCIONAL	QUANTIDADE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA
Universidade Estadual de Campinas	13 produções (8 dissertações, 3 teses e 2 de livre docência)
Universidade Federal do Rio de Janeiro	8 produções (5 dissertações e 3 teses)
Universidade Católica de São Paulo	7 produções (6 dissertações e 1 tese)
Universidade Federal da Bahia	6 produções (5 dissertações e 1 tese)

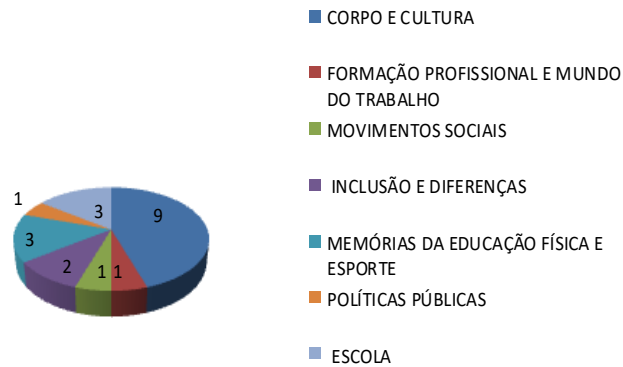
Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir da análise da tabela 2, podemos afirmar que a quantidade maior de publicação das produções científicas é em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia, respectivamente. Apesar de a Bahia ser considerada a “Meca da Capoeira” e ter diversos grupos espalhados pelos 27 territórios de identidades, a quantidade de dissertações e teses tratando sobre a capoeira ainda é ínfima. É válido destacar que de acordo com o levantamento de dissertações e teses nos programas de pós-graduação da UFBA e UNEB, defendidos entre 1998 e 2006, especificamente na UFBA, encontramos 5 dissertações e 3 teses, sendo que duas teses não adentraram na pesquisa de Gaspar et al (2008) por conta do recorte temporal, ainda que sejam teses relevantes acerca da capoeira.

No que diz respeito à produção do conhecimento sobre capoeira em congresso científico, realizamos um levantamento nas três últimas edições do CONBRACE e CONICE⁴⁸ de 2011, 2013 e 2015. Encontramos 20 trabalhos sobre capoeira, advindos de 12 unidades federativas do Brasil, tendo maior quantidade de trabalhos publicados de origem institucional do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, da Bahia e de São Paulo, respectivamente (FRANÇA; LEIRO, 2016). Com relação à produção do conhecimento nas edições do CONBRACE de um universo de 13 Grupos Temáticos de Trabalho (GTT) como: corpo e cultura, formação profissional e mundo do trabalho, movimentos sociais, inclusão e diferenças, memórias da educação física e esporte, políticas públicas, escola, atividade física e saúde, comunicação e mídia, epistemologia, gênero, treinamento esportivo, lazer e sociedade. Apresentamos a distribuição dos trabalhos em diferentes grupos, de acordo com o Gráfico 1, a seguir:

⁴⁸ O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) ocorrem de forma conjunta bianualmente, sendo considerados uns dos eventos mais representativos e significativos da área de Educação Física/Ciências do Esporte.

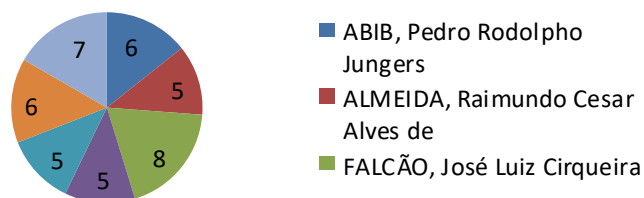
Gráfico 20– Distribuição dos trabalhos nos GTT nas edições do CONBRACE de 2011, 2013 e 2015



Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir da análise do gráfico 20, podemos perceber que houve uma maior recorrência dos estudos de capoeira nas edições do CONBRACE de 2011, 2013 e 2015 na perspectiva do corpo e da cultura, também observamos uma lacuna em algumas áreas que há transversalidade com a capoeira, uma vez que ela contribui para a promoção da saúde e prevenção de doenças; além de ser uma forma de lazer, permite a comunicação (inter) nacional e visibilidade da mulher em jogo (FRANÇA; LEIRO, 2016). Abaixo apresentamos, no Gráfico 2, as referências bibliográficas citadas mais de cinco vezes nos trabalhos como:

Gráfico 21– Distribuição das referências bibliográficas nas produções científicas sobre capoeira, nos anais do CONBRACE de 2011, 2013 e 2015



Arquivo: Elaborado por França e Leiro (2016).

De acordo com o gráfico 2, analisamos os autores mais recorrentes no conjunto de trabalhos, tendo destaque José Luiz Cirqueira Falcão citado oito vezes nas diversas produções científicas, sendo que do total de trabalhos foram reconhecidos 147 textos diferentes e um imagético (FRANÇA; LEIRO, 2016).

Para aprofundar o trabalho fizemos um levantamento de artigos científicos socializados na Revista *Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade*⁴⁹ da UFBA e encontramos apenas quatro pesquisas publicadas. Para a exibição das informações dos artigos, levamos em consideração o modo de organização do pensamento de Leiro (2004) que sistematizou os dados de identificação, referência, autoria, título, problematização, objetivo, sistematização e conclusão de cada trabalho.

Quadro 22- Levantamento dos artigos científicos sobre capoeira na Revista *Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade* da UFBA.

Referência	Autor	Título	Problematização
Nº 11, 1999. Pág.1-14	José Santana Sobrinho, Luís Vitor de Castro Júnior e Pedro Rodolpho Jungers Abib	Capoeira: intervenção e conhecimento no espaço escolar	As problematizações do estudo foram: O que é jogo de capoeira? Quais são os elementos pedagógicos numa roda de capoeira? Quais os valores sociais e históricos que permeiam o processo pedagógico da capoeira?

Objetivos	Sistematização/ análise das informações	Considerações/ conclusões e recomendações
Abordar sobre a capoeira como instrumento de educação na escola	- A capoeira está presente nas escolas, nas universidades, nos cursos de Educação Física, nos projetos sociais, nos centros urbanos devido ao seu valor pedagógico. - Os autores trazem a experiência do festival de capoeira na escola, o qual houve uma proposta que redimensionou alguns princípios e realizou modificações do regulamento como: o capoeirista ao invés de atleta; a cooperação no lugar de competição; a confraternização substituindo a disputa; a lembrança ao invés de medalha; jogo com o parceiro e não contra o adversário.	O festival possibilitou a integração e troca de experiências entre os alunos das escolas públicas, permitindo a construção de identidade, autoestima e cidadania.

⁴⁹ Revista da Faculdade de Educação desde 1994. Maiores informações, acessar a página: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2738/1935>.

Referência	Autor	Título	Problematização
Nº 4, 2000. Pág.1-18.	Hélio José Bastos Carneiro de Campos	Capoeira e Educação Física: um resgate histórico	Quais foram as influências dos métodos estrangeiros na Educação Física e Capoeira?

Objetivos	Sistematização/ análise das informações	Considerações/ conclusões e recomendações
Abordar sobre a Capoeira e Educação Física a partir de um resgate histórico	<ul style="list-style-type: none"> - O surgimento da Educação Física na Pré-história com a realização de movimentos naturais e de sobrevivência. - Influência dos métodos de ginástica no Brasil até 1944, principalmente alemão, francês, calistenia e sueco. - O método da calistenia tinha por finalidade estimular grandes grupos musculares, colaborando na postura corporal, desenvolve grandes funções no aparelho cardiovascular e outros órgãos. - Em 1928, surge a iniciativa de transformar a capoeira em Gymnastica Nacional Methodisada e Regrada por Annibal Burlamaqui. 	Propõe reconhecer a capoeira como método de ginástica genuinamente brasileiro, pois atende às necessidades atléticas dos capoeiristas e desenvolve as capacidades físicas.

Referência	Autor	Título	Problematização
Nº 11, 2007. Pág.201-214.	Pedro Rodolfo Jungers Abib	Cultura popular e educação: um estudo sobre a Capoeira Angola	O sistema capitalista traz prejuízos para a sociedade, sendo que a desvalorização da cultura popular segue essa lógica excludente.

Objetivos	Sistematização/ análise das informações	Considerações/ conclusões e recomendações
Investigar as formas com as quais a cultura popular articula todo um vasto campo de conhecimentos e saberes	<ul style="list-style-type: none"> - A pesquisa é parte da sua tese de doutorado em Ciências Sociais aplicados à Educação na UNICAMP. O autor investiga a cultura popular articulada aos conhecimentos e saberes, em especial a Capoeira Angola. - O autor comenta da desvalorização e falta de reconhecimento da cultura popular por parte da educação formal, projetos e programas, que só valorizam a cultura eurocêntrica, e quando estão nas escolas acontece em épocas de comemoração no calendário escolar. 	A Capoeira Angola traz inúmeros benefícios, ela contribui para o aprendizado de valores como solidariedade, igualdade, respeito, compartilhamento, cooperação, equilíbrio, humildade, parceira e dentre tantos outros ensinamentos que é preservado e transmitido de geração a geração. A capoeira no ensino-formal possibilita emancipação e autonomia do sujeito.

Referência	Autor	Título	Problematização
V.3, Nº 2, Jul/Dez, 2014. Pág.127-139.	Roberto Sanches Rabêllo	Cultura lúdica e formação de educadores: apontamentos sobre a capoeira angola	Como caracterizar a cultura lúdica tomando como referência o jogo da capoeira?

Objetivos	Sistematização/ análise das informações	Considerações/ conclusões e recomendações
Realiza uma reflexão sobre a cultura lúdica na formação do educador	<ul style="list-style-type: none"> - O artigo retrata da pesquisa feita sobre a capoeira angola na Bahia e em Angola, trazendo aspectos lúdicos presentes no jogo da capoeira. - O autor discorre sobre a relevância do brincar, da brincadeira e da cultura lúdica que contribui para o desenvolvimento e existência do ser humano, sendo que o jogo da capoeira, enquanto arte/luta/dança, permite que as pessoas se apropriem da cultura africana reconstruindo o ambiente imaginário, mítico sem perder a realidade imediata da luta. 	O jogo tem relevância na aprendizagem das pessoas, além de ter função simbólica, ele satisfaz desejos, preenche necessidades e ensaia valores e futuros papéis.

Arquivo: Elaborado pela autora.

O mosaico construído trouxe o panorama dos artigos científicos publicado sobre capoeira na Revista da Faculdade de Educação da UFBA, especificamente em 1999, 2000, 2007 e 2014; do universo de seis autores presentes nos quatro artigos, quatro fizeram parte do quadro efetivo da Universidade.

Realizamos uma busca de estudos sobre a capoeira na Revista Educação e Contemporaneidade⁵⁰ da UNEB, porém não foi encontrada nenhuma pesquisa sobre essa prática corporal no referido periódico. E também nas Revista Brasileira de Educação⁵¹ que é um dos espaços mais representativos da mencionada área, tendo 71 números publicados até o segundo semestre de 2017, no qual não constou nenhum artigo abordando sobre os aspectos pedagógicos e educativos da capoeira.

⁵⁰ A revista da FAEEBA foi criada em 1992, sua publicação é semestral e até o primeiro semestre de 2017 possui quarenta e nove números.

⁵¹ A RBE circula desde 1995 tendo publicação trimestral da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), aborda sobre temas associados à área de educação, além de artigos; há também resenhas, entrevistas e notas de leitura. Maiores informações no site: <http://www.anped.org.br/site/rbe>.

Isso deixou claro que apesar da capoeira estar presente nas escolas, principalmente, como conteúdo das aulas de Educação Física e/ou algumas datas comemorativas como do Folclore e da Consciência Negra; nas universidades/faculdades como disciplinas, projetos de extensão universitária e atividades extraclasse; nas festas populares como Lavagem do Bonfim, Festa de Santa Bárbara, Procissão de Nosso Senhor dos Navegantes; nas praças, nos parques públicos; nas produções cinematográficas; nos artefatos artísticos, nas fotografias, nos utensílios e peças de vestuários presentes nos museus; nas produções científicas como objeto de estudo de Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado; nos livros; nos teatros; nas televisões; nas mídias sociais; nas academias de capoeira; nas instituições religiosas; nos corpos do povo brasileiro e dos estrangeiros; ainda necessita ser mais divulgada nas revistas científicas pela maior circulação entre os pesquisadores.

Desse modo, a capoeira tem sido objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento como Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Mas isso não implica em ampla divulgação das pesquisas, coerência nas abordagens e aplicabilidade das produções no cotidiano, principalmente nas práticas pedagógicas dos professores, das professoras, dos educadores, das educadoras, bem como dos mestres e das mestras de capoeira. O aumento e a divulgação dos estudos científicos acabam impactando também no desenvolvimento tecnológico, educacional e científico de uma nação (TAFFAREL, ALBUQUERQUE; 2015).

Considerando o presente contexto em 2017, tivemos cortes orçamentários nos diversos ministérios, acarretando uma precarização dos serviços públicos e, conseqüentemente, contribuindo para as péssimas condições de vida dos indivíduos, principalmente da classe trabalhadora. A aprovação da Proposta de Emenda à Constituição 55/2016⁵² que estabelece um teto para os investimentos públicos agrava a recessão e diminui recursos para as áreas de educação e saúde; também a Lei da Terceirização e a Reforma Trabalhista que irão prejudicar inúmeros trabalhadores. Também cortes no orçamento que comprometem o funcionamento e as atividades das universidades e institutos de educação federais⁵³; contingenciamento de mais de 40% do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) que repassa verbas as agências de fomento às pesquisas científicas como o

⁵² Senado Notícias. PEC que restringe gastos públicos é aprovada e vai à promulgação. 13/12/2016. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>.

⁵³ Folha de São Paulo. Cortes no Orçamento atingem áreas sociais do governo, diz Folha. 08/07/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/07/1899491-cortes-no-orcamento-atingem-areas-sociais-do-governo.shtml>.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁵⁴ que afetam (in) diretamente a vida dos trabalhadores, capoeiristas, pesquisadores etc.

Frente ao cenário atual, poderíamos também apresentar diversas notícias de desvios dos recursos públicos; lavagem de dinheiro; corrupções ativas, passivas; “compra de votos”, chantagens; liberação de ementas para deputados aliados; privatizações das empresas públicas brasileiras; perdão de dívidas das empresas privadas; dentre outros. Pois de acordo com Taffarel e Albuquerque (2015), a ciência e tecnologia são vulneráveis a diversos fatores como: financiamento especulativo, crise fiscal, limitados recursos estatais, dívida pública, privatizações, endividamento externo e destruição dos serviços públicos.

Assim, fazer ciência é uma tarefa árdua que requer investimentos econômicos, educacionais, pessoais, sociais, dentre outros, que permitam tirar o país da miséria, do atraso e da desesperança, reduzindo a desigualdade social e aumentando o crescimento econômico. Mas para isso acontecer é preciso investir na educação obrigatória, universal e de qualidade para que haja conscientização da população e sejam despertados interesses pela luta coletiva, em prol de colégios, escolas e universidades acessíveis e de qualidade (VERCESI et al, 2002). Nesse sentido, “da universidade espera-se, sobretudo, que se formem profissionais e pesquisadores bem preparados e com sólidos valores éticos e de cidadania e que gere conhecimento – ciência, tecnologia, humanidades e artes – voltado à solução de problemas relevantes para a humanidade e para a sociedade que a financia” (VERCESI et al, 2002, p.3).

O conhecimento científico aparece com a prática humana, o trabalho, sendo constituído pelas necessidades materiais de produção e subordinado ao projeto histórico e as relações econômicas (TAFFAREL, ALBUQUERQUE; 2015). Nesse sentido, “com isto dizemos que fazer ciência é, na essência, questionar com rigor, na acepção precisa de atitude sistemática cotidiana, não de resultado esporádico, estereotipado, especial” (DEMO, 2000, p.17). No item a seguir, expomos, especificamente, o protagonismo das mulheres nas produções científicas.

⁵⁴ Folha de São Paulo. Não haverá atraso nem corte de bolsas, diz secretário do Ministério da Ciência. 17/08/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/08/1910556-nao-havera-atraso-nem-corte-de-bolsas-diz-secretario-do-ministerio-da-ciencia.shtml>.

2.2.1 O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática

Sou mulher, sou capoeira⁵⁵
 Minha luta é certa
 Dou aú, também rasteira
 Sou mulher

Não me peça pra me calar
 Nem com tiro de canhão
 O machismo tenta me levar ao chão
 Com força física e dominação

Mas, ninguém parece ver
 A relação é de poder
 Se questiono dou faniquito ou sou sapatão
 Não sou obrigada a viver uma submissão

Respeite o meu jogo, minha ginga e malícia
 A liberdade quem me garante é a constituição
 Sexo frágil é ilusão, sou mulher

Ocupo todos os espaços
 Com beleza e resistência
 Sou professora e doutora
 Já cheguei na presidência, sou mulher

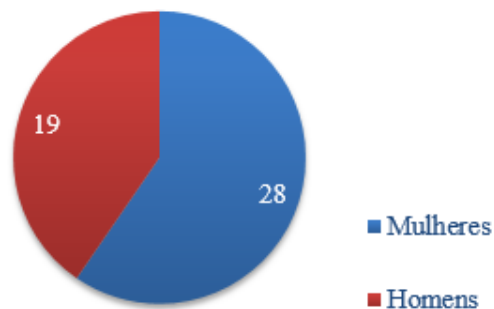
Vamos todas nessa luta
 Contra o machismo e opressão
 Em pleno século XXI, libertação.

Iniciamos a discussão com a música “Sou mulher, sou capoeira”, a qual discorreu sobre a inserção da mulher na capoeira, abordando sobre o machismo presente na roda de capoeira; trouxe as conquistas no cenário social, político, econômico e cultural; enfim, demonstrou o protagonismo da mulher na capoeira. Louro assinalou que as “ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc. vêm se preocupando em reconhecer essas ações” (2014, p.18) que se iniciaram na década de 60, mas historicamente as mulheres foram (e ainda são) invisibilizadas em diversos/as cargos, funções, espaços e produções científicas.

⁵⁵ Música “Sou Mulher, Sou Capoeira”, autoria de Ábia Lima e Josenice Guedes, parte do Projeto Sou Mulher, Sou Capoeira composto pelas/os demais integrantes Daniela Borges, Jeane Gomes e Thiago Freitas. A finalidade do projeto é produzir um vídeo trazendo a música e diversas mestras, contramestras, professoras, instrutoras, formadas, alunas e coletivos feministas do Brasil e Exterior.

Podemos constatar a invisibilidade dessa temática no levantamento das dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB, mesmo que defendidas por mais mulheres do que homens, logo a seguir, exibimos o quantitativo de produções científicas por gênero.

Gráfico 23– Distribuição da produção científica sobre capoeira na UFBA e UNEB por gênero.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Apesar de observarmos que 28 produções científicas foram escritas por mulheres, somente duas dissertações⁵⁶ fizeram o recorte de gênero, e uma, especificamente, trouxe a mulher como a temática principal, no entanto algumas pesquisas apresentaram o assunto nos capítulos e/ou subcapítulos. Dessa forma, iremos focar nas referências das pesquisas que versaram sobre a capoeira e as questões de gênero.

No tocante a essa discussão, citamos o entendimento cunhado por Louro que não nega as questões biológicas entre os sujeitos, mas compreende as suas características sexuais na prática social. A autora propôs superar a lógica dicotômica entre homem e mulher, “o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas culturais, sociais, subjetivas) ‘em relação ao homem – sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado’ (2014, p.37)”.

Nesse sentido, para alargar e dar a visibilidade a essa discussão tratamos das 14 (3%) produções científicas encontradas de um universo de 409 obras (livros, artigos, dissertações, teses, DVDs e CDs) sobre capoeira, conforme a Tabela 3.

⁵⁶ A dissertação de Ivanildes Sena (2016) tratou sobre a capoeira angola numa visão cosmoafricana e as relações de gênero. A autora discutiu as tensões e as influências dos valores ideológicos da cultura ocidental na capoeiragem situando os corpos femininos e masculinos, ela também discutiu sobre a hierarquização do poder que pode acirrar a divisão de papéis.

Tabela 3- Textos que abordaram sobre a questão de gênero nas referências das dissertações e teses sobre a capoeira na UFBA e UNEB.

Nº	AUTOR/AUTORA	REFERÊNCIA
1	ARAS, Lina M. B. de e OLIVEIRA, Josivaldo Pires de	ARAS, L. M. B. de e OLIVEIRA, J. P. de. “Mulheres Perigosas’: capoeiras, arruaceiras e navalhistas na cidade do Salvador (1910-1935)”. In: VIII Simpósio Baiano de Pesquisadora (e)s sobre Mulher e Relações de Gênero . Salvador: UFBA/NEIM, 2002.
2	ARAÚJO, Rosângela Costa	ARAÚJO, R. C. Capoeira: Obrigações de Gênero e Sexualidade . Trabalho apresentado durante o evento II Desfazendo Gênero, Universidade Federal da Bahia, setembro de 2015.
3	BARBOSA, Maria Jose Somerlate	BARBOSA, M. J. S. A Mulher na Capoeira. Arizona journal of hispanic cultural studies , V.9, 2005.
4	BARBOSA, Maria Jose Somerlate	BARBOSA, M. J. S. A representação da mulher nas cantigas de capoeira . Disponível em: http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc . Acesso em: 02 out. 2008.
5	FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula C. da C.	FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. Um Estudo Sobre A Participação Feminina Na Capoeira Em Campinas . São Paulo: 2009.
6	FIRMINO, Camila Rocha	FIRMINO, C. R. A participação das mulheres na capoeira: uma análise das relações de gênero . Fazendo Gênero- Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST67/Camila_Rocha_Firmino_67.pdf . Acesso em: 23 de nov. de 2017.
7	LEAL, Luiz Augusto Pinheiro e PANTOJA, Leticia Souto	LEAL, L. A. P. e PANTOJA, L. S. “ Das bulhas e vozerias: a presença de mulheres na capoeira, em Belém do Pará no final do século XIX ”. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda e SANTOS, Eunice Ferreira (Org.).
8	MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa.	MACHADO, S. A. da M.; ARAÚJO, R. C. Ginga de mulheres: luta pela autonomia na roda. In: XI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 11 a 14 ago. 2015, Salvador. Anais... Salvador: Enecult, 2015.
9	MENEZES, Lilia Benvenuti de	MENEZES, L. B. de. A mulher na capoeira. Revista Textos do Brasil-Capoeira: Ministério das Relações Exteriores, Distrito Federal , n.14, s/p, 2008.
10	OLIVEIRA, Denis	OLIVEIRA, D. Capoeira Angola, luta de mulheres In: Revista Toques d’Angola , Ano III, nº4, Brasília, São Paulo e Salvador, novembro, 2005. P.8-9.
11	OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro	OLIVEIRA, J. de; LEAL, L. A. P. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil . Salvador: EDUFBA, 2009.
12	SOUZA, Eliana Glória Reis da Silva	SOUZA, E. G. R. da S. Capoeira: sua História e as Relações de Gênero . Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010.
13	SOUZA, Eliana Glória Reis da Silva	SOUZA, E. G. R. da S. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e situação no ensino da luta no Rio de Janeiro . 2011. 167 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado De oliveira, Niterói-RJ.
14	ZONZON, Christine Nicole	ZONZON, C. N. Gênero, malícia e tradição. In: SIMPLÍCIO, Franciane; POCHAT, Alex.(Orgs) Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas . Rio de Janeiro: MC&G 2015 (Coleção Capoeira Viva, 3).

Arquivo: Elaborado pela autora.

Diante disso, destacamos que das 14 referências citadas acima, quatro autores/as defenderam dissertações e teses sobre capoeira na UFBA, o que demonstrou que a discussão e a produção do conhecimento sobre a inserção e permanência da mulher na capoeira na Universidade ainda são ínfimas. É válido acrescentar que a UFBA, desde 1995, acolheu o primeiro Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) do Brasil e da América Latina, tendo no quadro de pessoal a autora Rosângela Araújo, conhecida como Mestre Janja. A referida docente foi uma das primeiras mestras de capoeira da Bahia, há alguns anos vem produzindo estudos e promovendo eventos que contribuem na luta antissexista e antirracista.

No contexto da capoeira, as mulheres apareceram no século XIX, Salomé, Adelaide Presepeira, Angélica Endiabrada, Chicão, Catutum, Maria Doze Homens, Maltas de Saias, Rosa Palmeirão, Cattú, Calça Rala, Satanás, Nega Didi, Maria Pará o Bonde, Dandara (OLIVEIRA; LEAL, 2009), também Maria Homem, Julia Fogareira, Maria Cachoeira, Maria Pernambucana, Odília, Palmeirona e Maria Pé no Mato; mas não se tem informações suficientes para traçar o perfil delas, o que se sabe é que tinham comportamentos masculinizados (BARBOSA, 2005), sofriam preconceitos por serem “insubmissas” e lutarem por seus espaços sociais de forma subversiva, pois a capoeira era um universo predominantemente masculino.

Para Fernandes e Silva (2009), havia diferenças nos exercícios para homens e mulheres, estas deveriam fazer exercícios para construir o corpo feminino e suportar a tarefa da reprodução, logo o mais indicado era trabalhos manuais, jogos infantis, ginástica educativa; e não lutas, esportes etc. que eram destinados aos homens. Além disso, a mulher era vista como sexo frágil e estava ligada aos afazeres domésticos e as questões familiares (SANTOS, 2011). Essa concepção de sexo frágil ainda é reproduzida pelos homens e algumas mulheres na atualidade, de forma que as construções históricas e sociais das diferenças biológicas são utilizadas para estabelecer relações de poder e interesses que tornam as mulheres dominadas pelos homens (MACHADO; ARAÚJO, 2015).

Além disso, Figuerôa e Silva (2014) apontam que as relações de poder perpetram que as mulheres têm características emotivas, medrosas e indecisas, enquanto os homens são corajosos, racionais, atrevidos e audaciosos, logo os homens são exemplos a seguir. No entanto, percebemos que essas características citadas podem estar presentes ora em algumas mulheres e ora em alguns homens simultaneamente, pois o patriarcado propicia poderes aos homens e lhes dá responsabilidades em todas as subestruturas culturais e sociais (SANTOS, 2011).

Nessa perspectiva, apesar de haver indícios de mulheres no contexto da capoeira envolvidas em conflitos sociais, também, de acordo com Waldeloir Rego, escondendo as armas dos capoeiras e avisando quando a polícia chegava nos locais, elas eram proibidas de praticar capoeira.

Barbosa (2005) aponta que as quitandeiras e baianas, geralmente, estavam próximas das rodas de capoeiras, inclusive há registros de músicas, como “Dona Maria que vende aí”, mostrando uma relação da mulher com a capoeira. É digno de nota que Maria Jose Somerlate Barbosa no seu estudo “a representação da mulher nas cantigas⁵⁷ de capoeira” analisa 375 cantigas de capoeira e constata que 25% aborda sobre a representação feminina na sociedade e capoeira, inclusive algumas dessas são pejorativas, pois comparam as mulheres com cobras peçonhentas, traiçoeiras, infiéis, falsas; estimulam a aplicação de castigos físicos e psicológicos nas mulheres, desejam suas mortes, dentre outros.

Perante o exposto, posteriormente houve um crescimento do número de mulheres na capoeira devido a diversos fatores como: surgimentos dos movimentos feministas; expansão da capoeira nas escolas, nas universidades, nos grupos folclóricos, na *internet*; internacionalização da capoeira; inclusão da capoeira nos programas educacionais; apoios dos intelectuais à capoeira no Brasil; organização de eventos; aumento da publicação sobre capoeira; infiltração da cultura negra na mídia; modernização da família no Brasil; atitudes menos machistas de mestres, contramestres de capoeira; política de Estado que eleva a capoeira como esporte nos 70 e em 80 incorpora ao projeto estatal como patrimônio cultural (BARBOSA, 2005).

O ano de 1980 também marca o ápice das conquistas das mulheres na sociedade como: não obrigatoriedade do casamento, acesso à educação, difusão dos métodos anticoncepcionais, escolha de não ter filho, aumenta a oportunidade de uma vida profissional e formatura da primeira mestra de capoeira (FIRMINO, 2008), Fátima Colombiano (Mestra Cigana)⁵⁸. Depois, os estudos trazem outros nomes como: Tisza Coelho (Mestra Tisza)⁵⁹, Maria Eugênia Poggi (Mestra Gegê)⁶⁰, Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja)⁶¹, Edna Lima

⁵⁷ Falcão (2004) aponta que em 2003 foi lançado o primeiro Cd de capoeira cantada por uma mulher Carolina Soares.

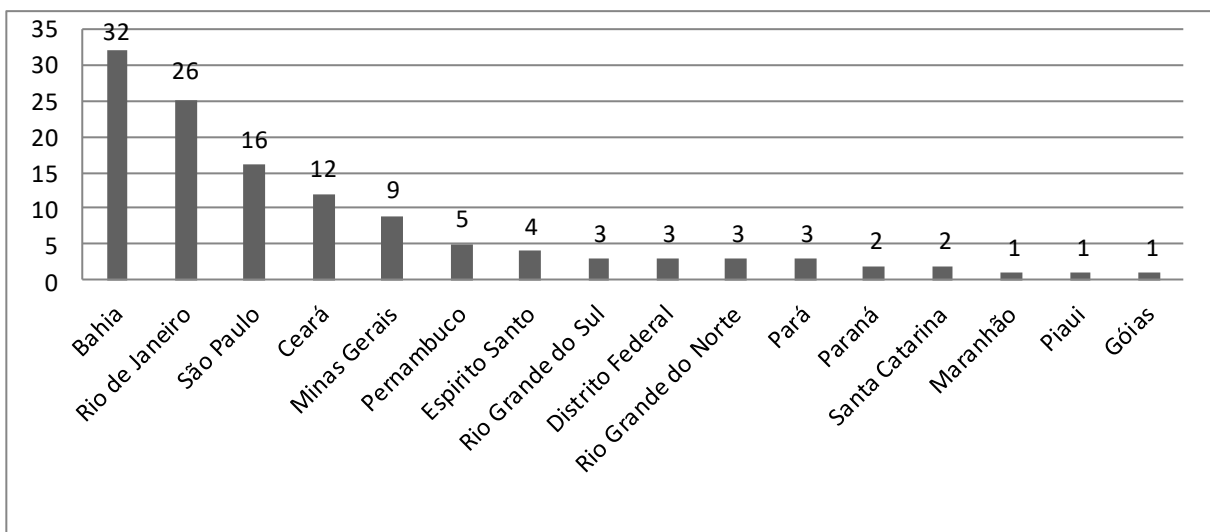
⁵⁸ “The first woman to become a mestre was Fátima Colombiana (M.Cigana), who graduated in 1980 under M.Canjiquinha” (ASSUNÇÃO, 2005, p.180). Começou a treinar em 1970 no Pará com o Mestre Bezerra, em 1975 conheceu Mestre Canjiquinha em São Paulo e foi para Salvador treinar capoeira com ele (SANTOS, 2011).

⁵⁹ Nasceu no Rio de Janeiro, começou a treinar em 1981 com Mestre Garrincha. Posteriormente, mudou-se para a Europa em 1991, ensinando capoeira e fazendo apresentações, já viveu em Boston, EUA e Nova Iorque, treinou com Mestre João Grande em 1994. Muda-se para Serra Grande na Bahia, em 2004, e desenvolve seu trabalho com a capoeira nas escolas, comunidade e academia (MACHADO, 2016).

⁶⁰ Começou a treinar capoeira em 1993, reside e desenvolve trabalhos com a capoeira em Valença, no estado da Bahia (MACHADO, 2016).

(Mestra Edna)⁶²; também Mestra Cristina, Mestra Elma, Mestra Brisa; Mestra Sílvia, Mestra Jerusa, Mestra Maria Pandeiro (FALCÃO, 2004), Mestra Jararaca⁶³, Mestra Isa Mulatinho⁶⁴ e Mestra Shirley Guerreira⁶⁵ as quais têm desenvolvido significativos trabalhos no Brasil e no Exterior (SANTOS, 2011). Depois desse período, os números de mestras, contramestras, professoras e movimentos feministas aumentaram significativamente. Apresentamos o Gráfico 24 com o mapeamento⁶⁶ de mestras de capoeira por estados do Brasil realizado por França e Guedes (2017).

Gráfico 24- Mapeamento de Mestras de Capoeira nos estados do Brasil.



Arquivo: Elaborado por França e Guedes (2017).

A partir da análise, pode-se perceber que liderou o quantitativo o estado da Bahia, em seguida Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará tendo a presença de mestras em 16 estados dos 27 que existem no Brasil. A seguir no Gráfico 25, demonstramos o mapeamento de mestras por países.

⁶¹ Nasceu em 1960 em Feira de Santana (LACERDA, 2016), iniciou capoeira em 1981 no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, foi formada por Mestre Moraes, posteriormente fundou o Grupo Nzinga de capoeira em 1995 (SANTOS, 2010).

⁶² Foi formada pelo Mestre Tabosa em 1981, quando tinha apenas 20 anos (SANTOS, 2010).

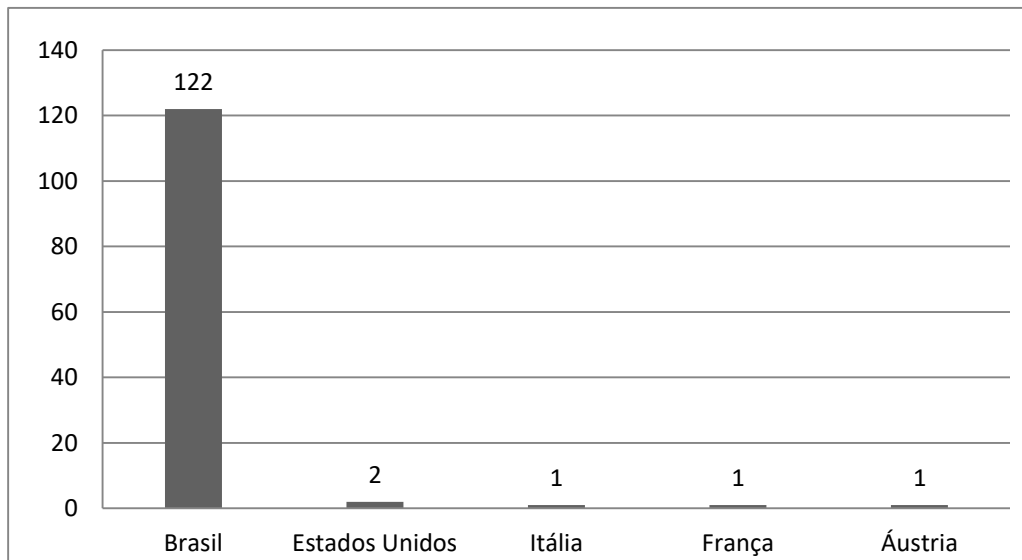
⁶³ Valdelice Santos de Jesus, consagrada a Mestra de Capoeira Angola em 2001 por Mestre Curió (CONRADO, 2006).

⁶⁴ Nascida em Recife, iniciou na capoeira na década de 1980 (LACERDA, 2016).

⁶⁵ Nascida em Santo Amaro, foi formada mestra em 2010 (LACERDA, 2016).

⁶⁶ O mapeamento das mestras de capoeira de Salvador foi iniciado em junho com a finalidade de ganhar o edital Capoeira Viva Salvador N°003/2017, da Fundação Gregório de Matos, e assim poder realizar uma exposição fotográfica e biográfica no Forte da Capoeira em homenagem e reconhecimento a 18 mestras e contramestras que difundem a capoeira no município de Salvador, porém ficamos como suplentes.

Gráfico 25- Mapeamento de Mestras de Capoeira no Brasil e Exterior.



Arquivo: Elaborado por França e Guedes (2017).

A partir do gráfico 25, percebemos que o Brasil se destacou com o quantitativo de mestras, inclusive pelo fato de o surgimento da capoeira ter se dado neste país, mas ainda é preciso novos estudos que tragam as biografias e histórias dessas mestras, bem como constantes atualizações de informações que surgem diariamente. Concordamos com Machado e Araújo (2015) que a quantidade de mestras e contramestras ainda é pequena, confirmado também por Falcão (2004), sendo parcialmente compreendido por ser ainda recente a sua participação, mas é preciso ter um maior investimento na promoção das mulheres nos diversos grupos.

Tal realidade evidenciou que mesmo a mulher tendo conquistado espaço na capoeira, ainda carece ‘brigar pelo gunga’, não toca berimbau, não puxa o canto, joga menos vezes; além de ser exposta a situações de humilhações de caráter sexual, sofrer golpes dados com força suficiente para machucar e tomar rasteiras que desmoralizam, gerando cansaço, revolta e indignação, o que contribui para a evasão das mulheres na capoeira (ZONZON, 2017). A autora ainda defende que a “presença de mulheres na posição de mestre – no caso, de mestra – oportuniza mudanças ainda mais radicais no sentido de substituir modelos de comportamentos herdados da malandragem masculina por representações de excelência associadas a figuras femininas” (2007, p. 90).

Na capoeira, nós, mulheres estamos utilizando várias estratégias para demarcar nossa presença, e uma delas são as rodas femininas como atitude

política, onde o poder, a liderança, organização, desenvolvimento e conclusão do ritual, tocado, cantado e jogado é de total responsabilidade, compreendendo essas rodas como um símbolo político e não como uma separação que vai de encontro com princípios fundamentais da arte e metodologia plural de constituição da capoeira (CONRADO, 2006, p.216 apud MIRANDA FILHO, 2008, p.72).

A partir disso, é válido ressaltar que tem aumentado o protagonismo das capoeiras na organização de simpósios, rodas de integração, seminários, workshops, encontros e conferência também na condução de coletivos feministas tanto no Brasil como no Exterior. Fazendo o recorte do estado da Bahia temos as seguintes ações e coletivos: “Dona Maria, Como Vai Você”⁶⁷, “Vadeia Sinhá e Sinhô”⁶⁸, “Mulher na Capoeira tem Axé”⁶⁹, “Mulher Que Ginga”⁷⁰, “Rasteira Feminina”⁷¹, “Ginga Feminina”⁷², Pimentas de Angola⁷³ e “Roda de Integração Feminina”⁷⁴ que realizam diversos eventos ao longo do ano, que contribuem, em sua maioria, para o empoderamento da mulher e para a luta antissexista.

As mulheres vêm trazendo seus universos diversificados, suas singularidades, a ampliação do diálogo e do senso do cuidado, suas estéticas, suas estratégias de luta e principalmente seus questionamentos diante da naturalização dos machismos e sexismos dentro e para além da capoeira (MACHADO; ARAÚJO, 2015, p.2).

Nesse sentido, necessitamos (re) criar espaços de diálogos democráticos nas escolas, nas universidades e nas comunidades; dar visibilidade às novas personagens e narrativas; conhecer as biografias e histórias de mestras de capoeira; estimular o protagonismo da mulher na produção científica; (des) construir conceitos e discursos que contribuam para o aumento da desigualdade de gênero; compreender as lutas cotidianas que interferem na dedicação e tempo das mulheres na capoeira; fomentar políticas públicas de combate a violência contra a mulher; dar o mesmo tratamento aos homens e às mulheres nos treinos e nas rodas de capoeira.

⁶⁷ Coordenado pelas professoras Índia e Caracol.

⁶⁸ Integrantes: professora Paulinha, formada Virgínia, instrutoras Josélia, Mayne, Milena; e Sinha.

⁶⁹ Coletivo de mulheres capoeiristas do Portal do Sertão e demais territórios de identidade, tendo na liderança contramestra Nzinga e formada Negona. Disponível em: <http://www.cn1.com.br/noticias/18/39310,cidade-do-saber-recebe-5-mulher-na-capoeira.html>.

⁷⁰ Coordenadora: Contramestra Jacarandá.

⁷¹ Composto por: Ábia Lima, Daniela Borges, Jeane Gomes, Josenice Guedes e Thiago Freitas.

⁷² Responsável Mestre Geisa.

⁷³ Criado por Adriana Albert Dias (Professora Pimentinha).

⁷⁴ Componentes: Africana, Atitude, Caí Caí, Drika, Índia Kabod.

Diante de tais informações na revisão da literatura a respeito dos aspectos históricos, culturais e educativos da capoeira, também da produção do conhecimento e do protagonismo da mulher na pesquisa científica, podemos ponderar que foi inegável as mudanças expressivas no campo da capoeira, o seu processo de internacionalização, atraindo pessoas de diversas classes sociais e países distintos, também potencial educativo na sociedade, adentrando aos espaços não escolares e formais, além de ter sido fonte de inspiração de cineastas, pintores, poetas, pesquisadores, cronistas, atores/atrizes, fotógrafos, artistas e capoeiras que (sobre) vivem de sua arte. Logo em seguida, expomos os caminhos metodológicos da pesquisa.

3. GINGAS METODOLÓGICAS

A ginga é o movimento básico mais importante na capoeira, através dela surge as outras movimentações, os floreios⁷⁵, os golpes de ataque e defesa. “Sem ela não existe a luta, é a Ginga que caracteriza a luta, é ela que diferencia a Capoeira das outras modalidades de lutas” (ALMEIDA, 2005, p.27). Assim, podemos fazer uma analogia com o método da pesquisa, o qual revela as ações, a organização e o desenvolvimento do trabalho, ou seja, entendido como algo concreto e ato vivo (GATTI, 1999).

Concordamos com Falcão et al (2009) que a pesquisa científica não é um produto da vocação ou interesse pessoal, ou isolada da totalidade, mas é uma atividade socialmente condicionada que traz problemas de ordem técnica, metodológica, teórica e epistemológica. Nesse ponto, também percebemos que se faz necessária a implicação dos(as) pesquisadores(as) nas formas de observar o problema e tema de conhecimento pela sua imersão no **universo da capoeira** (GATTI, 1999, **grifo nosso**).

Portanto, tomamos a perspectiva do paradigma⁷⁶ da dialética para inspirar e avaliar criticamente as pesquisas científicas sobre capoeira. Nesse sentido, para captar o fenômeno de determinada coisa é necessária a indagação e a descrição da coisa em si, pois a familiarização e manipulação das coisas não proporcionam a compreensão delas e da realidade (KOSIK, 1976). No entanto, Lakatos (2008, p.101) diz que “as coisas são analisadas em movimento e não existem isoladas, destacadas umas das outras, mas como um todo unido, como objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros, ao mesmo tempo”.

Nessa perspectiva, para análise dos fenômenos que estão interligados, consideramos as interpretações dinâmicas e totalizantes da realidade, bem como as influências econômicas, políticas e culturais (GIL, 2008). Ainda de acordo com Saviani e Duarte (2012, p.127), “o concreto não é ponto de partida, é ponto de chegada. [...] Ou seja, está no ponto de partida das primeiras impressões em que a realidade nos aparece como um todo caótico, sincreticamente”, e a partir disso nos debruçaremos nas produções científicas sobre capoeira/educação dos diversos Programas de Pós-graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB para estabelecer os nexos e as sínteses possíveis do nosso recorte.

⁷⁵ “São movimentos manhosos, ágeis, espertos e traiçoeiramente defensivos, que serve para disfarçar o caráter belicoso da capoeira” (SILVA, 2008, p.20).

⁷⁶ Segundo Gaspar, “o paradigma é uma lógica reconstruída, ou maneira de ver, decifrar e analisar a realidade” (2008, p.342).

Dessa forma, por se tratar de análise de estudos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, da área de capoeira/educação nosso tipo de pesquisa foi a bibliográfica. Esta é desenvolvida a partir de um material já elaborado, chamado de fontes bibliográficas, podendo ser constituído por livros de leitura corrente (obras literárias e de divulgação) ou de referência informativa (dicionários, enciclopédias, anuários e almanaques) ou remissiva (catálogos); também por publicações periódicas (jornais e revistas) e impressos diversos (GIL, 2002).

Importa sublinhar que o tipo de pesquisa citado anteriormente não deve ser confundido com a revisão de literatura, na qual consta em todas as produções científicas. Lima e Miotto (2007) acrescentam que a pesquisa bibliográfica fundamenta teoricamente o objeto de estudo e colabora com elementos que consubstancia a apreciação futura das informações colhidas; permite também dialogar, questionar, confirmar o conhecimento e assim produzir novas teorias (DEMO, 1985).

Com relação ao tipo de pesquisa bibliográfica, elegemos o “estado do conhecimento” por se tratar de um setor das publicações, dissertações e teses, sobre o tema pesquisado. Esse tipo de levantamento colabora com a sistematização e análise na definição de um campo, também pode cooperar com as rupturas sociais (ROMANOWSKI; ENS, 2006). Com relação alguns tipos de pesquisas bibliográficas, apresentamos logo abaixo, no Quadro 26, características, objetivos, procedimentos, fontes de consulta e resultados do tipo Estado da Questão, Estado da Arte⁷⁷ e Revisão de Literatura.

⁷⁷ Os autores Romanowski e Ens (2006) acrescentam que esse tipo de pesquisa permite a efetivação de balanço da pesquisa em uma determinada área de conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, publicações e artigos de periódicos.

Quadro 26- Caracterização entre Estado da Questão, Estado da Arte e Revisão de Literatura.

Características	Estado da Questão	Estado da Arte	Revisão de Literatura
Objetivos	Delimitar e caracterizar o objeto (específico) de investigação de interesse do pesquisador e a conseqüente identificação e definição das categorias centrais da abordagem teórico-metodológica.	Mapear e discutir uma certa produção científica/acadêmica em determinado campo do conhecimento.	Desenvolver a base teórica de sustentação/análise do estudo, ou seja, a definição das categorias centrais da investigação.
Procedimentos	Levantamento bibliográfico seletivo para identificar, situar e definir o objeto de investigação e as categorias de análise.	Levantamento bibliográfico em resumos e catálogos de fontes relacionados a um campo de investigação.	Levantamento bibliográfico para a compreensão e explicitação de teorias e categorias relacionadas ao objeto de investigação identificado.
Fontes Consulta	Teses, dissertações, relatórios de pesquisa e estudos teóricos.	Predominantemente resumos e catálogos de fontes de produção científica.	Teses, dissertações, relatórios de pesquisa e estudos teóricos.
Resultados	Clareia e delimita a contribuição original do estudo no campo científico.	Inventário descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema investigado.	Identifica o referencial de análise dos dados.

Arquivo: Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p.8).

A partir da análise do quadro 26, ficou evidente que existem diversas diferenças entre os três tipos de estudos bibliográficos. Ainda de acordo com Nóbrega-Therrien; Therrien (2004), no Estado da Questão há uma busca crítica e seletiva nas fontes de produção de conhecimento, restringindo aos parâmetros próximos às particularidades do interesse do pesquisador que se assemelha ao Estado do Conhecimento.

O balanço das produções científicas sobre capoeira/educação na UFBA e UNEB pode demonstrar as prováveis lacunas no conhecimento a respeito do tema (SILVEIRA; THERRIEN, 2011) nas duas universidades, além de desvendar o conhecimento já elaborado, apontando os enfoques (ROMANOWSKI; ENS, 2006), as referências, fragilidades, potencialidades, dentre tantas outras questões pertinentes para a produção e divulgação do conhecimento.

A primeira etapa do estudo foi realizar o levantamento de produções científicas com descritor “capoeira” no Repositório Institucional da UFBA, no Centro de Documentação e Informação (CDI) da UNEB, no Banco de Teses e Dissertações do Portal da CAPES, no Sistema Integrado de Bibliotecas (PERGAMUM) e em último caso no *Google*. Percebemos

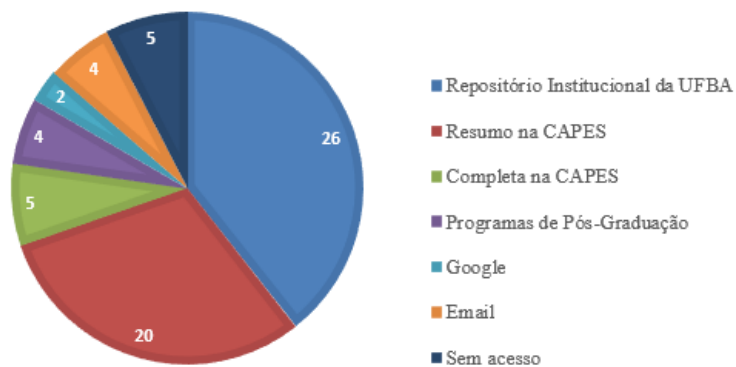
que os bancos digitais não estavam atualizados, pois algumas dissertações e teses estavam apenas numa plataforma digital; também tivemos de visitar as bibliotecas da UFBA para ter acesso aos trabalhos na íntegra; em alguns casos só havia os resumos no Portal da CAPES, e houve trabalhos que não constavam nas plataformas digitais nem bibliotecas, o que deixou evidente que precisa haver uma melhor fiscalização e administração para não comprometer o trabalho dos pesquisadores e desperdício do investimento público.

Nesse sentido, com relação aos trabalhos aos quais não obtivemos acesso, fizemos uma busca de contatos dos pesquisadores (as) no *currículo lattes*, também nas páginas de instituições de ensino que estão vinculados (as), nas redes sociais, nos e-mails e também por meio dos(as) orientadores(as) para solicitar a disponibilização das dissertações e teses sobre capoeira. “Esta ousadia impele o investigador a reconhecer que a totalidade dos estudos desenvolvidos quer represente um crescimento quantitativo quer qualitativo ainda não é acessível à comunidade acadêmica ou a outros interessados e que precisam ser mapeados e analisados” (BRZEZINSKI, 2016, p.73).

Localizamos 48 produções científicas que versaram sobre a capoeira nos Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB, defendidas entre 1998 e 2017. Na UFBA, foram encontradas 33 dissertações e 12 teses, ao total 45 produções científicas, em 12 programas de pós-graduação dos 79 que existem. Já na UNEB, localizamos apenas 3 dissertações em dois programas dos 16 que existem na Bahia.

Dessa forma, para efeito de organização do texto, apresentamos um conjunto de tabelas, quadros e gráficos. Logo abaixo, expomos a forma de acesso a 48 produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB.

Gráfico 27- Acesso às dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

É válido salientar que 19 dissertações e teses não constavam no RI da UFBA e que quase a metade dos trabalhos sobre capoeira tiveram os resumos divulgados no Portal da CAPES, na íntegra foram apenas cinco, depois de 2013. Buscamos diversas formas para ter o acesso às produções científicas, sendo que em três não constavam o material impresso nas bibliotecas, nem no repositório da UFBA e CAPES, e as duas últimas foram defendidas em setembro e novembro de 2017, respectivamente, logo teriam prazo para fazer as adequações e lançarem nos portais/bibliotecas. Dessa forma, as produções Nº 4, 13, 16, 44 e 45 foram excluídas das próximas etapas e, posteriormente, da análise de conteúdo.

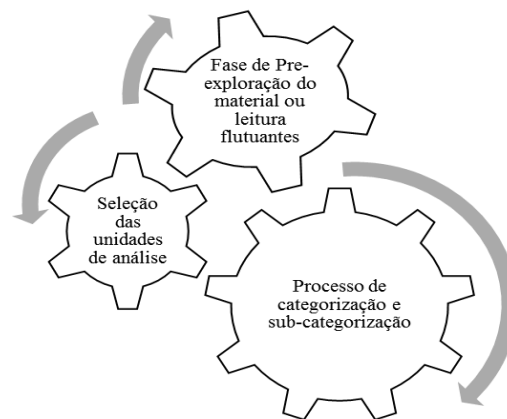
Na segunda etapa para refinar os resultados, designamos alguns critérios de inclusão e exclusão para o levantamento bibliográfico. Para o critério de inclusão da amostra, fizemos busca do termo “ensino”, “aprendizagem”, “formação”, “educação” e “práxis pedagógica” nos títulos, nos resumos e nas palavras-chaves das produções científicas sobre capoeira. Dessa forma, as dissertações e teses sobre capoeira que não entrecruzaram com algum termo que abrange a área da educação foram excluídas da análise. Também foram excluídas as pesquisas que trouxessem uma das palavras citadas acima de forma pontual sem haver uma relação e discussão aprofundada no desenvolvimento das pesquisas.

A terceira etapa se relaciona com análise de conteúdo, um conjunto de técnicas que dá sentido às informações colhidas nos estudos que podem estar explícitas e/ou necessitam de interpretações dos pesquisadores. Desta maneira, o autor ainda defende que a análise do conteúdo não deve ter formalismo excessivo com o texto e a técnica, nem excesso de subjetividade de forma a impor as ideias e valores dos pesquisadores para confirmá-las (CAMPOS, 2004).

A análise de dados envolveu todo o processo de sistematização dos dados até o que deve ser apreendido e transmitido aos indivíduos, sendo necessária muita atenção e muito esforço (AMADO, 2013) do pesquisador para a produção do conhecimento. O referido autor relata que houve uma preocupação para além da coleta de dados, que é preciso saber o que analisar e interpretar dessa coleta. As diversas técnicas de análise de conteúdo são: **análise temática ou categorial**, análise de enunciação, análise da expressão, análise de avaliação ou representacional, análise das relações ou associações, análise léxica ou sintática, análise transversal ou longitudinal, análise do discurso, análise do geral para o particular, análise do particular para o geral, análise dimensional, dentre outras (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

É válido salientar que a análise de conteúdo permite qualificar as vivências do indivíduo, e também suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos. Essa técnica comporta fazer inferências por meio da associação entre os dados e os quadros de referência da fonte de comunicação. Estes por sua vez se referem “as intenções, representações, pressupostos, ‘estados de espírito’, etc., bem como por certas variáveis, como o sexo, a idade, a classe social, o momento histórico”, os quadros devem ser prescritivos, analíticos e metódicos (AMADO, 2013, p.4). A Figura 28 representa as etapas da análise do conteúdo.

Figura 28- Representação imagética das etapas de análise de conteúdo.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Para tanto, as nossas categorias escolhidas foram: jogo, dança, música, relação educador/educando, metodologias de ensino, corpo, valores; aspectos ritualísticos, cênicos e espaços formais associados ao processo de ensino e aprendizagem na capoeira. É oportuno ressaltar que não existem fórmulas mágicas na categorização, nem no estabelecimento de passos norteadores, pois os pesquisadores podem seguir seus caminhos baseados na competência, sensibilidade, experiência e intuição (CAMPOS, 2004). Assim, apresentamos o panorama do Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB.

3.1 PANORAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU NA UFBA E UNEB

A partir de 1808, o primeiro curso foi instituído através da Escola de Cirurgia da Bahia, depois surgiram os cursos de Farmácia (1832), Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891), Politécnica (1896) e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941), no entanto a UFBA⁷⁸ completou em 2017, 70 anos de existência consolidada. É válido acrescentar que o reitor Edgard Santos se destacou por contribuir significativamente nas áreas de artes, humanidades e saúde, também construiu o Hospital Universitário, o Centro de Estudos Afro-Orientais⁷⁹ e os campi do Canela, da Federação e de Ondina.

Com relação ao surgimento dos Programas de Pós-graduação⁸⁰, modalidade *stricto sensu*, na UFBA, inicia-se em 1960, ainda de forma desestruturada, sendo improvisada a orientação e avaliação da banca por colegas da mesma unidade de ensino, especificamente realizada por docentes da instituição. A formalização dos cursos de mestrado e doutorado no Brasil ocorre por meio do Parecer nº 977/1965 do Conselho Federal de Educação (CFE), tendo a ampliação e aceleração com a sanção da Lei 5.539/1968 que modificou o Estatuto do Magistério impondo a titulação de pós-graduação *stricto sensu* para o progresso na carreira docente nas universidades federais. Dessa forma, em 2010, de acordo com informação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁸¹ havia 71 programas na UFBA, tendo 41 cursos de doutorado, 58 cursos de mestrado acadêmico e 7 de mestrado profissional.

Atualmente, a UFBA conta com 79 Programas de Pós-graduação⁸², na modalidade *stricto sensu*, a qual oferece em diversas áreas de concentração o mestrado acadêmico e/ou profissional, também doutorado em diversos programas, que serão demonstrados no Gráfico 29.

⁷⁸ Informações retiradas da página oficial da UFBA, ver em: <https://www.ufba.br/historico>.

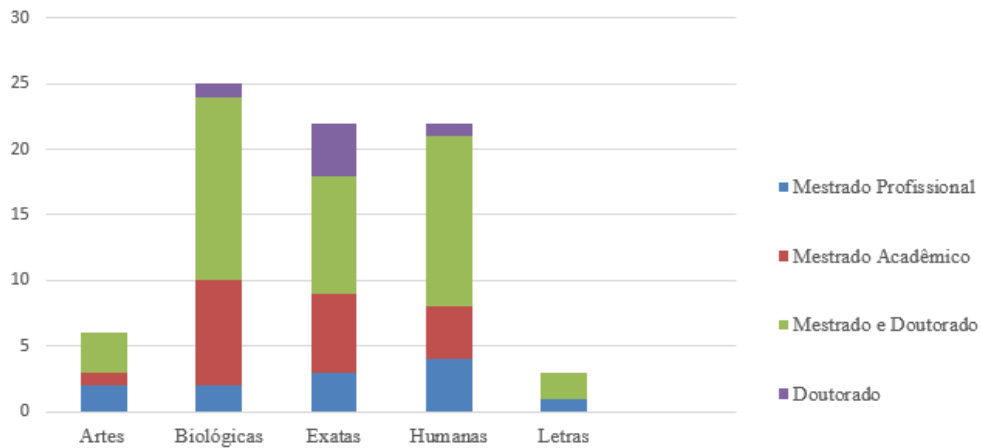
⁷⁹ O CEAO foi “criado em 1959, que, também através de seu jornal, Afro-Ásia, já se tornara uma importante referência institucional e acadêmica na reconstrução da ‘África’ na Bahia e no Brasil” (SANSONE, 2003, p.97).

⁸⁰ O primeiro de Programa de Pós-Graduação foi em 1968, Mestrado em Química, depois em Geofísica e Matemática (1969); Educação (1972); Medicina, Economia e Patologia Humana (1973). O doutorado inicia-se em 1972, o primeiro programa foi o de Geofísica. Informações disponíveis em: <http://www.progp.ufba.br/historico>.

⁸¹ A CAPES, fundação do Ministério da Educação, foi criada em 1951 pelo Decreto nº 29.741. Ela tem diversas incumbências para contribuir com o avanço do conhecimento e atender as demandas da sociedade, também garantir a expansão e consolidação da pós-graduação, *stricto sensu*, em todos os estados do Brasil. Para maiores informações, acessar a página: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>.

⁸² No Anexo 1, apresentamos a relação dos referidos programas, seus níveis e suas áreas de concentração.

Gráfico 29- Distribuição do quantitativo de Programas de Pós-graduação da UFBA por Grande Área e Nível.



Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir dessa análise, pode-se inferir que há menos programas de pós-graduação em nível de mestrado, tanto acadêmico quanto profissional, e doutorado nas áreas de Letras e Artes; enquanto, a área biológica teve um maior quantitativo de programas.

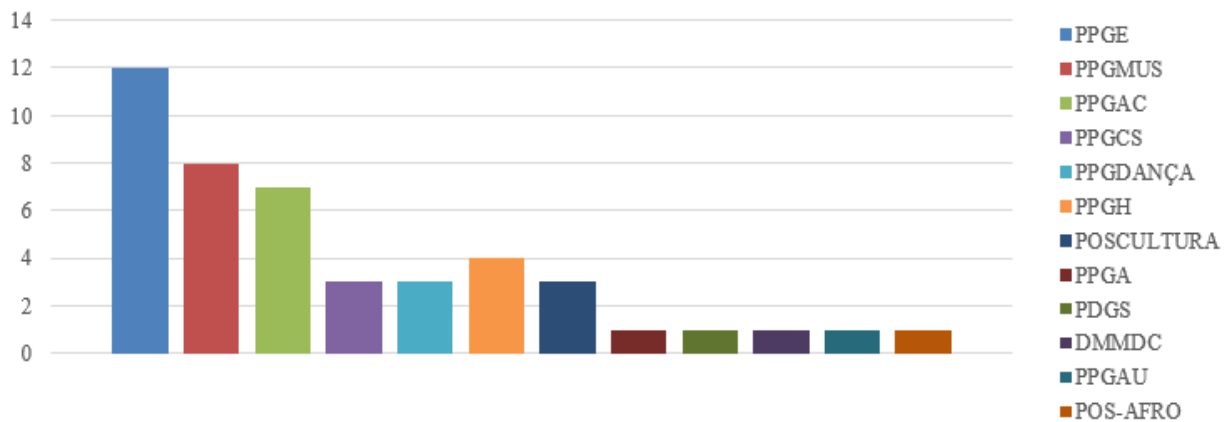
Já a UNEB⁸³ foi criada em 1983, possui 29 Departamentos e 24 campi espalhados pelo estado da Bahia, sendo ofertado mais de 150 cursos de graduação e pós-graduação nas modalidades presencial e educação a distância (EaD). Depois desse panorama e compreensão vamos adentrar, especificamente, nas produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB.

3.1.1 Dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB

A UFBA tem 45 produções científicas sobre a capoeira, 33 dissertações e 12 teses espalhadas em 12 programas da referida universidade, defendidos de 1998-2017.

⁸³ A UNEB está presente nos municípios de Salvador, Alagoinhas, Juazeiro, Jacobina, Santo Antônio de Jesus, Caetitê, Senhor do Bonfim, Paulo Afonso, Barreiras, Teixeira de Freitas, Serrinha, Guanambi, Itaberaba, Conceição do Coité, Valença, Irecê, Bom Jesus da Lapa, Eunápolis, Camaçari, Brumado, Ipiáú, Euclides da Cunha, Seabra e Xique-xique. Ver mais informações na página: <http://www.uneb.br/institucional/a-universidade/>

Gráfico 30- Produções científicas sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação da UFBA.

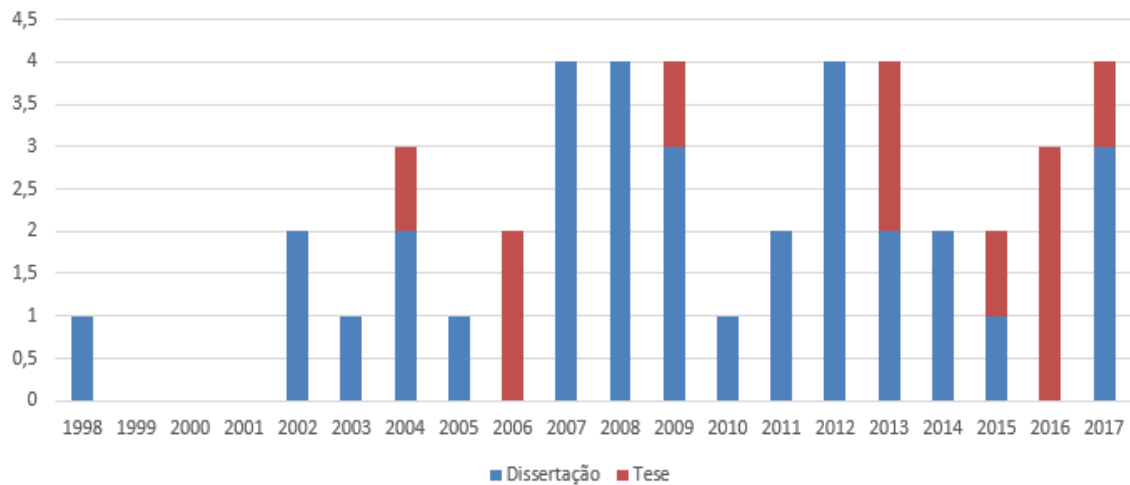


Arquivo: Elaborado pela autora.

De acordo com a análise do Gráfico 30, salientamos que a capoeira foi (e é) um tema transversal, sendo possível reconhecer que outros Programas de Pós-Graduação, na modalidade *stricto sensu*, poderiam acolher a temática como objeto de estudo, a exemplo dos seguintes: em Administração (NPGA); em Ciências da Saúde (PPGCS); em Comunicação e Cultura Contemporânea (POSCOM); em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PMECLIP); em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM); em Língua e Cultura (PPGLINC); em Literatura e Cultura (PPGLITCULT); em Museologia (PPGMUSEU); em Psicologia (PPGPSI); em Relações Internacionais (PPGRI); em Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSAT) e em Saúde Coletiva. Já no Gráfico 31, apresentamos a quantidade de dissertações e teses por ano, em 12 programas⁸⁴ da UFBA.

⁸⁴ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (POSCULTURA), Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANÇA), Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS), Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (POS-AFRO), Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS).

Gráfico 31– Quantidade de dissertações e teses sobre capoeira, por ano, nos Programas de Pós-Graduação da UFBA.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Com a análise do Gráfico 31, podemos inferir que não houve produção científica nos anos de 1999, 2000 e 2001, e o quantitativo de defesa de dissertação é maior em contraste com o de tese por ano. O período que houve quantidade significativa foi em 2007, 2008, 2009, 2012, 2013 e 2017. Tudo leva a crer que com o reconhecimento em nível nacional, em 2008, pelo IPHAN, a capoeira tornou-se mais pesquisada de forma recorrente; outro fato que merece destaque é que a aproximação com professores e elementos da capoeira na graduação como Educação Física, Música, Dança e outros espaços (in) formais colaboraram de forma significativa para a escolha da temática como objeto de estudo.

Mais adiante, trouxemos informações relevantes das 45 produções científicas sobre capoeira na UFBA, elaboramos o Quadro 32 que consta o número, ano, autor/autora, título, orientador/orientadora, nível e programa.

Quadro 32- Lista de dissertações e teses sobre capoeira defendidas na UFBA.

Nº	ANO	AUTOR/AUTORA	TÍTULO	ORIENTADOR/ORIENTADORA	NÍVEL/PROGRAMA
1	1998	Ricardo Pamfilio de Sousa	A Música na Capoeira: Um estudo de caso	Manoel Vicente Veiga Junior	Mestrado (PPGMUS)
2	2002	Evani Tavares Lima	Capoeira Angola como treinamento para o ator	Eliene Benício Amâncio Costa	Mestrado (PPGAC)

3	2002	Luiz Augusto Pinheiro Leal	“Deixai a política da capoeiragem gritar”: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano (1888-1906)	João José Reis	Mestrado (PPGH)
4	2003	Sandra Regina de Oliveira Santana	Capoeira angola e técnica da dança - Análise de movimento e descrição de princípios para o treinamento técnico-corporal de dançarinos	Suzana Martins	Mestrado (PPGAC)
5	2004	Adriana Albert Dias	A Malandragem da Mandinga - o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha	Maria Cecília Velasco e Cruz	Mestrado (PPGH)
6	2004	José Luiz Cirqueira Falcão	O jogo da capoeira em jogo: a construção da práxis capoeirana	Celi Nelza Zulke Taffarel; José Machado Pais	Doutorado (PPGE)
7	2004	Josivaldo Pires de Oliveira	Pelas Ruas da Bahia: Criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)	Lina Maria Brandão de Aras	Mestrado (PPGH)
8	2005	Nicolas Rafael Severin Larrain	Capoeira Angola: Música e Dança	Sonia Maria Chada Garcia	Mestrado (PPGMUS)
9	2006	Amélia Vitória de Souza Conrado	Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural da Bahia	Edivaldo Machado Boaventura	Doutorado (PPGE)
10	2006	Hélio José Bastos Carneiro de Campos	Capoeira Regional: A Escola de Mestre Bimba	Edivaldo Machado Boaventura	Doutorado (PPGE)
11	2007	Christine Nicole Zonzon	A Roda da Capoeira Angola - Os sentidos em jogo	Milton Araújo Moura	Mestrado (PPGCS)
12	2007	Corey Ann Cottrell	Pure mutt- Puro vira-lata: um estudo coreográfico nas danças urbanas samba-reggae, hip-hop e capoeira	Suzana Maria Coelho Martins	Mestrado (PPGAC)
13	2007	Marcos Dal Bello	Capoeira: Uma Identidade Cultural Adotada	Pedro Rodolpho Jungers Abib	Mestrado (PPGAC)
14	2007	Neuber Costa Leite	Capoeira, Trabalho e Educação	Pedro Rodolpho Jungers Abib;	Mestrado (PPGE)

15	2008	Ângela Maria Ribeiro	Agora já é ainda não: um corpo na encruzilhada entre teatro e a capoeira de angola	Fernando Antônio de Paula Passos	Mestrado (PPGAC)
16	2008	Franciane Simplício Figueiredo	Saber e conhecimento da capoeira de rua: realidade e contradições	Pedro Rodolpho Jungers Abib	Mestrado (PPGE)
17	2008	Jean Adriano Barros da Silva	A Capoeira na Formação da Pessoa com Deficiência Visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica	Roberto Sanches Rabello	Mestrado (PPGE)
18	2008	Vamberto Ferreira Miranda Filho	Produção do Conhecimento sobre capoeira: uma análise a partir das teses do departamento de Educação III - FACED - UFBA (1993-2006)	Maria Cecília de Paula Silva	Mestrado (PPGE)
19	2009	Carolina Ferreira da Fonseca	Esquivas entre Forte de Santo Antônio e Forte de Capoeira: uma cartografia sobre espetáculo e resistência em Salvador	Paola Berenstein Jacques	Mestrado (PPGAU)
20	2009	Flávia Maria Chiara Candusso	Capoeira Angola, Educação Musical e Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	Angela Elisabeth Lühning	Doutorado (PPGMUS)
21	2009	Gabriela Santos Cavalcante Santana	Sobre Capoeira e Dança Cênica: Tramas e Mestiçagens Culturais	Eloisa Leite Domenici	Mestrado (PPGDANÇA)
22	2009	Sante Braga Dias Scaldaferrri	Nas vorta que o mundo deu, nas vorta que o mundo dá, capoeira angola e processos de educação não escolar	Pedro Rodolpho Jungers Abib	Mestrado (PPGE)
23	2010	Flávia Cachinesi Diniz	Capoeira Angola: identidade e trânsito musical	Sonia Maria Chada Garcia	Mestrado (PPGMUS)
24	2011	Catalina Salazar Granados	Configurações da Capoeira Contemporânea: a cena do grupo Ginga Mundo	Armindo Jorge de Carvalho Bião	Mestrado (PPGAC)
25	2011	Paulo Andrade Magalhães Filho	Jogo de Discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana	Paula Cristina da Silva Barreto	Mestrado (PPGCS)

26	2012	Cecilia Tamplenizza	Capoeira Angola na Internet: Comunidades, memória e tradição	Paulo César Miguez De Oliveira	Mestrado (Poscultura)
27	2012	Gissele Raline da Cunha Fernandes Moura	Indivíduos dados a arruaças capoeiras, valentes e contraordem em Itabuna (1950)	Lina Maria Brandão de Aras	Mestrado (PPGH)
28	2012	Marcos Cezar Santos Gomes	Capoeira Emancipatória no Ensino da Dança: uma proposta emergente dos saberes de mestre na especialidade da cinesfera	Lenira Peral Rengel	Mestrado (PPGDANÇA)
29	2012	Sara Abreu Mata Machado	Saberes e Fazeres na Capoeira Angola: a autonomia no jogo de muleekes	Pedro Rodolpho Jungers Abib; Rosângela Costa Araújo	Mestrado (PPGE)
30	2013	Guilherme Bertissolo	Composição e capoeira: dinâmicas de compor entre música e movimento	Paulo Costa Lima	Doutorado (PPGMUS)
31	2013	Mateus Schimith Batista	Estados de Corpo: vias de aproximação entre capoeira e teatro na poética de um ator	Luiz Cesar Alves Marfuz	Mestrado (PPGAC)
32	2013	Neuber Costa Leite	Capoeira, Políticas Culturais e Educação	Pedro Rodolpho Jungers Abib	Doutorado (PPGE)
33	2013	Patrícia Lemos Mota	A música na capoeira como elemento de construção identitária	Xavier Gilles Vatin	Mestrado (PPGA)
34	2014	Carolina Gusmão Magalhães	Iê, capoeira na gestão, camará! Um estudo das práticas organizacionais de uma associação em expansão internacional	Paola Berenstein Jacques	Mestrado (EAUFBA)
35	2014	Christine Nicole Zonzon	Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição	Miriam Cristina Marcilio Rabelo	Doutorado (PPGCS)
36	2014	Edielson Santos Moreira	Capoeira no Brasil: realidade e contradições nas políticas públicas do governo Lula, a experiência do programa Capoeira Viva (2005-2008)	Maria Cecilia De Paula Silva	Mestrado (PPGE)

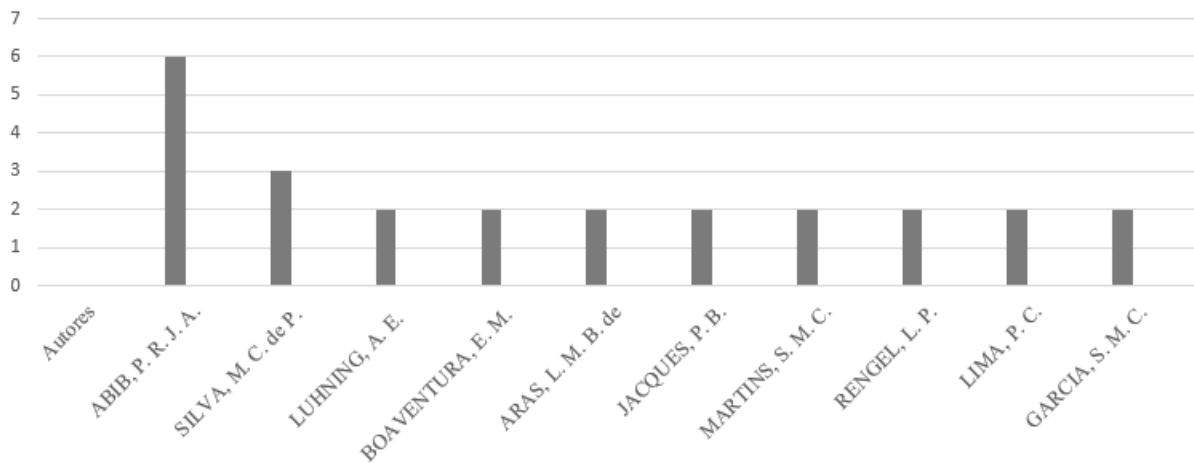
37	2015	Flávia Cachinesi Diniz	Intervenções da Capoeira Angola na Comunidade do Bate Facho, Salvador (2009-2015)	Angela Elisabeth Lühning	Doutorado (PPGMUS)
38	2015	Vinicius Borges Amaro	O ritmo como articulador de gestos e processos composicionais na perspectiva de um diálogo com a capoeira	Paulo Costa Lima	Mestrado (PPGMUS)
39	2016	Alice Pires de Lacerda	Políticas Públicas de Cultura para a Capoeira em uma Perspectiva Intercultural: O que pensam os mestres de capoeira	Renato Jose Amorim Da Silveira	Doutorado (Poscultura)
40	2016	Priscila Maria Gallo	Música, cultura e educação na capoeira de Mestre João Pequeno de Pastinha	Luiz César Magalhães	Doutorado (PPGMUS)
41	2016	Sara Abreu da Mata Machado	Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura	Rosângela Costa de Araújo	Doutorado (DMMDC)
42	2017	Alexandra da Paixão Damasceno Amorim	Vem dançar mais eu, Camará! Gingar/ dançando na capoeira: uma proposta na educação infantil	Lenira Rengel	Mestrado (PPGDANÇA)
43	2017	Anastácia Schroeder	“Escute um pouco seu mestre menina...”- O ambiente gingado e narrado a partir da capoeira angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e educação ambiental	Maria Cecília de Paula Silva	Mestrado (PPGE)
44	2017	Cecilia Tamplenizza	Do canto ao gesto, do corpo ao texto: diálogos com o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho	Edilene Dias Matos	Doutorado (Poscultura)
45	2017	Daniela Sacramento de Jesus	Quando mulheres se tornam capoeiristas: um estudo sobre a trajetória e protagonismo de mulheres na capoeira	Jamile Borges da Silva	Mestrado (PÓS-AFRO)

Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir do quadro, foi possível termos um panorama das produções científicas sobre capoeira da UFBA, compreendendo a diversidade de estudos sobre capoeira que entrecruzaram com as áreas do conhecimento como: Artes, Dança, Difusão do Conhecimento, Arquitetura e Urbanismo, Estudos Étnicos e Africanos, Desenvolvimento e Gestão Social, História, Ciências Sociais, Antropologia, Música, Educação, Cultura e Sociedade, também a recorrência de orientadores, as concepções sobre a capoeira e educação, dentre outros. Também nos chama atenção as possibilidades de pesquisas que valorizam os diálogos corporais, a musicalidade, a performance, as políticas públicas, os grupos de capoeira, os mestres, as mulheres, os estilos de capoeira (principalmente a Capoeira Angola), as tradições, as tecnologias digitais, as perspectivas pedagógicas, as organizações, os lugares fundantes, a produção do conhecimento, o contexto histórico da Bahia e Pará.

Logo abaixo, expomos no Gráfico 33, a distribuição de orientadores que foram recorrentes, no mínimo duas vezes, no acompanhamento de dissertações e teses na UFBA.

Gráfico 33- Distribuição de orientadores e orientadoras recorrentes nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA



Arquivo: Elaborado pela autora.

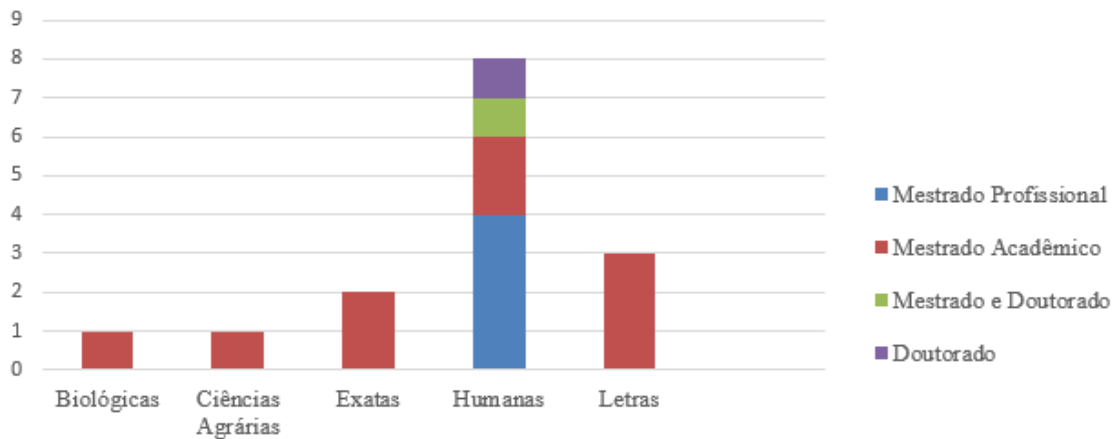
É válido salientar que o quadro de orientação das 45 dissertações e teses da UFBA foi composto por 14 orientadores e 16 orientadoras, no total 30, tendo destaque o orientador Pedro Rodolpho Jungers Abib acompanhando 6 produções científicas (5 do PPGE e 1 do PPGAC), em menor escala, Maria Cecília de Paula Silva orientando 3 produções científicas

no PPGE, 8 orientadores com duas orientações cada um; e os demais orientaram apenas um trabalho.

Na UNEB, encontramos apenas três dissertações de mestrado sobre capoeira, defendidas em apenas dois Programas de Pós-Graduação⁸⁵ dos 16 existentes na modalidade *stricto sensu*.

No Gráfico 34, expomos o quantitativo de programas de pós-graduação da UNEB por Área de Concentração, apontando o nível em mestrado acadêmico e/ou profissional e doutorado.

Gráfico 34- Distribuição do quantitativo de Programas de Pós-graduação da UNEB por Grande Área e Nível



Arquivo: Elaborado pela autora.

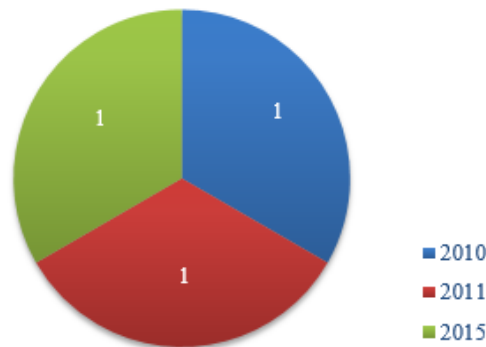
A partir dessa informação, ficou evidente que o mestrado acadêmico foi oferecido em todos os programas de pós-graduação, modalidade *stricto sensu*, enquanto que o doutorado só foi ofertado na área de humanas, assim como mestrado profissional também.

Mais adiante, no Gráfico 35, demonstramos a distribuição de dissertações defendidas nos dois programas⁸⁶ da UNEB na área de Humanas e Letras.

⁸⁵ Para obter mais informações acessar o Anexo 2.

⁸⁶ Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica) e Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC).

Gráfico 35- Distribuição das dissertações sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação da UNEB.

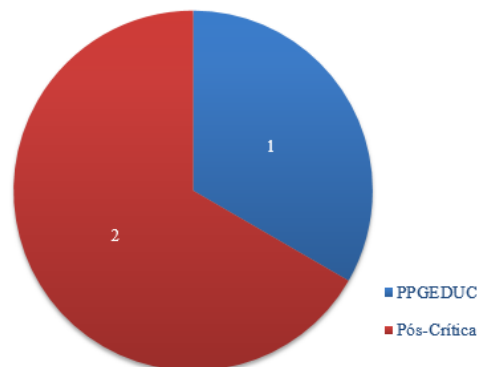


Arquivo: Elaborado pela autora.

Com relação ao Gráfico 35, entendemos que a capoeira, enquanto um tema transversal poderia ter a sua temática acolhida como objeto de estudo nos programas de História Regional e Local (PPGHIS); Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA); Estudo de Linguagens também no Mestrado em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) e em História, Cultura e Práticas Sociais.

No Gráfico 36, mostramos a quantidade de dissertações sobre capoeira por ano, defendidas de 2010 a 2015, nos dois programas da UNEB, citados anteriormente.

Gráfico 36 – Quantidade de produções científicas sobre capoeira por ano, nos Programas de Pós-Graduação da UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Com relação ao gráfico 36, dada a importância e a visibilidade da capoeira na atualidade, percebemos que foi diminuta a produção do conhecimento sobre essa prática cultural, nos Programas de Pós-Graduação da UNEB da modalidade *stricto sensu*, mas compreendemos que a criação dessa instituição ainda é recente, e que novos estudos serão realizados. Logo abaixo mostramos o Quadro 37 com informações referentes às três dissertações encontradas na UNEB.

Quadro 37- Lista de dissertações sobre capoeira defendidas na UNEB.

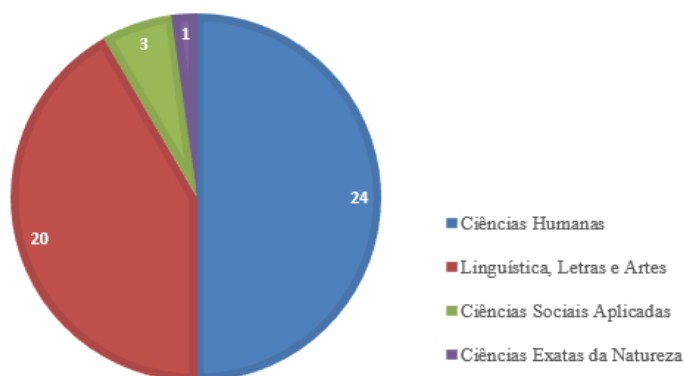
Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR/ ORIENTADORA	PROGRA MA
46	2010	Florisvaldo Evangelista da Silva Junior	Vadiação na escola: Dialogando com as contradições do ensino da capoeira	Marcos Luciano Messeder	PPGEDUC
47	2011	Marcela Guedes Cabral	A identidade cultural afro-brasileira pensada a partir das cantigas de capoeira em Salvador	Arivaldo de Lima Alves	Mestrado (Pós-crítica)
48	2015	Ivanildes Teixeira de Sena	Do ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola	Suely Aldir Messeder	Mestrado (Pós-crítica)

Arquivo: Elaborado pela autora.

As três dissertações trazem elementos diversos como a perspectiva do ensino da capoeira na escola, a contribuição da cantiga para a identidade cultural e relações de gênero na Capoeira Angola, no entanto existem distintas temáticas que ainda necessitam ser debatidas e fomentadas no campo da Saúde, Cultura, Política, Educação, Artes etc.

As 48 produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB estão concentradas em diversas Áreas de Concentração; logo em seguida, apresentaremos a distribuição dessas dissertações e teses por área.

Gráfico 38- Distribuição das produções científicas sobre capoeira por Área de Concentração.

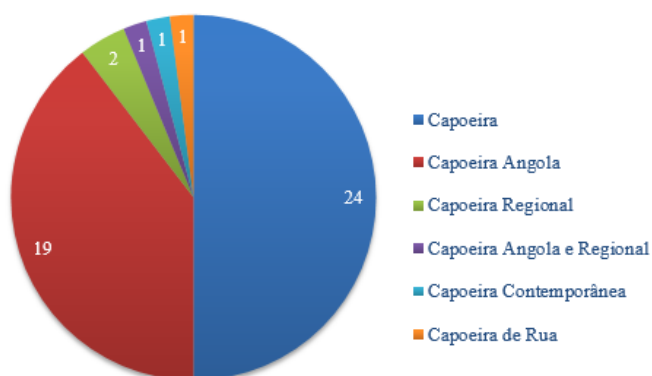


Arquivo: Elaborado pela autora.

Fica evidente, através do gráfico 38, que houve um predomínio de estudos científicos sobre capoeira na área de Ciências Humanas, em seguida, na área de Linguística, Letras e Artes, com menor predominância em Ciências Exatas da Natureza e Sociais Aplicadas.

No Gráfico 39, a seguir, demonstramos os assuntos tratados, a preferência por estilos de capoeira, nas dissertações e teses da UFBA e UNEB.

Gráfico 39- Assuntos tratados nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico apresentado, notamos que a maior parte das produções científicas da UFBA e UNEB retrataram sobre a capoeira de forma ampla, outras adentraram ao universo da Capoeira Angola de forma significativa, tendo pouca visibilidade a Capoeira Regional, Contemporânea e de Rua nos estudos.

Houve 19 pesquisas científicas que tinham como lócus os grupos de capoeira, dentre eles: Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA), Grupo de Capoeira Angola do Pelourinho (GCAP), Grupo Nzinga de Capoeira Angola, Fundação do Mestre Bimba, Escola de Capoeira Regional Filhos de Mestre Bimba, Grupo Ginga Mundo, Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos (ECAIG), Escola de Capoeira Ginga e Malícia, Grupo de Capoeira Angola do Acupe, Centro Esportivo de Capoeira Angola e Associação Cultural G.U.E.T.O. Também podemos observar que os estudos tratavam de comunidades como Kilombo Tenondé, Bate Facho e Gamboa de Baixo; do Forte do Santo Antônio (Forte da Capoeira); do papel da música; das redes sociais; do ensino/educação; da história da capoeira em Salvador, Itabuna e Pará; de políticas públicas; da dança; do teatro; do aspecto cultural; do trabalho; da produção do conhecimento; de mestres de capoeira e discursos; de gênero/mulher; de deficiência visual e formação associados ao universo da capoeira.

Também, mostramos uma síntese das características acadêmico-profissionais desses autores/autoras que estão disponível na *Plataforma Lattes*⁸⁷ baseados na produção de Miranda Filho (2008).

⁸⁷ O cadastro do currículo na Plataforma Lattes se tornou um padrão de registro dos pesquisadores e estudantes do Brasil, pode conter as seguintes informações: resumo do currículo, identificação, endereço, formação acadêmica/titulação, atuação profissional, projetos de pesquisa, extensão; idioma, atividade profissional, áreas de atuação, produções (publicação/organização de livros, trabalhos publicados em anais de congressos, resumos expandidos publicados em anais, apresentação de trabalho), bancas, eventos (participação, organização), orientações e supervisões concluídas, dentre outros. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>

Quadro 40- Características acadêmico-profissionais dos(as) pesquisadores(as) das produções científicas sobre capoeira.

PESQUISADOR/ PESQUISADORA	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO PROFISSIONAL
Ricardo Pamfílio de Sousa	1. Graduação em Educação Artística / UFU (1993); 2. Mestrado em Música/UFBA (1997)	1. Coordenador das oficinas de Cultura Digital do Espaço Pierre Verger; 2. Servidor da Associação Nacional de Ação Indigenista; 3. Diretor da Associação de Arte, Meio Ambiente, Educação e Idosos.
Evani Tavares Lima	1. Bacharelado em Artes Cênicas/ UFBA (1993); 2. Mestrado em Artes Cênicas/ UFBA (2002); 3. Doutorado em Artes/ Unicamp (2010); 4. Pós-doutorado em Artes Cênicas/UFBA.	1. Professora de Artes da UFSB.
Luiz Augusto Pinheiro Leal	1. Graduação em História/ UFPA (1997); 2. Especialização em Teoria Antropológica/ UFPA (1998); 3. Mestrado em História Social/ UFBA (2002); 4. Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos/ UFBA (2011).	Professor da UFPA
Sandra Regina de Oliveira Santana	1. Licenciatura em Dança/ UFBA (1991); 2. Graduação em Filosofia/ UFBA (1993); 3. Mestrado em Artes Cênicas/UFBA (2003)	Professora de Artes da Rede Pública de Ensino da Bahia
José Luiz Cirqueira Falcão	1. Graduação em Educação Física/ Universidade Católica de Brasília (1982); 2. Especialização em Educação Brasileira/ Fundação Educacional do Distrito Federal (1990); 3. Especialização em Ciência da Ginástica de Academia/ Faculdades Integradas Castelo Branco (1990); 4. Mestrado em Educação Física/ UFRJ (1994); 5. Doutorado em Educação/ UFBA (2004).	Professor da UFG
Josivaldo Pires de Oliveira	1. Graduação em História/ UEFS (2002); 2. Mestrado em História Social/UFBA (2004); 3. Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos/ UFBA (2010).	1. Professor de História da UNEB (Itaberaba); 2. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB.
Nicolas Rafael Severin Larrain	1. Bacharelado em Ciências Sociais e Humanidades na Pontificia Universidad Católica de Chile (1997); 2. Especialização em Música Popular y Folklorica Cubana/ Centro Nacional de Superacion de la Enseñanza Artística (1999); 3. Especialização em Percussion du Afrique Occidentale/Espace Cultural Limanya (2002); 4. Mestrado em Música/UFBA (2010)	Professor Visitante
Amélia Vitória de Souza Conrado	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/UFPE (1984); 2. Especialização em Coreografia/UFBA (1992); 3. Mestrado em Educação/UFBA (1996); 4. Doutorado em Educação/UFBA (2006).	Professora da Escola de Dança/UFBA
Hélio José Bastos Carneiro de Campos	1. Graduação em Educação Física/ UCSAL (1975); 2. Especialização em Metodologia de Ensino Superior/ UCSAL (1977); 3. Especialização em Atletismo/ Organização dos Estados Americanos (1983); 4. Doutor em Libre Docente Educação Física American World University (1999); 5. Doutor em Educação/ UFBA (2006).	Professor da UNEB
Christine Nicole Zonzon	1. Graduação em Langue, Lettres et Civilisation/Universite Stendhal (1999); 2. Especialização em Langues/Université Stendhal (2001); 3. Mestrado em Ciências Sociais/ UFBA (2007); 4. Doutorado em Ciências Sociais/ UFBA (2014).	Colaboradora da UFBA

Corey Ann Cottrell	1. Graduação em Modern Dance/Mills College (2004); 2.Mestrado em Artes Cênicas/ UFBA (2007).	Professora das artes equestres e guia turística de Two Hawk Hammock
Marcos Dal bello	1. Graduação em Artes Cênicas/Unicamp (1995); 2. Especialização em Metodologia de Pesquisa em Esporte e Lazer/ Unicamp (2003); 3.Mestrado em Artes Cênicas/ UFBA (2007).	Escrivão de Polícia Civil da Bahia
Neuber Costa Leite	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/ UFBA (1999); 2.Especialização em Metodologia da Educação Física e do Esporte/UFBA (2001); 3.Mestrado em Educação/ UFBA (2007); 4.Doutorado em Educação/ UFBA (2013).	1.Professor da UNEB; 2.Servidor Público da Secretaria de Educação; 3. Professor da Faculdade Social da Bahia.
Angela Maria Ribeiro	1. Graduação em Letras/ UEM (1991); 2. Mestrado em Artes Cênicas/ UFBA (2008)	1.Jornalista/ Seccional Informática - Software Leankeep
Franciane Simplício Figueiredo	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/ UCSAL (2002); 2. Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte/ UFBA (2005); 3.Mestrado em Educação/ UFBA (2008).	Coordena o Projeto Arte das Yabás de promoção à cultura afro-brasileira
Jean Adriano Barros da Silva	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/UFBA (2001); 2.Especialização em metodologia do ensino da Educação Física e esporte/ UNEB (2003); 3.Mestrado em Educação/ UFBA (2008); 4. Doutorado em Ciência da Educação/ Universidade do Minho (2016).	Professor da UFRB
Vamberto Ferreira Miranda Filho	1. Graduação/ UEFS (2004); 2. Especialização em metodologia do ensino e da pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer/ UFBA (2006); 3.Mestrado em Educação/ UFBA (2008).	Professor da UNEB
Carolina Ferreira da Fonseca	1. Graduação em Turismo e Hotelaria/Centro Universitário do Triângulo (2003); 2.Graduação em Decoração/UFU (2004); Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/ UFBA (2009);4. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo/ UFBA (2014).	Professora da UFG
Flávia Maria Chiara Candusso	1. Graduação em Bacharelado em Instrumento/Conservatório Giuseppe Niccolini de Piacenza (1993); 2.Mestrado em Música/ UFBA (2002); 3.Doutorado em Música/ UFBA (2009).	Professora na Escola de Música da UFBA
Gabriela Santos Cavalcante Santana	1. Graduação em Dança/ UFV (2006); 2.Mestrado em Dança/ UFBA (2009).	Professora do Curso de Dança UFPE
Sante Braga Dias Scaldaferrri	1. Graduação em Ciências Sociais/ UFBA (2005); 2. Graduação em comunicação social/ UNIFACS (2006); 3.Mestrado em Educação/ UFBA (2009).	Professor de Sociologia do IFAL
Flávia Cachineski Diniz	1. Graduação em Bacharelado em Música Popular/ Faculdade de Artes do Paraná (2007); 2.Graduação em Licenciatura em Música/Centro Universitário Claretiano (2016); 3.Mestrado em Música/ UFBA (2011); 4. Doutorado em Música/ UFBA (2015).	Ministra oficinas e aulas de musicalização na educação infantil e fundamental e em projetos sociais
Catalina Salazar Granados	1.Graduação em Desenho publicitário/Universidad Veritas (2002); 2.Mestrado em Artes Cênicas/ UFBA (2011)	Não informado
Paulo Andrade Magalhães Filho	1. Graduação em Jornalismo/UFMG (2005); 2. Especialização em Educação e Relações Étnico-Raciais/ UESC (2008); 3. Mestrado em Ciências Sociais/ UFBA (2011);	Servidor Público da UFBA
Cecilia Tamplenizza	1. Graduação em Scienze Umanistiche per la Comunicazione/Universita Statale Di Milano (2005); 2.Graduação em Comunicação Audiovisual/Universitat Pompeu Fabra (2007); 3. Mestrado em Cultura e Sociedade/ UFBA (2012).	Professora na Fundação Pierre Verger

Gissele Raline da Cunha Fernandes Moura	1. Graduação em Licenciatura Plena em História/ UESC (2007); 2. Mestrado em História/UFBA (2012).	Servidora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia
Marcos Cezar Santos Gomes	1. Graduação em Educação Física/ UNIJORGE (2007); 2. Especialização em Psicopedagogia/ ACEB-FETRAB (2009); 3. Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança/UFBA (2009); 4. Especialização em Pós-graduação Docente/ UNIJORGE (2011); 5. Especialização em Metodologia de ensino na Educação Superior/ ACEB-FEYTAB; 6. Mestrado em Dança/UFBA (2012)	Professor do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) e União Regional da Bahia (UNIRB)
Sara Abreu Mata Machado	1. Graduação em Comunicação Social/UFMG (2006); 2. Mestrado em Educação/UFBA (2012); 3. Doutorado em Difusão do Conhecimento/UFBA (2016)	Não informado
Guilherme Bertissolo	1. Graduação em Música/ UERGS (2005); 2. Mestrado em Música/UFBA (2009); 3. Doutorado em Música/UFBA (2013).	Professor da UFBA
Mateus Schimith Batista	1. Graduação em Artes Cênicas/UFOP (2008); 2. Mestrado em Artes Cênicas/UFBA (2013); 3. Doutorado em Artes Cênicas/UFBA (2017).	Professor da UFT
Patrícia Lemos Mota	1. Graduação em Letras Vernáculas/UFBA (2000); 2. Mestrado em Antropologia/UFBA (2013).	Não informado
Carolina Gusmão Magalhães	1. Graduação em Bacharelado em Nutrição/UNEB (2004); 2. Graduação em andamento em Licenciatura em Educação Física/UFRB (2011); 3. Especialização em Metodologia de Ensino da Educação Física Escolar/Faculdade Visconde de Cayru (2007); 4. Especialização em Metodologia do Ensino Superior/UNEB (2007); 5. Especialização em andamento em Preceptorial no SUS/Hospital Sírrio-Libanês (2017); 6. Mestrado profissional em Desenvolvimento e Gestão Social/UFBA (2014).	Professora do Centro de Ciências da Saúde/UFRB
Edielson Santos Moreira	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/UFBA (2010); 2. Mestrado em Educação/UFBA (2014).	Professor da Prefeitura Municipal de Salvador
Vinicius Borges Amaro	1. Graduação em Composição e Regência/UFBA (2013); 2. Mestrado em Música/UFBA (2015)	Bolsista no Doutorado em Música
Adriana Albert Dias	1. Graduação em História/ USP (1997); 2. Mestrado em História/UFBA (2004).	Professora da UNEB
Alice Pires de Lacerda	1. Graduação em Produção em Comunicação e Cultural/UFBA (2002); 2. Mestrado em Cultura e Sociedade/UFBA (2010); 3. Doutorado em Cultura e Sociedade/UFBA (2016)	Professora no Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia
Priscila Maria Gallo	1. Graduação em Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo/Universidade Estadual de Londrina (2004); 2. Mestrado em Música/UFBA (2012); 3. Doutorado em Educação Musical/UFBA (2016)	Não informado
Alexandra da Paixão Damasceno Amorim	1. Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física/UCSAL (2004); 2. Especialização em Educação Física Escolar/Universidade Gama Filho (2006); 3. Especialização em Metodologia da Educação Física e do Esporte/UNEB (2007); 4. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Dança/UFBA (2017).	Professora da UNIFACS e UNIRB
Anastácia Schroeder	1. Graduação em Ciências Biológicas/ UFSC (2014); 2. Mestrado em Educação/UFBA (2017).	Não informado
Daniela Sacramento de Jesus	1. Graduação em Pedagogia/UFBA (2009); 2. Especialização em Educação Infantil (2014); Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos (2017).	Miñistra oficinas de teatro no Atelier Berimbanda.
Florisvaldo Evangelista da Silva Junior	1. Graduação em Licenciatura em Educação Física/UESF (2002); 2. Especialização em Metodologia em Educação Física e Esporte/UNEB (2003); 3. Mestrado em Educação e Contemporaneidade/UNEB (2010).	1. Professor da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; 2. Servidor

		Público da UFRB.
Marcela Guedes Cabral	1. Graduação em Museologia/UFBA (2005); 2. Mestrado em Crítica Cultural/UNEB (2011).	Professora no Curso de Bacharelado em Museologia (UFPA)
Ivanildes Teixeira de Sena	1. Graduação em Educação Artística/ Artes Plásticas/UCSAL (2004); 2. Especialização em Arte Terapia/Faculdade Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências (2007); 3. Mestrado em Crítica Cultural/UNEB (2015).	Servidora Pública da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia

Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir da análise das características acadêmico-profissionais, notamos que existe um quantitativo maior de mestres do que doutores, que realizaram suas graduações, em sua maioria, em diversas universidades públicas estaduais e federais da Bahia, de Santa Catarina, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e do Paraná, tendo uma minoria que cursaram em faculdades particulares como UCSAL e UNIJORGE. Também percebemos a presença de pesquisadores de outros países em diversos programas da UFBA, fortalecendo o processo de internacionalização no Ensino Superior, que tem relevância (inter) pessoal colaborando para convivência e aprendizado com a diversidade de línguas, culturas e etnias.

Outro aspecto que observamos foi que há uma recorrência de autores, mestres e/ou doutores, que atualmente são professores de diversas universidades públicas dos estados da Bahia, Pará, Goiás, Pernambuco e Tocantins; também docente em algumas faculdades particulares; coordenadores e professores de projetos sociais, servidores municipais e estaduais, deixando evidente a importância do mestrado e doutorado para o seguimento da carreira acadêmica e profissional. Além disso, analisamos um quantitativo maior que fez a graduação, mestrado e/ou doutorado num espaçamento maior de tempo, acima de cinco anos, da graduação para pós-graduação.

No tocante às formações em níveis de graduações dos pesquisadores e das pesquisadoras, percebemos que há um quantitativo maior de graduados em Educação Física, seguido em menor escala de outras áreas de conhecimento como: Artes Cênicas, Educação Artística, Música, Comunicação Social e Audiovisual, Dança, História, Letras e Ciências Sociais. Também encontramos as graduações de Pedagogia, Nutrição, Ciências Biológicas, Desenho, Jornalismo, Museologia, Turismo e Hotelaria. Com isso, compreendemos que há possibilidades de entrecruzamento entre a capoeira e as diversas áreas de concentração,

havendo uma aproximação entre os cursos que trabalharam com elementos e expressões corporais, culturais, artísticas, musicais, históricas, criativas e educacionais.

Em seguida, no Quadro 41, mostraremos a repercussão literária, publicações em livros, dos/as pesquisadores/as; é digno de nota que essas informações foram relevadas no *currículo lattes*.

Quadro 41- Informações dos livros publicados e organizados por pesquisadores/pesquisadoras

PESQUISADOR/ PESQUISADORA	LIVROS PUBLICADOS E ORGANIZADOS	QUANTIDADE
Ricardo P. de Sousa	Não informado	0
Evani T. Lima	1. LIMA, E. T. Capoeira angola como treinamento para o ator. 1. ed. Salvador: Secretaria da Cultura -Fundação Pedro Calmon, 2008. v. 500. 126p.	1
Luiz A. P. Leal	1. LEAL, Luiz Augusto Pinheiro; Oliveira, Josivaldo Pires. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. v. 1. 200p . 2. LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. v. 1. 237p	2
Sandra R. de O. Santana	Não informado	0
José L. C. Falcão	1.FALCÃO, J. L. C. O JOGO DA CAPOEIRA EM JOGO E A CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS CAPOEIRANA. 1. ed. Saarbrücken, Alemanha: NOVAS EDIÇÕES ACADÊMICAS, 2015. v. 1. 309p. 2.SILVA, R. L. (Org); FALCÃO, J. L. C. (Org.). Corpopular: Intersecções Culturais. 1. ed. GOIANIA: EDITORA DA PUC, 2013. 195p. 3.FALCÃO, J. L. C.; SILVA, A. M. (Org.). Práticas Corporais em Comunidades Quilombolas de Goiás. Goiânia: Editora PUC - GO, 2011. v. 1. 204p. 4.FALCÃO, J. L. C.; STOTZ, M. B. N. (Org.); CAPELA, P. R. C. (Org.); MATIELLO JUNIOR, E. (Org.). O ACADÊMICO E O POPULAR NAS PRÁTICAS CORPORAIS: DIÁLOGOS ENTRE SABERES. 1. ed. Florianópolis-SC: Tribo da Ilha, 2010. v. 1. 96p. 5.FALCÃO, J. L. C.; Saraiva, M. C. (Org.). Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In)Tensas Experiências. 1. ed. Florianópolis: Copiart, 2009. v. 1. 304p. 6.FALCÃO, J. L. C.; Saraiva, M. C. (Org.). Esporte e Lazer na Cidade: Práticas corporais re-significadas. 1. ed. Florianópolis - SC: Lagoa Editora, 2007. v. 1. 196p. 7.FALCÃO, J. L. C.; Saraiva, M. C. (Org.). Esporte e Lazer na Cidade: A prática teorizada e a teoria praticada. 1. ed. Florianópolis-SC: Lagoa Editora, 2007. v. 1. 172p. 8.FALCÃO, J. L. C.; VIEIRA, L. R. Capoeira: História e Fundamento do Grupo Beribazu. 1. ed. Brasília: Starprint, 1997. v. 1. 101p. 9.FALCÃO, J. L. C. A Escolarização da Capoeira. 1. ed. Brasília-DF: Royal Court Editora, 1996. v. 1. 155p.	9
Josivaldo P. de Oliveira	1.OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; GUERRA FILHO, S. (Org); NASCIMENTO, J. C. (Org.). Bahia - Ensaios de História Social e Ensino de História. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2014. v. 1. 318p. 2.OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. Aloísio Resende, poeta dos candomblés: histórias das populações negras em Feira de Santana-BA. 1. ed. Feira de Santana: Samp Editora, 2011. v. 1. 78p. 3.OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. Populações negras na Bahia: ensaios de história social. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2011. 216p. 4.OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luis Augusto Pinheiro. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. 5.OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. No tempo dos valentes: os capoeiras na Cidade da Bahia. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2005. v. 1. 153p.	5
Nicolas R. S. Larrain	Não informado	0
Amélia V. de S. Conrado	Não informado	0

Hélio J. B. C. de Campos	1.CAMPOS, H. J. B. C. Capoeira: Recortes e Percepções. 01. ed. Curitiba - Paraná: CRV, 2016. v. 01. 136p. 2.CAMPOS, H. J. B. C.; PITANGA, F. J. G. Práticas Investigativas em Atividade Física e Saúde. 201. ed. Salvador: EDUFBA, 2013. v. 01. 207p. 3.CAMPOS, H. J. B. C. CAPOEIRA REGIONAL: A ESCOLA DE MESTRE BIMBA. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. v. 1. 305p. 4. CAMPOS, H. J. B. C. Capoeira Na Universidade: uma trajetória de resistência. 1ª. ed. Salvador: EDUFBA/Secretaria da Cultura e Turismo, 2001. v. 01. 184p. 5.CAMPOS, H. J. B. C. Capoeira Na Escola. 3ª. ed. Salvador: EDUFBA, 2001. v. 01. 153p. 6.CAMPOS, H. J. B. C.; PITANGA, F. J. G. Manual de Orientação para Elaboração de Monografia. 1ª. ed. Salvador: FAGED/UFBA, 2001. v. 01. 36p. 7. CAMPOS, H. J. B. C. Capoeira na Escola. 2º. ed. Salvador: Presscolor, 1990. v. 1. 140p.	7
Corey A. Cottrell	Não informado	0
Marcos D. Bello	Não informado	0
Angela M. Ribeiro	Não informado	0
Franciane S. Figueiredo	1.FIGUEIREDO, F. S. Capoeira em Múltiplos Olhares: estudos e pesquisas em jogo. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. v. 500. 54p. 2.FIGUEIREDO, F. S.; POCHAT, A. (Org.). Pensando a Capoeira: dimensões e perspectivas. 1. ed. Rio de Janeiro: MC&G, 2015. v. 1000. 208p. 3.FIGUEIREDO, F. S. A Capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições. 1. ed. Rio de Janeiro: MCeG, 2015. v. 1000. 80p.	3
Jean A. B. da Silva	1.SILVA, J. A. B. Capoeira e Crianças: Desafios e perspectivas na formação humana 01. ed. Cruz das almas: EDUIFRB, 2015. v. 3000. 100p. 2.SILVA, J. A. B. Capoeira na/da Bahia: Crônicas do Cotidiano da Arte. 01. ed. Cruz das Almas: Editora Ufrb, 2014. v. 2000. 80. 3.SILVA, J. A. B. A CAPOEIRA NA FORMAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL. 1. ed. , 2013. 146p.	3
Vamberto F.M. Filho	Não informado	0
Carolina F. da Fonseca	1.FONSECA, C. F.; CASTRO, L. Bahia de todos os tipos. 1. ed. Salvador: Editora e Sociedade da Prensa, 2016. v. 35. 48p. 2.FONSECA, C. F. Topografia aérea: uma fábula sobre poleiros e artistas. 1. ed. Belo Horizonte: Cidades Criativas, 2013. v. 1000. 87p. 3.FONSECA, C. F.; PIGNATON, Clara (Org.); LEAO, M. (Org.) ; CASTRO, L. (Org.) ; RIBEIRO, T. (Org.) . Cambana. 30. ed. Salvador: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade, 2012. v. 500. sem numeração p .	3
Flávia M. C. Candusso	Não informado	0
Gabriela S. C. Santana	1. SILVA, M. B. E.S ; SANTANA, Gabriela Santos Cavalcante ; Acselrad, Maria ; Lima Marcondes . Pesquisa e extensão: diálogos em artes visuais, dança e teatro. 01. ed. Recife: Edufpe, 2016. 182p.	1
Sante B. D. Scaldaferrri	1. SCALDAFERRI, Sante, B.; Silva, Natalício Neves da. Natalício Neves da Silva: O Pelé da Capoeira. 1. ed. Salvador: Vento Leste, 2010. v. 1000. 118p.	1
Catalina S. Granados	Não informado	0
Paulo A. M. Filho	1. MAGALHÃES FILHO, P. A. Jogo de Discursos - A disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. v. 1. 262p.	1
Cecilia Tamplenizza	1. TAMPLENIZZA, C. Rastros da capoeira angola: uma etnografia entre Orkut e Facebook (2009-2012). 1. ed. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2017. v. 1. 103p . 2. SANTOS, Anderson (Org.); TAMPLENIZZA, C. (Org.); FREIRE, D. (Org.); PANZETTA, E. (Org.). Boardilla. 1. ed. Salvador: Boardilla, 2014.	2

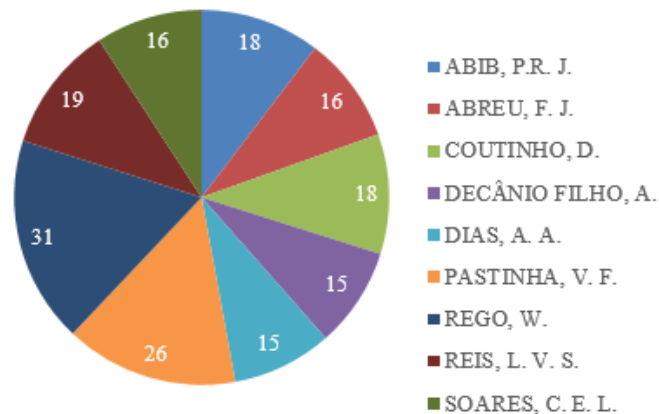
	v. 1. 152p	
Gissele R. da C. F. Moura	Não informado	0
Marcos C. S. Gomes	Não informado	0
Sara A. M. Machado	1. PIRES, A. L. C. S. (Org.); MACHADO, Sara Abreu Mata (Org.); MAGALHAES, P. (Org.) ; FIGUEIREDO, F. S. (Org.) . Capoeira em Múltiplos Olhares: Estudos e Pesquisas em Jogo. 1. ed. Belo Horizonte/Cruz das Almas: Fino Traço / Editora da UFRB, 2016. v. 1.	1
Guilherme Bertissolo	1.BERTISSOLO, G. Livro SEMENTE 2016. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. 534p. 2.BERTISSOLO, G. Livro SEMENTE. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2015. v. 1. 1197p. 3.BERTISSOLO, G.; RIOS FILHO, P. (Org.); ESPINHEIRA, A. (Org.). Colóquios do III Festival Internacional de Música Contemporânea. 1. ed. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, 2011. v. 1. 176p.	3
Mateus S. Batista	1.SCHIMITH, Mateus; SAMPAIO, J. C. C.; GAMA, J. C. M.; GOMES, E. A. S. ; SUPERBI, F. E. ; FILHO, R. ; FURLANETE, Sandra Parra . ESTADOS DE CORPO: influências da Capoeira na formação de um ator. In: Juliano Casimiro Sampaio. (Org.). Teatralidades: da pedagogia da imagem ao sujeito biopolítico. 01ed.Palmas: EDUFT, 2014, v. 01, p. 243-287. 2.SCHIMITH, Mateus; OLIVEIRA JUNIOR, C. A.; SANTANA, M. homossexualidade em pauta. In: Milena Britto de Queiroz (org.). (Org.). Leituras possíveis nas frestas do cotidiano. 01ed.Salvador: FUNCEB, 2012, v. 02, p. 177-180.	2
Neuber C. Leite	Não informado	0
Patrícia L. Mota	1.GROSSMANN, J. (Org.); Brasileiro, Antonio (Org.); Rocha Pires, Fernando (Org); Hazin (Org.); Seixas, Cid (Org.); Fraga, Miriam (Org.); Lemos, Patricia M. (Org.) . Minha Terra tem Palmeiras. 1. ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. v. 1. 30p.	1
Carolina G. Magalhães	1. MAGALHAES, C. G. LENDAS DE UM CAPOËRE. 2º. ed. SALVADOR: EDITORA UNEB, 2001. v. 01. 50p.	1
Christine N. Zonzon	1. ZONZON, Christine. Nas rodas da capoeira e da vida: Corpo, experiência e tradição. 1. ed. Salvador: Edufba, 2017. v. 1. 333p	1
Edielson S. Moreira	Não informado	0
Flávia C. Diniz	Não informado	0
Vinicius B. Amaro	1. AMARO, V. B.; LIMA, P. C. O compor do candomblé: uma abordagem analítica em direção a um diálogo com a música de concerto contemporânea. Perspectivas de interpretação, teoria e composição musical Série Paralaxe v. 2 - Escola de Música da UFBA. 1ed.Salvador/Bahia: EDUFBA, 2017, v. 2, p. 193-222.	1
Adriana A. Dias	1. DIAS, A. A. Mandinga, Manha & Malícia - uma história sobre os capoeiras na cidade da Bahia (1910/1925). 1. ed. Salvador: Edufba, 2006. v. 700. 198p .	1
Alice P. de Lacerda	Não informado	0
Priscila M. Gallo	Não informado	0
Alexandra da P. D. Amorim	Não informado	0
Anastácia Schroeder	Não informado	0
Daniela S. de Jesus	Não informado	0
Florisvaldo E. da S. Junior	Não informado	0
Marcela G. Cabral	Não informado	0
Ivanildes T. de Sena	Não informado	0

Arquivo: Elaborado pela autora.

Conforme o quadro apresentado acima, observamos que 23 pesquisadores/as não tiveram publicações/ organizações de livros informadas no *currículo lattes*, ao passo que 21 organizaram/publicaram com a temática de capoeira e outras diversas, sendo que 11 desses/as transformaram suas dissertações e teses em livros. Destaque para os/as autores/as que mais escreveram livros com a temática da capoeira foi: Hélio Campos, José Falcão, Franciane Figueiredo e Jean Silva.

Analisamos também as referências das produções científicas sobre capoeira, encontramos 216 títulos bibliográficos (autores e autores) e 409 textos (obras). Tomando as referências mais recorrentes nas dissertações e teses, destacamos, no Gráfico 42, os/as autores/as que tiveram obras citadas, no entanto, estão inclusos nesse gráfico apenas produções que foram referenciadas por 15 autores em diante.

Gráfico 42– Autores e autoras mais recorrentes nas referências das dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir da análise do Gráfico 42, observamos que os/as autores/as mais citadas nas produções científicas sobre capoeira foi W. Rego⁸⁸, V. F. Pastinha⁸⁹ e L. V. S. Reis. Isso reafirma, em parte, o que Falcão (2004) aborda sobre os clássicos da capoeira que tiveram

⁸⁸ Isso só reafirma o que Conrado (2006) comenta que ela acredita ser uma das obras mais referenciada nas pesquisas sobre capoeira. Gomes (2012) diz que “um dos 53 primeiros livros de capoeira publicados no Brasil e ainda muito consultado hoje é o de Waldeloir Rego (1968). Waldeloir Rego, capoeirista e escritor, defende a tese de que a capoeira foi inventada pelos afrodescendentes nas senzalas e fazendas brasileiras” (GOMES, 2012, p.52-53).

⁸⁹ “Traz breves registros sobre a origem e nascimento de Mestre Pastinha, nome de seus discípulos, aspectos referentes à procedência e fundamentos da Capoeira Angola” (CONRADO, 2006, p.48).

suas obras mais divulgadas e discutidas foram: Rego (1968), Soares (1996 e 2001), Pires (1996), Vieira (1995) e Reis (1997). A seguir, apresentamos a tabela 4 com os autores, o quantitativo e os respectivos textos mais referenciados; consideramos para essa amostra a recorrência de igual ou acima de 15 vezes nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.

Tabela 4– Distribuição dos autores e dos textos referenciados nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.

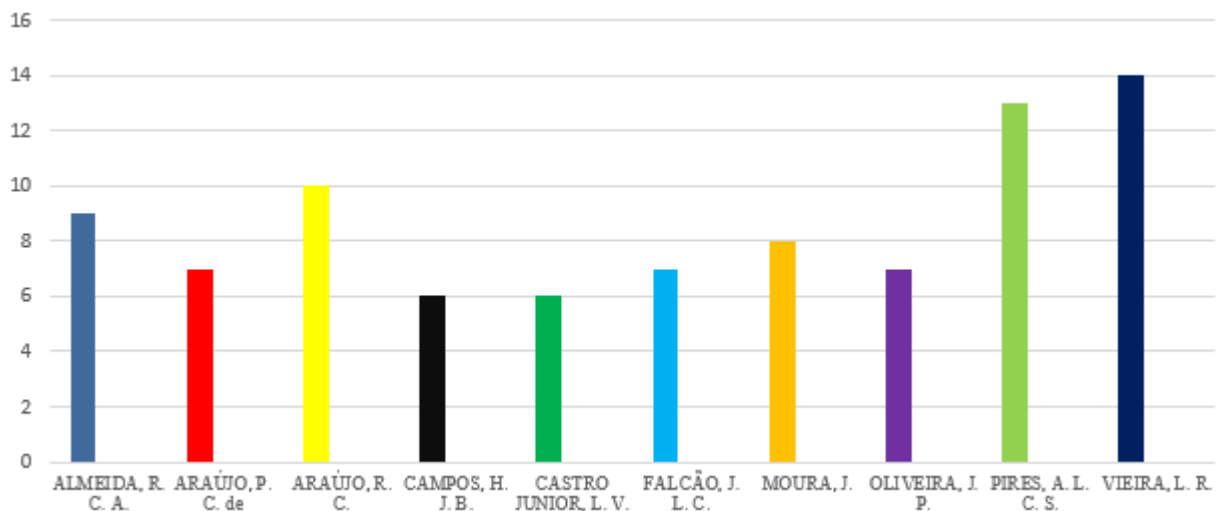
AUTOR/AUTORA	QUANTIDADE DE TEXTOS REFERENCIADOS	TEXTO MAIS REFERENCIADO
ABIB, Pedro Rodolpho Jungers	10	ABIB, P. R. J. Capoeira angola : cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2005.
ABREU, Frederico José de	9	ABREU, F. J. de. O Barracão do Mestre Waldemar . Zabaratana, 2003.
COUTINHO, Daniel	1	COUTINHO, D. ABC da Capoeira Angola : Os manuscritos do Mestre Noronha. Frederico Abreu (org.). Brasília: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira (CIDOCA/DF), 1993.
DECANIO FILHO, Ângelo	9	DECANIO FILHO, A. A herança de Pastinha : a metafísica da capoeira. Comentários de trechos selecionados do Mestre. Coleção São Salomão, vol. 3. Salvador: Angelo A. Decânio Filho, 1997.
DIAS, Adriana Albert	4	DIAS, A. A. Mandinga, manha & malícia : uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925). Salvador: EDUFBA, 2006.
PASTINHA, Vicente Ferreira	6	PASTINHA, V. F. Capoeira Angola . Salvador: Escola Gráfica N.S. de Loreto, 1964.
REGO, Waldeloir	3	REGO, W. Capoeira Angola : ensaio sócio-etnográfico. Rio de Janeiro: Itapoã, 1968.
REIS, Letícia Vidor de Sousa	4	REIS, L. V. de S. O mundo de pernas para o ar : a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
SOARES, Carlos Eugênio Líbano	8	SOARES, C. E. L. A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850) . Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Arquivo: Elaborado pela autora.

No que diz respeito à tabela 4, foi possível inferir que o autor que tem mais texto referenciado e mais recorrente foi ABIB, em seguida ABREU e DECANIO FILHO. Também percebemos que apenas duas autoras são recorrentes de um universo de 8 no total, demonstrando que há um processo de invisibilidade da mulher também na produção científica. A maioria dos textos retrata da Capoeira Angola, e dos elementos ritualísticos e históricos da capoeira no Brasil.

Apresentamos o Gráfico 43, com os autores e a autora com a obra recorrente igual ou mais de cinco e menos de 15 vezes nas dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB.

Gráfico 43- Autores e autoras mais recorrentes nas produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Já na tabela 5, apresentamos os autores e as autoras que teve igual ou acima de cinco textos referenciados nas 48 produções científicas sobre capoeira nos Programas de Pós-Graduação da UFBA e UNEB.

Tabela 5- Distribuição de autores/autoras e os textos referenciados nas produções científicas sobre capoeira na UFBA e UNEB

AUTOR/AUTORA	QUANTIDADE DE TEXTOS REFERENCIADOS	TEXTO MAIS REFERENCIADO
ALMEIDA, Raimundo César Alves	6	ALMEIDA, R. C. A. Bimba perfil do mestre . Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.
ARAÚJO, Paulo Coêlho de	5	ARAÚJO, P. C. de. Abordagens sócio-antropológicas de luta/jogo da capoeira : de uma actividade guerreira para uma actividade lúdica. Porto: Instituto Superior da Maia (PUBLISMAI). 1997. 365p. (Série Estudos e Monografias)
ARAÚJO, Rosângela Costa	6	ARAÚJO, R. C. Iê, viva meu mestre - A Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa . Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Feusp, 2004.
CAMPOS, Hélio José Bastos	6	CAMPOS, H. J. B. Capoeira na Escola . Salvador: EDUFBA, 2001. 153p. CAMPOS, H. J. B. Capoeira na Universidade: Uma trajetória de resistência . Salvador: EDUFBA, 2001. 184p.
CASTRO JUNIOR, Luís Victor	10	CASTRO JUNIOR, L. V. A pedagogia da capoeira : Olhares (ou toques?) cruzados de velhos Mestres e de professores de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação). Université du Québec à Chicoutimi/UNEB: Québec/Salvador, 2003.
FALCÃO, José Luiz Cirqueira	12	FALCÃO, J. L. C. A escolarização da Capoeira . Brasília.ASEFE- Royal Court, 1996. 156p. FALCÃO, J. L. C. O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana . 2004. 393 f. Tese de doutorado em Educação. Faculdade de Educação (FACED). UFBA- Salvador.
MOURA, Jair	8	MOURA, J. Mestre Bimba : a crônica da capoeiragem. Salvador: Fundação Mestre Bimba. 1991. p. 86.
OLIVEIRA, Josivaldo Pires de	5	OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, identidade e gênero : ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.
PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões	5	PIRES, A. L. C. S. Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá : três personagens da capoeira baiana. Tocantins/Goiânia: NEAB/Graset, 2002. 110p.
VIEIRA, Luiz Renato	9	VIEIRA, L. R. O Jogo da Capoeira : corpo e cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: SPRINT, 1995.

Arquivo: Elaborado pela autora.

A partir da Tabela 5, notamos que o autor que teve mais textos referenciados foi FALCÃO, em seguida CASTRO JÚNIOR, VIEIRA e MOURA, e há somente uma autora no universo de 10 referências; é válido destacar que a maioria dos estudos retratam aspectos educativos da capoeira, os quais serão descritos a seguir.

No próximo capítulo, discutiremos sobre o entrecruzamento da educação e capoeira nas produções científicas da UFBA e UNEB.

4. A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO COMO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO⁹⁰

Essa discussão se dará a partir da leitura e análise de 19 dissertações e teses sobre capoeira que entrecruzaram com a educação, as quais foram selecionadas, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão explicitados no capítulo, especificamente nas gingas metodológicas. A tabela 6 demonstra as produções científicas que farão parte da análise.

Tabela 6- Dissertações e teses sobre Capoeira e Educação da UFBA e UNEB.

Nº	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
1	Ricardo Pamfílio de Sousa	A Música na Capoeira: Um estudo de caso
6	José Luiz Cirqueira Falcão	O jogo da capoeira em jogo: a construção da práxis capoeirana
9	Amélia Vitória de Souza Conrado	Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural da Bahia
10	Hélio José Bastos Carneiro de Campos	Capoeira Regional: A Escola de Mestre Bimba
11	Christine Nicole Zonzon	A Roda da Capoeira Angola - Os sentidos em jogo
14	Neuber Costa Leite	Capoeira, Trabalho e Educação
15	Ângela Maria Ribeiro	Agora já é ainda não: um corpo na encruzilhada entre teatro e a capoeira de angola
17	Jean Adriano Barros da Silva	A Capoeira na Formação da Pessoa com Deficiência Visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica
18	Vamberto Ferreira Miranda Filho	Produção do Conhecimento sobre capoeira: uma análise a partir das teses do departamento de Educação III - FACED - UFBA (1993-2006)
20	Flávia Maria Chiara Candusso	Capoeira Angola, Educação Musical e Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros
22	Sante Braga Dias Scaldaferrri	Nas vorta que o mundo deu, nas vorta que o mundo dá, capoeira angola e processos de educação não escolar
28	Marcos Cezar Santos Gomes	Capoeira Emancipatória no Ensino da Dança: uma proposta emergente dos saberes de mestre na especialidade da cinesfera
29	Sara Abreu Mata Machado	Saberes e Fazeres na Capoeira Angola: a autonomia no jogo de muleekes

⁹⁰ A discussão desse capítulo se dará em torno das 19 produções científicas (dissertações de mestrado e teses de doutorado da UFBA e UNEB) sobre capoeira que entrecruzaram com a educação no decorrer da escrita.

32	Neuber Costa Leite	Capoeira, Políticas Culturais e Educação
35	Christine Nicole Zonzon	Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição
40	Priscila Maria Gallo	Música, cultura e educação na capoeira de Mestre João Pequeno de Pastinha
42	Alexandra da Paixão Damasceno Amorim	Vem dançar mais eu, Camará! Gingar/ dançando na capoeira: uma proposta na educação infantil
43	Anastácia Schroeder	“Escute um pouco seu mestre menina...”- O ambiente gingado e narrado a partir da capoeira angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e educação ambiental
46	Florisvaldo Evangelista da Silva Junior	Vadição na escola: Dialogando com as contradições do ensino da capoeira

Arquivo: Elaborado pela autora.

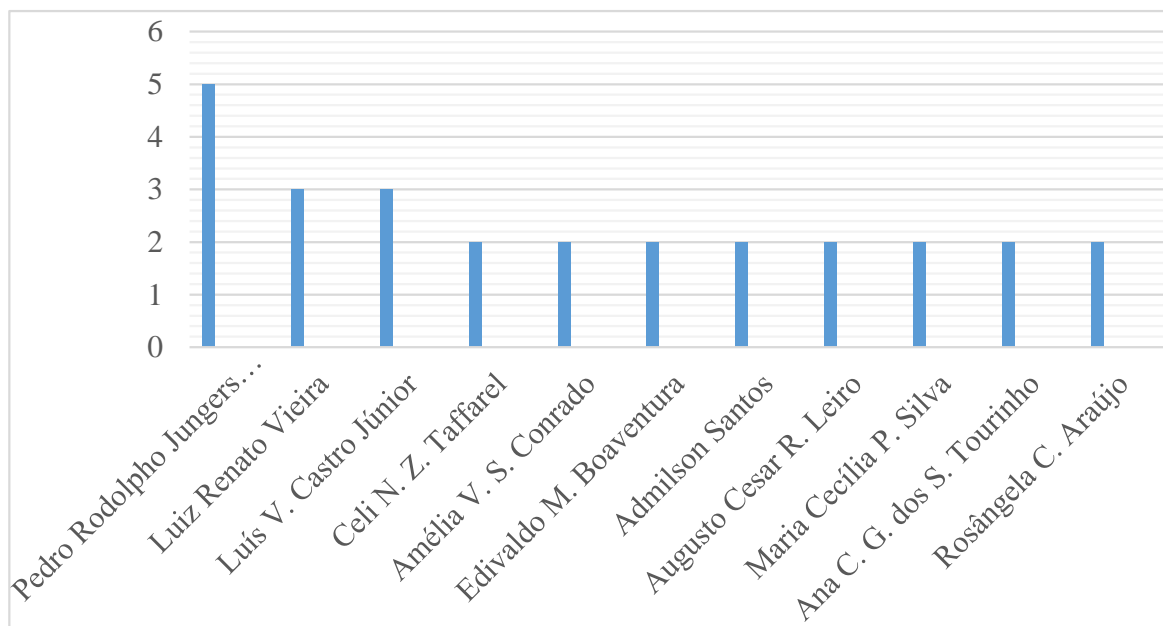
Esses estudos demonstraram diálogos transversais com as áreas de: Educação, Música, Dança, Ciências Sociais e Artes Cênicas; sendo possível também dialogar com outras áreas afins como História, Literatura, Antropologia, Filosofia e Saúde Coletiva.

Com o olhar atento a 19 dissertações e teses sobre capoeira espalhadas em diversos programas, buscamos analisar as produções nos seus contextos históricos, as concepções, os significados, os valores, os aprendizados dos processos formativos dos sujeitos narradores, as referências, as lacunas teóricas, as (re) produções de discursos, as subjetividades da escrita, as especificidades, a organização, a lógica teórica-metodológica, a problemática, os objetivos e as possíveis contribuições para a produção do conhecimento em capoeira e educação.

As referidas produções científicas foram defendidas entre 1998 a 2017, escritas por 17 autores (9 homens e 8 mulheres). O quantitativo de páginas das produções variou de 90 a 394 páginas trazendo diversos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Chamaram-nos a atenção alguns elementos singulares como: listas de transcrições (corridos, chulas e ladainhas) e glossário com termos da capoeira. Nas produções científicas houve uma diversidade de figuras de grupos de capoeira, movimentos, instrumentos, metodologias de aulas, intelectuais como Debret, Rugendas, Guillobel, Herro-Harring, dentre outros; também conteve tabelas, quadros e gráficos.

Exibimos no Gráfico 44, os autores e as autoras mais recorrentes nas bancas examinadoras de defesas dessas dissertações e teses da UFBA e UNEB.

Gráfico 44- Banca examinadora das dissertações e teses sobre capoeira da UFBA e UNEB.



Arquivo: Elaborado pela autora.

Apresentamos no Gráfico 44, apenas os membros recorrentes da banca examinadora das referidas produções científicas, sendo 6 homens e 4 mulheres de um total de 40 avaliadores (24 homens e 16 mulheres). Ressaltamos que Pedro Abib é um dos autores mais recorrentes nas bancas examinadoras, nas orientações das dissertações e teses da UFBA e nas referências das produções científicas sobre capoeira.

Ao buscar compreender a trajetória dos/as pesquisadores/as, reconhecemos suas implicações com a capoeira não só como produtores científicos, mas enquanto capoeiristas, vinculados a diversos grupos como: Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos (Salvador), Grupo Zimba de Capoeira Angola (Curitiba), Associação Cultural GUETO (Salvador), Centro de Cultura da Capoeira Tradicional Baiana (Salvador), Fundação Internacional de Capoeira Angola (Salvador), Centro Esportivo de Capoeira Angola (Salvador), Associação Jequitibá Capoeira (Salvador), dentre outros, que não foram explícitos nas produções. Reconhecemos a diversidade de grupos e histórias dos/as pesquisadores/as que também são mestres (Xaréu⁹¹, Pangolim⁹², Falcão⁹³, Zambi⁹⁴ e Soldado⁹⁵), professoras (Sara e Alexandra), capoeiristas e

⁹¹ Hélio José Bastos Carneiro de Campos treina capoeira desde 1966.

⁹² Jean Adriano Barros da Silva, líder da Associação Cultural GUETO.

⁹³ José Luiz Cirqueira Falcão relata ter mais de 25 anos de prática na capoeira.

aspirantes dessa manifestação cultural. Também, observamos que alguns pesquisadores (capoeiristas) trazem de forma superficial as suas relações com a capoeira, enquanto outros não apontam os motivos, as justificativas de pesquisar sobre a capoeira. Ponderamos ser relevante ter informações da relação com a capoeira deixando claro para o(a) leitor(a) o seu lugar de interlocução.

Logo, a seguir, expomos os títulos das investigações recortadas e as metodologias utilizadas nas produções científicas sobre capoeira e educação na UFBA e UNEB.

Tabela 7- Investigações recortadas e metodologias das pesquisas sobre capoeira e educação.

Nº	TÍTULO	METODOLOGIA
1	A Música na Capoeira: Um estudo de caso	Foram gravadas 15 rodas de capoeira, quase 700 cantigas no Grupo Cultural de Capoeira Angola do Acupe em Salvador
6	O jogo da capoeira em jogo: a construção da práxis capoeirana	Pesquisa-ação
9	Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural da Bahia	Pesquisa participante, pesquisa-ação e etnometodologia na Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos e no Grupo de Dança do Ilê Aiyê
10	Capoeira Regional: A Escola de Mestre Bimba	Pesquisa histórica, descritiva, biográfica e antropológica no Centro de Cultura Física Regional (CCFR)
11	A Roda da Capoeira Angola - Os sentidos em jogo	Pesquisa participante, trabalho etnográfico em dois grupos de capoeira angola (Nzinga e FICA) em Salvador
14	Capoeira, Trabalho e Educação	Pesquisa documental e entrevistas
15	Agora já é ainda não: um corpo na encruzilhada entre teatro e a capoeira de angola	Pesquisa de campo no Grupo Zimba de Capoeira Angola em Pituacu. Metodologia da pesquisa-ação, combinada com elementos etnográficos
17	A Capoeira na Formação da Pessoa com Deficiência Visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica	Estudo de Caso no Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual
18	Produção do Conhecimento sobre capoeira: uma análise a partir das teses do departamento de Educação III - FAGED - UFBA (1993-2006)	Pesquisa qualitativa e bibliográfica
20	Capoeira Angola, Educação Musical e Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	Estudo de caso, realizada entrevistas na Academia de João Pequeno de Pastinha. Pesquisa exploratória, descritiva e interpretativa
22	Nas vorta que o mundo deu, nas vorta que o mundo dá, capoeira angola e processos de educação não escolar	Pesquisa-ação, comunidade Gamboa de Baixo

⁹⁴ Marcos Cezar Santos Gomes treina há mais 25 anos, já realizou diversos shows folclóricos no Caribe, na Alemanha, na Polônia, na Espanha, em Portugal, na Alemanha, na Noruega, na França, no Senegal etc.

⁹⁵ Neuber Costa Leite formado depois de 18 anos de prática por Mestre Ministro.

28	Capoeira Emancipatória no Ensino da Dança: uma proposta emergente dos saberes de mestre na especialidade da cinesfera	Pesquisa qualitativa bibliográfica
29	Saberes e Fazer na Capoeira Angola: a autonomia no jogo de muleekes	Cunho etnográfico e participativo (projeto Ginga Muleeke do Grupo Nzanga de Capoeira Angola)
32	Capoeira, Políticas Culturais e Educação	Pesquisa documental entrevista semi-estrutural
35	Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição	A etnografia do grupo Filhos de Bimba, nos grupos de capoeira angola FICA e Nzanga
40	Música, cultura e educação na capoeira de Mestre João Pequeno de Pastinha	Estudo de Caso na Academia de João Pequeno de Pastinha. Pesquisa exploratória, descritiva e interpretativa
42	Vem dançar mais eu, Camará! Gingar/ dançando na capoeira: uma proposta na educação infantil	Etnopesquisa crítica e multirreferencial.
43	“Escute um pouco seu mestre menina...”- O ambiente gingado e narrado a partir da capoeira angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e educação ambiental	Pesquisa qualitativa, perspectiva histórica e multirreferencial, foram analisadas entrevistas com mestres de capoeira angola
46	Vadiação na escola: Dialogando com as contradições do ensino da capoeira	Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (implantação da capoeira em duas escolas de Salvador- Escola da Sé e Escola do Paço)

Arquivo: Elaborado pela autora.

Notamos que todos os estudos se enquadram na pesquisa qualitativa, a qual se preocupa com os fenômenos da natureza e a realidade. Já com relação aos tipos de pesquisa e objetivos, encontramos alguns contrassensos como: pesquisa bibliográfica sem especificar se é do tipo estado da arte, estado do conhecimento, ensaio teórico, revisão da literatura sistemática ou exploratória; pesquisa empírica do tipo estudo de caso sem ter especificidades que justifiquem a escolha para tal; as ausências de informação dos procedimentos, instrumentos e formas de registro; dentre outras questões que não iremos nos ater, visto que esse não é nosso foco. Portanto, desatinamos “argumentos críticos que revelem incoerências, incongruências, inconsistências e contradições do objeto analisado em cada tese ou dissertação estudada” (BRZEZINSKI, 2016, p.73).

Chama-nos a atenção à escolha de diversas escolas e grupos de capoeira que foram lócus de pesquisa como: Grupo Cultural de Capoeira Angola do Acupe, Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos, Centro de Cultura Física Regional, Grupo Nzanga de Capoeira Angola, FICA, Grupo Zimba de Capoeira Angola, Grupo Filhos de Bimba e Academia de João Pequeno de Pastinha, tendo uma maior predominância do estilo de Capoeira Angola.

É importante frisar que as referidas produções científicas trouxeram de forma recorrente: controvérsias a despeito do surgimento da capoeira, dicotomia entre capoeira angola e regional; linearidade do surgimento, da proibição e da ascensão da capoeira, graças a

Mestre Bimba e também Mestre Pastinha; recorrência da “valorização” e do reconhecimento de diversos personagens, além dos dois citados anteriormente, academias de capoeira; foi privilegiado, em sua maioria, o contexto histórico de Salvador e Rio de Janeiro. Também, percebemos insuficiente ressonância do aspecto inclusivo da capoeira, escassos estudos se debruçaram sobre a internacionalização da capoeira, assim como outras adaptações e estilos de capoeira. Poucas produções trouxeram os intelectuais e as obras que retrataram sobre a capoeira no campo da Literatura, Pintura, Teatro, Cinema etc.; também sobre a inserção e permanência da mulher aparece de forma ínfima nas produções. Escassas dissertações e teses oferecem subsídios sobre a influência do sistema capitalista, da globalização, do consumismo, das tecnologias e da informatização na capoeira. A partir disso, faremos uma contextualização da capoeira nas produções científicas.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CAPOEIRA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Apresentamos, nesse item, aspectos do contexto histórico, como e onde se deu o surgimento da capoeira, apreendemos as inúmeras contradições que são reproduzidas nas diversas produções científicas. Uma parte significativa dos estudos aborda que a origem da capoeira tem relação com o processo da escravidão, surge como uma luta contra a opressão e submissão, ressaltando a matriz cultura africana (CONRADO, 2006; COSTA, 2007; SILVA, 2008; RIBEIRO, 2008), enquanto outros afirmam que o fenômeno da capoeira é tipicamente urbano. A capoeira consolida-se como uma prática pluriétnica, apesar de reconhecermos que houve influência das referências da cultura negro-africana nos rituais, instrumentos e cantigas (FALCÃO, 2004).

Por outro lado, entendemos que a capoeira influencia outras manifestações culturais⁹⁶ e foi influenciada por essas, fato que Scaldaferrri (2009) afirma no seu estudo que é difícil separar a capoeira do candomblé, do samba, dos quilombos e do capadócio; os laços entre as identidades africanas no Brasil possibilitaram o jongo, o maracatu e as congadas; na nossa concepção também o frevo⁹⁷ e o boi-bumbá⁹⁸. Somando a isso, Machado diz que:

⁹⁶ Silva (2008) nos diz na sua dissertação que muitos elementos da capoeira se remetem às práticas africanas, deixando claro que ela não é genuinamente brasileira.

⁹⁷ Fazem parte do acervo cultural também o frevo, o maculelê, o samba e o maracatu (FALCÃO, 2004).

“No Brasil, temos o samba (principalmente na Bahia e Rio de Janeiro), o frevo e o maracatu (no Recife), o tambor de crioula (no Maranhão), os congados, folias de reis e o candombe (em Minas Gerais), dentre outros. Exemplos de manifestações que apresentam semelhanças com a capoeira em outros países estão a Ladjá (na Martinica), o Mouringue (na Ilha de Reunião) e o Mani (em Cuba)” (2012, p.33).

Além das semelhanças com as manifestações culturais dos africanos, Falcão (2004) assegura que a bagagem cultural dos capoeiras tinham similaridades com a dos fadistas portugueses com relação ao uso de navalhas, rixas, nas formas de vestir, algazarra, desordem, boemia e apego ao lúdico. O elo de afirmação identitária na capoeira abarcou também os europeus e crioulos que eram marginalizados: “a capoeira tem sido palco de tensão, resistência e afirmação de indivíduos e categorias de várias origens, explorados e expropriados em sua força de trabalho” (FALCÃO, 2004, p.25).

Isso reafirma as diversas contribuições dos povos africanos, europeus e crioulos para o seu surgimento, e não somente do povo negro no Brasil. Costa (2013) acrescenta no seu estudo que as três matrizes fundadoras da sociedade contribuem também com a língua, a mitologia, as artes, as vestimentas, a arquitetura, a culinária, as lendas, as danças, a religião, a música e a cinestesia.

A manifestação da capoeira não se deu de forma homogênea nas cidades pioneiras como Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Segundo Falcão (2004), em Salvador, a capoeira tinha relação com os botecos e as quitandas, e ela acabava atraindo os fregueses, enquanto no Rio de Janeiro se relacionava com as maltas, as brigas de rua e a política do Segundo Reinado. Foi possível inferir que a despeito do surgimento da capoeira em Recife⁹⁹, os estudos não explanaram como se deu o fenômeno nessa localidade, divergente das outras duas cidades que tiveram notoriedade nas diversas produções.

⁹⁸ Leal (2002) argumenta que apesar da forte repressão da capoeira no Código Penal no estado do Pará, ela continuou fazendo parte do cotidiano dos trabalhadores, e se manteve presente através do Boi-bumbá por questões de sobrevivência e defesa.

⁹⁹ Marques (2012) no seu estudo analisa a capoeira no Recife, no final do século XIX e início do século XX, retratando sobre os capoeiras que ora eram contra os agentes da ordem, ora faziam alianças e negociavam com os políticos e a polícia. Em Salvador, Dias (2006) também constata que muitos capoeiras viviam entre a (des) ordem e não estavam separados por uma fronteira tão rígida, no período da República Velha (1889-1930). Oliveira (2004) analisa aspectos do cotidiano dessas personagens de 1912 a 1937, e diz que eles cometiam delitos por estarem submetido às condições de sobrevivência, mas também foram agentes culturais. Leal (2002) observou a prática da capoeira no Pará, no período de 1888 a 1906, e explana que os capoeiras também se aliavam à política partidária de ordem.

Nesse sentido, as rodas de capoeira¹⁰⁰ aconteciam nas festas de largo, nas portas dos botequins, também nos bairros populares; atualmente, ela está em diversos lugares como invasões, alto dos morros, nas baixadas, seja apoiado por um mestre e ou projeto (SCALDAFERRI, 2009). Ela está desde os espaços das ruas e estações de metrô até universidades e salões de espetáculo (FALCÃO, 2004), ora funcionando como forma de resistência e luta contra as amarras do sistema capitalista, ora reproduzindo os seus ditames e sofrendo explorações. “No caso da capoeira, esta aparente oposição entre a acomodação e a resistência é que determina sua ambiguidade” (IBIDEM, p.106).

Silva (2008) corrobora que em cada sociedade existem as regras de convivência, os padrões de comportamento e as interpretações simbólicas que expressam as contradições, as relações de poder e as compreensões de mundo. Na pequena roda (capoeira), transcorre esse mesmo entendimento, sofrendo influências e influenciando a grande roda (sociedade), assim como acontece no contexto local e global. “As referências globais são apreendidas, decodificadas e transformadas, a partir dos interesses, necessidades e criatividade dos agentes contextualmente situados” (FALCÃO, 2004, p.26).

A partir disso, questionamo-nos, quem foram e são esses agentes/ personagens “responsáveis” pela difusão da capoeira? As produções científicas retratam, de forma recorrente, apenas duas figuras relevantes para a divulgação da Capoeira Angola e Regional, Mestres Pastinha e Bimba, respectivamente, os quais já discorremos no segundo capítulo e adentraremos, posteriormente, em algumas questões específicas. Diante disso, observamos uma lacuna, na maioria, dos estudos com relação aos relatos e as biografias de outros mestres que também foram importantes para a expansão da capoeira, mas não tiveram a mesma visibilidade.

Somando a isso, Silva Júnior (2010), Scaldaferrri (2009), Gomes (2012) acrescentam diversos nomes de praticantes ou mestres que tiveram suas histórias divulgadas, cantadas e impressas em folhetins e em processos judiciais e criminais como: Dois de Ouro, Amorzinho, Manduca da Praia, Ciriaco, Natividade, Madame Satã, Coelho Neto, Samuel da Calçada, Siri de Mangue, Juca Reis, Chico Me dá Me dá, Waldemar da Liberdade, Maré, Pedro Mineiro, Doze Homens, Tibiriri, Zebedeu, Chico Simão, Caiçara, Nicolau do Poço, Querido de Deus, Nascimento Grande, Jovino dos Coelhos, Paulo Barroquinha, Antônio Boca de Porco, Canário Pardo, Canjiquinha, Besouro Mangangá, Aberrê, Pedro Piroca, Noronha, Paulo dos

¹⁰⁰ Também aconteciam nas festas religiosas e profanas, nos terreiros de candomblé e no cais para atender suas demandas sociais (SILVA JÚNIOR, 2011).

Anjos, Cobrinha Verde, Julia Fogareira, Maria Homem, Zumbi dos Palmares¹⁰¹, Pavão, dentre outros.

Com base nas análises das produções científicas, traremos informações de alguns mestres de capoeira que ganharam destaque nos textos como: Besouro¹⁰², nascido no Recôncavo Baiano, no final do século XIX, foi um dos principais capoeiras do Brasil (GOMES, 2012), apesar que há controvérsia com relação a sua referência na capoeira. Noronha, nascido em Salvador, em 1909, começou a treinar capoeira aos nove anos com o Mestre Cândido Pequeno (SCALDAFERRI, 2009; MACHADO, 2012). Maré aprendeu capoeira sozinho com 24 anos de idade, jogava capoeira desde 1918 (SCALDAFERRI, 2009). Waldemar¹⁰³ aprendeu capoeira com 20 anos, em 1936, foi formado por Telabi, Siri do Mangue, Canário Pardo e Ricardo da Ilha de Maré. Curió¹⁰⁴ nasceu em 1937 na Paraíba, aprendeu os primeiros passos com seu avô em Santo Amaro. Moraes¹⁰⁵ nasceu na Ilha de Maré em 1950, começou a treinar aos 8 anos de idade no Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) com o Mestre Pastinha (MACHADO, 2012).

A partir da década de 30, a capoeira passa a estar presente nos recintos fechados, tendo os pioneiros nesse processo Mestre Bimba com o Centro de Cultura Física Regional, em 1932, e Mestre Pastinha com o CECA, em 1941. Mas é válido destacar que outros mestres também a trouxeram para os espaços fechados como: Mestre Gato fundou a Academia Baiana de Capoeira Angola, em 1962; Mestre Caiçara abriu a Academia de Capoeira Angola ‘São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara’, e Mestre Arnol Conceição fundou o grupo de Capoeira (SILVA JÚNIOR, 2010).

Contraditoriamente, apesar dos diversos nomes que foram importantes para a divulgação da capoeira, as histórias e biografias dos mestres e capoeiras são pouco conhecidas, e observamos que um acontecimento é corriqueiro, o de que todos morrem¹⁰⁶ na

¹⁰¹ “Um dos mais expressivos representantes de um povo” (GOMES, 2012, p.57).

¹⁰² Manuel Henrique Pereira, conhecido por Besouro ou Besourinho Cordão de Ouro. “Seu legado, assim como o de Manduca da Praia, Artur Emídio, Canjiquinha e dos expoentes Zumbi de Palmares e Gangazumba, é cultivado pelos capoeiristas dos nossos dias” (GOMES, 2012, p.52).

¹⁰³ Conhecido como Waldemar da Paixão, Liberdade ou Pero Vaz (1916-1990), “a capoeira lhe deve pelo aprimoramento plástico e sonoro do seu instrumento-rei”, além disso tinha seu famoso Barracão na Avenida Peixe em Salvador, o qual recebia visitas ilustres de Jorge Amado, Mário Cravo, Pierre Verger, Odorico Tavares, Carybé, dentre outros (ABREU, 2013, p.13).

¹⁰⁴ Atualmente, Mestre Curió é responsável pela Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos no Forte da Capoeira em Salvador.

¹⁰⁵ Mestre Moraes é responsável pela condução do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) no Forte da Capoeira.

¹⁰⁶ Falcão aborda célebres capoeiras que morreram no ostracismo como “Pedro Mineiro, Pedro Porreta, Samuel Querido de Deus, Algemiro Olho de Pombo, Nascimento Grande, Manduca da Praia, Besouro Mangangá, Feliciano Bigode de Seda, Inimigo sem Tripa, Sete Mortes, Chico Três Pedacos, Canjiquinha, Aberrê, Cobrinha Verde, Traíra, Waldemar da Paixão, Totonho de Maré, Tiburcinho, Bilusca, Noronha, Madame Satã, Sete

miséria “desprezados pelo bloco hegemônico burguês (Estado, Sociedade civil e estrutura econômica)” (SCALDAFERRI, 2009, p.68). Esses personagens permanecem sofrendo as angústias de uma sociedade desigual e morrem desassistidos, mesmo tendo prestado anos de serviços à sociedade, por meio da cultura e educação (COSTA, 2013).

Em alguns casos, o reconhecimento tem se dado tardio, através de títulos como o de Doutor *Honoris Causa*, como aconteceu com os Mestres João Grande, João Pequeno e Camisa, também *in memoriam*, como o de Mestre Bimba. Existem premiações como Medalha Zumbi dos Palmares, Berimbau de Ouro, dentre tantas outras formas de valorização, nome de praça e rua, músicas etc.; porém, apesar de entendermos que essas ações significam avanços para a divulgação da cultura, mas não consideramos mudanças drásticas nas vidas dos (as) capoeiras que sobrevivem dessa arte.

Na contemporaneidade, percebemos o destaque da capoeira no campo profissional nos diversos espaços (não) formais como: academias, escolas, faculdades, universidades, projetos sociais, praças públicas, dentre outros; porém, antes de 1930, a capoeira esteve vinculada ao lazer e disputa de espaço. Os capoeiras eram estivadores, carroceiros, vendedores ambulantes, trapicheiros etc.; atualmente, estão vinculados ao mercado formal e não-formal (FALCÃO, 2004).

Antes desse marco histórico, o capoeira, também conhecido como capadócio, valentão, arruaceiro, vagabundo etc. era uma ameaça à população pelo fato de sobreviver nas ruas e cometer delitos de diversos tipos, acabou incomodando a nobreza e os comerciantes, e nesse prisma com os progressos e o desenvolvimento da política abolicionista a capoeira é enquadrada no código penal (COSTA, 2013), em 1890. A repressão da capoeiragem aconteceu de maneira heterogênea nas diversas cidades, apesar de serem aplicados os mesmos castigos como deportação, açoites, prisões, dentre outros, mas o processo foi mais intenso no Rio de Janeiro, e uma figura que se destacou na forte coibição foi o soldado Sampaio Ferraz.

Paradoxalmente, uma parcela da sociedade acreditava que seria interessante ter os capoeiras como aliados, “massa de manobra”, no campo dos partidos políticos, na função de cacundeiros eleitorais; isso não quer dizer que as perseguições deixaram de existir (COSTA, 2013) ou que diminuíram, mas a reestruturação e ressignificação da cultura popular foi interessante para a manutenção da ideologia do capitalismo. Com isso, os negros participaram

Coroas, Gato Frito, Perna de Pau, Bunda de Prata, Zé Porco, Olho de Gato, Peixe Frito, Bexiga etc.” (2004, p.30).

de diversas revoltas, como a batalha de 2 de julho e Guerra do Paraguai, em 1865 (SCALDAFERRI, 2009).

Essas mudanças não ocorreram de forma natural, normativa ou essencial, nem foi devido aos esforços somente do Mestre Bimba, embora reconhecemos a sua importância nesse cenário. Numa perspectiva dialética, analisamos o passado, o presente e o futuro que estão interconectados em movimento e não possuem uma linearidade, apesar de nos atermos ao fenômeno da capoeira, não podíamos deixar de relacioná-la ao contexto social, político, cultural, econômico, dentre outros.

Retornando a figura de Mestre Bimba¹⁰⁷, a qual é reproduzida em muitos estudos científicos como o “salvador” da pátria, especialmente quando o presidente Getúlio Vargas apoia a legitimação da Luta Regional Baiana (Capoeira Regional) na sociedade. É inegável a contribuição do referido mestre para a expansão da capoeira, mas não podemos conceber as transformações sociais como naturalistas, até porque essa manifestação cultural é permeada de contradições, assim como as relações sociais na sociedade também.

Nesse sentido, Silva Júnior (2010) afirma que há um interesse de manipulação do populismo e necessidade de legitimação de uma prática marginalizada, e o mesmo acontecia com a Educação Física, formatada para atender ao Governo, que educava homens sadios e fortes para defender a Nação. A capoeira foi utilizada para garantir o poder do Estado Novo, por meio dos seus princípios alienadores e tecnicistas (SILVA, 2008). Se a capoeira era considerada crime no código penal, quais as mudanças necessárias (impostas) para transformá-la em ginástica, esporte ou cultura do povo brasileiro?

Antes de responder essa pergunta, explicaremos alguns fatos e marcos importantes que envolvem a capoeira, a ginástica e o esporte. O pioneiro a tentar transformar a capoeira em esporte, na década de 1890, foi Mello Moraes Filho (1979); logo depois, L. C. em 1906 publica na Revista Kosmos o artigo ‘A Capoeira’. Em 1907, O. D. C realiza a sistematização da capoeira como método de ginástica, o ‘Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira’. Em 1928, Coelho Neto defende a mesma ideia no artigo ‘Nosso Jogo’, e no mesmo ano Aníbal Burlamaqui¹⁰⁸ publica o livro ‘Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada’ (FALCÃO, 2004).

Posteriormente, o autor Inezil Penna Marinho, em 1945, elabora ‘Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem’. Essa ideia só ressurgiu em 1980 na

¹⁰⁷ “Este, popularizado como mito sagrado, agente de significativas e decisivas mudanças, foi taxado de ‘O Lutero da capoeira’” (GOMES, 2012, p.63).

¹⁰⁸ Coelho Neto e Raul Pederneiras também defendem a capoeira como símbolo de brasilidade (COSTA, 2013).

‘V Grande Roda Brasileira de Capoeira’ pelo Grupo de Capoeira Beribazu em Brasília. Logo depois, a capoeira foi inserida nos Jogos Esportivos Brasileiros (JEBs), em 1985, coordenada pela Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), e ela foi reconhecida como modalidade esportiva em 1973 pela CBP¹⁰⁹. As características básicas dos esportes são: rendimento físico-técnico, recorde, competição, racionalização e cientificação do treinamento (FALCÃO, 2004).

Observamos que poucos estudos trouxeram informações consistentes sobre a esportivização da capoeira, influências da Educação Física, em especial dos métodos ginásticos, que fazem parte dos treinos em algumas academias, escolas, de capoeira com: corrida, polichinelo, abdominal, apoio de aquecimento, fileiras de alunos para observar o mais velho na frente e repetir, a disciplina (o castigo) para quem errar o golpe, dentre outros que ainda persistem na atualidade.

Segundo Machado (2012) e Falcão (2004), a capoeira teve que se adequar aos moldes do projeto político de modernização da sociedade, inclusive passar por um processo de higienização, estar atrelada a racionalização e eficiência. Com a criação da Luta Regional Baiana, Capoeira Regional, o outro segmento de capoeiras que não se enquadravam, organizam-se e criam a Capoeira Angola. Nesse sentido, a Capoeira Regional adentra aos recintos fechados, atrai pessoas de diversas classes sociais, tem apoio de universitários acadêmicos na sua sistematização e organização, assim como a Capoeira Angola também penetra nos espaços fechados, organiza-se e mantém sua tradição. “A Capoeira passa a ser exercitada em espaços fechados e disciplinadores, como as academias, que só teriam acesso a participar quem pagasse pelo serviço” (SILVA JÚNIOR, 2010, p.23). Com isso, há uma mudança no perfil dos mestres e uma alternativa de ‘ganha-pão’ (SILVA, 2008).

Compreendemos que existem algumas similaridades entre os dois estilos de capoeira, pois em ambos existem a ginga, os golpes, as cantigas, os instrumentos e os capoeiras. Diante disso, quais as particularidades dos dois estilos de capoeira? Machado (2012) aponta que o movimento da ginga na Capoeira Angola é mais relaxado, traz a suavidade da dança e é possível identificar no (a) angoleiro (a), o disfarce da luta que reflete a estética e o referencial filosófico afirmando a ancestralidade africana. Zonzon (2014) acrescenta que há alguns termos¹¹⁰ que perpassam por esse estilo como: ancestralidade¹¹¹, esperteza, manha, maldade, malandragem, traição, mandinga, brincadeira que podem representar a inocência da

¹⁰⁹ A CBP era vinculada ao Conselho Nacional de Desportos. Em 1992, a capoeira se vincula a Confederação Brasileira de Capoeira e se desvincula dela (FALCÃO, 2004).

¹¹⁰ Falcão (2004) acrescenta também a malícia e a religiosidade.

¹¹¹ “A ancestralidade, por sua vez, é o solo comum. É o elemento que prepara o solo, onde se planta e cresce a comunidade. Mas nada cresce sem a Força Vital, sem Ngunzo. Elemento de ancestralidade que precisa estar plantado, no solo onde se constitui a comunidade” (MACHADO, 2012, p.103).

brincadeira até a imoralidade da maldade. Isso reforça as ambiguidades presentes na capoeira, pois ela não é uma prática corporal estanque, sofrendo influências das linhagens e do contexto local.

Nesse sentido, a Capoeira Angola é organizada por Mestre Pastinha tendo entrada e saída de jogo, chamadas e sistematização de roda (FALCÃO, 2004). Durante algumas décadas esse estilo passou por uma decadência, Fred Abreu e Jair Moura¹¹² foram importantes para o processo de revitalização em Salvador, defenderam o retorno dois ‘Joãos’, Mestres João Grande e Pequeno (MACHADO, 2012), ambos os discípulos do Mestre Pastinha.

Paradoxalmente, a Capoeira Regional foi organizada por Mestre Bimba e teve (mantém) características peculiares como: sequência de ensino de Mestre Bimba, mandamentos da capoeira, regulamento básico, exame de admissão, curso de especialização, batizado, dentre outros elementos que foram comentados no segundo capítulo. Machado (2012) ainda acrescenta que tanto o Mestre Bimba quanto Pastinha, além de Noronha, Cobrinha Verde, Maré e outros tinham a preocupação em diminuir a violência no meio da capoeiragem, apesar de terem vivenciado brigas e afirmação de valentia.

Tanto na Capoeira Angola quanto na Regional há uma disputa por espaço, os (as) angoleiros (as) dizem manter a tradição, a essência (o fundamento) da capoeira, a autenticidade; e os da Regional possuem códigos hierarquizantes e esportivizantes. Pode-se perceber que há um apelo pela tradição para a manutenção de interesses pessoais (FALCÃO, 2004). Os dois estilos de capoeira tinham “apoio” da intelectualidade, e os capoeiras eram fotografados, davam entrevista aos jornais, eram fonte de inspirações de artistas, poetas etc.

Outra lacuna que notamos foi que ínfimos estudos abordavam sobre os cronistas, poetas, pintores, cineastas, musicistas, atrizes/atores¹¹³, artistas, roteiristas, dentre outros, que utilizam a capoeira nas suas obras. Com isso, arriscamos no segundo capítulo a mapear alguns nomes/obras de filmes, documentários e artistas que pudessem contribuir e inspirar novas produções científicas. Essas obras são ricas por abordarem o pensamento e a visão dos intelectuais, denunciarem a realidade, refletirem aspectos da grande e pequena roda etc.

O Mestre Waldemar tinha visitas de turistas e intelectuais do país como Caribé, Jorge Amado, Edson Carneiro e Pierre Verger (SCALDAFERRI, 2009; MACHADO, 2012). Jorge

¹¹² Jair Moura (27/08/1938) “foi um dos primeiros capoeiristas pesquisadores da Bahia e produziu em 1968 o filme Dança de Guerra. Escreveu livros como Capoeira - a luta regional baiana (1979), Capoeiragem, arte & malandragem (1980), Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem (1993), A capoeiragem no Rio de Janeiro através dos séculos (2009)” (MAGALHÃES FILHO, 2011, p.192).

¹¹³ Falcão (2004) cita que a capoeira já foi utilizada para treinar atores e atrizes em filmes de ação como Halle Berry, Mulher-Gato, no filme Catwoman, também trouxe o herói de capoeira, Eddy Gordo, no videogame tekken 3, lançado nos Estados Unidos em 1998.

Amado e Edson Carneiro escolheram a capoeira (Angola) pura, de raiz, verdadeira (FALCÃO, 2004) como fonte de inspiração. O autor ainda retrata da obra ‘Memórias de um Sargento de Milícias’ de Manuel Antônio de Almeida, de 1852, na qual retrata sobre a capoeira por meio do personagem Chico-Juca. Costa (2013) cita o romance de Plácido de Abreu Moraes, de 1886, com o título de ‘Os Capoeiras’ trazendo o cotidiano e a cultura real.

É válido destacar que o primeiro filme brasileiro a tratar sobre a capoeira foi o ‘Pagador de Promessas’, que ganhou prêmios internacionais. Depois, o filme *Esporte Sangrento (Only the Strong Survive)* tem a maior difusão da capoeira; ambos os filmes tiveram a participação de Jelon Vieira, precursor da capoeira nos Estados Unidos (FALCÃO, 2004).

Além dos estilos citados anteriormente, fonte de inspiração nas diversas obras, a partir da década de 70, surgem outras adaptações que ora misturam elementos das duas vertentes ora incrementam movimentos de outras lutas, danças, acrobacias etc. Apesar de outras adaptações, escassos estudos adentraram nas concepções, particularidades, compreensões dessas várias modalidades que estão conquistando espaços em diversos locais do Brasil e no Exterior. Com relação à capoeira contemporânea¹¹⁴, Falcão (2004) não considera como um novo estilo, mas como uma forma de conceber e realizar os fundamentos; já Zonzon (2014) profere que ela possui sistemas de ensino e narrativas histórico-filosóficas, assim como o angoleiro e o regional. Falcão (2004) ainda comenta sobre a capoeira *work-out*, mistura de capoeira e ginástica, ensinada por Mestre Edna Lima em Nova York; a capoeira *Hi tech* é uma dança-luta africana e que foi levada pelos brasileiros para a França.

Além dessas existem outras adaptações citadas anteriormente no segundo capítulo, como a Capoterapia¹¹⁵, criada por Gilvan Alves, em 1998, em Brasília-DF, o mesmo oferece cursos on-line para que os professores de Educação Física ou da capoeira possam ser reconhecidos e ensinem essa modalidade em diversos espaços. Apesar de notarmos os benefícios dessa prática para os idosos, não entendemos as modificações drásticas que diferenciem os estilos da Capoeira Angola e Regional, os pioneiros e famosos. Notamos que o Mestre Gilvan teve a sensibilidade de preparar aulas, metodologias para o público idoso, o qual não é incluído nos treinos e nas rodas de capoeira, a não ser que já seja capoeirista desde jovem, e o mesmo acontece com as pessoas com deficiências físicas, visuais, auditivas; transtornos mentais, dentre outras.

¹¹⁴ A única dissertação da UFBA que se debruçou sobre a Capoeira Contemporânea foi a de Catalina Salazar (2011).

¹¹⁵ Prazeres (2017) diz que a Capoterapia é voltada para o público idoso, misturando elementos da capoeira com cantigas e brincadeiras.

Observamos que os focos das pesquisas científicas não eram voltados para essas adaptações, mas consideramos pertinente (re) conhecer essas diversidades de estilos, linhagens; assim como refletir que muitas adaptações surgem numa perspectiva mercadológica, “para atender às necessidades do mercado consumidor de entretenimento, visto que a Capoeira é vendida e consumida por determinados grupos que visam à obtenção de lucros” (SILVA JÚNIOR, 2010, p.22). Por isso, é importante “vender” a força de trabalho, ganhar novos adeptos, funcionar como empresa, propagar novas mercadorias e assim ser explorado no sistema capitalista; o processo não se dá de forma linear, e sim circular.

Scaldeferri (2009) diz que à medida que a mercantilização vai se intensificando, a capoeira vai se expandindo pelo Brasil e pelo mundo. A despeito do processo de internacionalização da capoeira, escassos estudos trouxeram a discussão de forma aprofundada, sendo que esse processo se deu, a partir de 1970¹¹⁶, por meio dos grupos folclóricos, em especial o Viva Bahia, conduzido por Emília Biancardi.

Falcão (2004) traz os nomes de alguns pioneiros que introduziram a capoeira no Exterior, tais como: Mestre Nestor¹¹⁷ Capoeira, em 1971, começou a dar aula de capoeira no Velho Continente; Mestre Barrão¹¹⁸ chegou em Portugal em 1994; Mestre Umoi¹¹⁹ trabalha em Lisboa- Portugal; além de Mestre Jelon Vieira¹²⁰ que chegou em Nova York em 1975; Mestre Acordeon¹²¹ foi para Califórnia em 1978; Mestre João Grande¹²² chega em Nova York em 1990; e Mestre Amém¹²³ foi para Califórnia em 1989. É válido acrescentar que algumas mulheres nesse cenário (inter)nacional da capoeira já desenvolvem um trabalho consolidado, como Mestras Janja, Edna Lima, Lucia Palmares (LIMA, 2016), Cigana, dentre tantas que não tiveram suas biografias e histórias reconhecidas na pequena e grande roda. Falcão (2004,

¹¹⁶ Candusso (2009) tece que a partir desse período a capoeira teve uma expansão mundial, sendo que muitos capoeiristas viajavam para outros países, procuravam melhores condições de vida e assim divulgavam a cultura brasileira no exterior.

¹¹⁷ O referido mestre foi iniciado por Mestre Leolpodina, graduou-se mestre 1969 pelo Grupo Senzala. O Mestre Leolpodina é carioca, aprendeu capoeira aos 18 anos com Quinzinho, depois continuou treinando com Artur Emídio (FALCÃO, 2004).

¹¹⁸ O mestre nasceu perto de Aracaju-SE, morou em Santos-SP; vendeu doces, foi mecânico, trabalhou nas docas etc. (FALCÃO, 2004).

¹¹⁹ Ele começou a capoeira aos 11 anos, treinou com Cordeiro e Cícero (FALCÃO, 2004).

¹²⁰ Baiano nascido em Santo Amaro em 1953, estudou dança e se tornou coreógrafo, com isso fundou o Dance Brasil em 1977 e Capoeira Foundation em 1980 (CASTRO, 2010).

¹²¹ Criou a Fundação Capoeira Arts e Capoeira Association United, introduziu a capoeira no currículo da Universidade de Wisconsin (LIMA, 2016).

¹²² Baiano do interior de Itagi, nascido em 1933, foi discípulo do Mestre Pastinha, foi convidado, 1990, para participar do Festival de Artes Negras de Atlanta nos Estados Unidos, recebeu o convite para ministrar aulas em Nova York, em 1992, recebeu o título de Doutor em Honoris Causa em 1994 pela Upsala College de Nova Jersey, fundou o Capoeira Angola Center em Nova York em 1990 (CASTRO, 2010).

¹²³ Ele fundou o Centro Cultural Brasil e o Capoeira Batuque em 1989 (LIMA, 2016).

p.253) diz que “em 2003, existiam escolas de capoeira em todos os 50 estados norte-americanos. Somente em Nova York, são 15 escolas”.

A partir disso, questionamo-nos se será que é fácil a entrada de mestres no Exterior? O que os capoeiras buscam no Exterior que não encontram no Brasil? Um fato parece ser comum na ida dos mestres, contramestres e professores para o Exterior, eles vão em busca de oportunidades de trabalho e reconhecimento, pois em diversos estados do Brasil os(as) mestres(as) não são valorizados. Antes de ir para o país por que tem interesse, o (a) capoeira precisa passar por um processo burocrático, necessita do visto para estrangeiro, também pagar o passaporte em torno de R\$ 257, 25, ter dinheiro para comprar as passagens, aventurar para conseguir se estabilizar, montar sua academia, ter espaço para dar aula, pagar aluguel, conseguir recurso financeiro para (sobre)viver, comunicar-se em outros idiomas, adaptar-se às condições climáticas, culturais etc.

O trabalho do profissional de capoeira é eventual, aleatório, parcial, temporário e até ilegal; também pode-se constituir de atividade principal o comércio de adereços e petrechos para ajudar no orçamento dos aventureiros abnegados. No entanto, a internacionalização da capoeira possibilitou grande visibilidade, densidade e poder simbólico; intensidade das interações e experiências; estratificação social de uma sociedade dividida em classes. Esse processo pode contribuir na valorização das referências culturais africanas ou para o distanciamento dos princípios e valores da capoeira (FALCÃO, 2004).

Esse processo contribuiu (contribui) para a divulgação da língua portuguesa, pois as músicas, os nomes dos golpes e as aulas valorizam o referido idioma; atrai a presença dos estrangeiros no Brasil, especialmente, na Bahia, em busca da tradição e do aprendizado com os velhos mestres; assim, movimentam a economia local, também possibilita renda extra para os capoeiristas que (sobre) vivem da arte. Falcão (2004) nos alerta que a internet tem grande contribuição para a internacionalização da capoeira, funciona como ‘terreiro eletrônico’ com várias ‘rodas virtuais’.

Em 2004, existia cerca de 25 mil homepages na internet que versavam sobre a capoeira em diversas línguas (FALCÃO, 2004); imagine agora, com as redes Facebook¹²⁴ (2009), Instagram¹²⁵ (2010), Twitter (2006) e WhatsApp (2009), nas quais existem uma diversidade de grupos, páginas, pessoas, fotografias, mensagens, vídeos, dentre outros que

¹²⁴ Surgiu em 4 de fevereiro de 2004, a rede social mais popular da história. Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191>.

¹²⁵ Aplicativo foi criado em outubro de 2010; através dele pode ser aplicado filtros nas imagens e compartilhá-las por meio do Facebook e Twitter. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>.

possibilitam analisar e compreender diversos fenômenos do cotidiano e do mundo, dentre eles, a capoeira. Na análise dos estudos científicos, apenas a tese de José Falcão comentou sobre as redes sociais¹²⁶ e a capoeira, apesar de não ser sua categoria de estudo, mas isso demonstra o domínio e a imersão na capoeira, contextualizando-a em todos os contextos possíveis.

Silva Júnior (2010) explana sobre as mudanças nas formas de relacionamento; devido às inovações tecnológicas, tem-se deixado de lado as relações sociais de forma presencial; parafraseando o sociólogo Zygmunt Bauman, “vivemos tempos líquidos, nada é para durar”. Bauman já comentava sobre a Modernidade Líquida, marcada pela liquidez das relações, um exemplo disso é que em apenas um *click* as relações de amizade, namoro etc. podem ser (des) feitas. Isso demonstra o excesso de fragilidades, inseguranças, medos, individualismos, informações, padrões, grupos, dentre outros, que marcam a sociedade atual.

A sociedade contemporânea é marcada pela exacerbação de alguns processos sociais, como: a desigualdade social, a violência contra os diferentes e a falta de compromisso com o ser humano e, conseqüentemente, com a sua cultura. Prevalecendo o não reconhecimento do outro como um ser igual, mas que todos são estranhos, imperando o medo nas relações com as pessoas que não fazem parte do “mesmo mundo” e mesmo que faça, não havendo uma relação de confiança (SILVA JÚNIOR, 2010, p.27).

Os capoeiras são afetados e afetam pela grande roda em diversos aspectos como: individuais, coletivos, sociais, econômicos, culturais, dentre outros. A capoeira nesse cenário sofre influências do sistema capitalista por meio da midiaticização, folclorização, esportivização e pedagogização, transformando tudo em mercadoria. A concorrência e competição são grandes eixos do capitalismo, dessa forma as lições são comercializadas, vestimentas, graduações, instrumentos, palestras, revistas, livros, cd's, vídeos, *shows*, indumentárias específicas como: uniformes, bonés, bermudas, berimbau, atabaques, pandeiros; também as oficinas, os *workshops* e cursos conduzidos por mestres e professores (FALCÃO, 2004).

¹²⁶ A dissertação de Cecília Tamplenizza (2012) tratou sobre a Capoeira Angola na rede do Orkut e Facebook.

Diante disso, compreendendo a ascensão da capoeira, espalhadas em diversos espaços (in) formais, sociais, digitais, religiosos, dentre outros; buscamos entender quais são os projetos, políticas públicas que fomentem a cultura¹²⁷, especificamente a capoeira no Brasil. Antes disso, é digno de nota que as relações políticas estão imbricadas com o sujeito, por mais que não tenham opções partidárias explícitas, no entanto as decisões políticas nas três esferas (nacional, estadual e municipal) irão impactar na vida dos capoeiristas, pois a depender dessas representações poderá haver destinação de recursos, incentivos para o fomento da cultura, educação, lazer, dentre outros, em maior ou menor escala a depender dos interesses e das ideologias.

Costa (2013) faz um apanhado da cultura no Brasil, comenta que no período da Republica Nova havia o ostracismo cultural. Logo no Estado Novo e da Era de Vargas houve cooptação de intelectuais nos campos da comunicação, cultura e educação. A cultura foi vinculada à Educação de 1953 a 1885, e só posteriormente que o Estado reconhece a necessidade da autonomia da cultura. O autor nos chama a atenção que no governo Lula, alguns avanços são efetivados na política cultural, especificamente quando Gilberto Gil assume a pasta em 2003. Isso pode ser visto através do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania- Cultura Viva que envolve os principais objetivos: Agente Cultura Viva; Escola Viva; Pontos de Cultura; Cultura Digital e Griô-mestres dos saberes. O autor ainda destaca que as políticas culturais sofrem com a descontinuidade, acessibilidade, democratização e burocratização, e percebe-se que ainda há resquícios do governo passado com relação ao clientelismo, monopólio e terceirização que beneficia pequenos grupos.

No segundo capítulo discorreremos sobre algumas leis que reconhecem o potencial e a importância da capoeira em diversos espaços formativos. Existem alguns projetos, leis e recursos que podem fomentar a cultura e o esporte, contemplando (in) diretamente a capoeira. No tocante à cultura, por meio do Ministério da Cultura podemos citar a Lei Rouanet¹²⁸, Lei 8.313/91; a Lei do Audiovisual¹²⁹, Lei 8.685/93; temos também em nível da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia: Fundo de Cultura da Bahia, instituído pela Lei 9.431/2005; Faz Cultura, Lei 7.014/1996; Calendário das Artes, Pontos de Cultura, Carnaval Ouro Negro e

¹²⁷ Falcão (2004) corrobora que ela pode ser entendida como produção cultural e espiritual do ser humano que tem aspectos fisiológicos, psicológicos, antropológicos, políticos, filosóficos e sociais.

¹²⁸ A lei instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac); ela foi concebida originalmente com três mecanismos: o Fundo Nacional da Cultura, o Incentivo Fiscal e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico. Maiores informações, acessar: <http://rouanet.cultura.gov.br/>.

¹²⁹ Fomenta o desenvolvimento da atividade audiovisual brasileira por meio da dedução do imposto de renda.

Pipoca Pelô; em Salvador, existem editais como Arte Todo Dia, Capoeira Viva Salvador, Viva Cultura, Espaços Boca de Brasa, todas vinculados à Fundação Gregório de Matos¹³⁰.

O fomento à prática da capoeira pode ocorrer também através do Ministério do Esporte¹³¹, no qual há alguns programas e ações como: Centro de Iniciação ao Esporte, Segundo Tempo, Atleta na Escola, Esporte da Escola, Esporte e Lazer na Cidade, Vida Saudável, Sistema Nacional de Esporte. Em relação ao estado, existe a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB) que podem contribuir com as atividades da capoeira, e também editais, programas e ações municipais privilegiando o esporte educacional, de rendimento e/ou de participação. É digno de nota que existe a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE), Lei 11.438/06, que autoriza a dedução de até 6% do imposto de renda das pessoas físicas e até 1% de pessoas jurídicas que fazem doações a projetos desportivos e paradesportivos até 2025.

Diante disso, observamos que os estudos científicos pouco trouxeram sobre a contribuição das políticas públicas para fomentar a capoeira, percebemos que a tese de Costa (2013) fez uma densa análise documental de editais como: Pontos de Cultura, Capoeira Viva¹³² e do Dossiê e Salvaguarda da Capoeira.

Assim, Costa (2013) analisou os progressos e os atrasos com relação aos referidos projetos, sendo inegável a contribuição de iniciativas que fomentem a capoeira no nosso país, bem como no estado, e também no município. O autor ressaltou que as políticas culturais voltadas para a capoeira não possibilitaram mudanças significativas para a comunidade capoeirana, principalmente na vida dos mestres que precisam de liberdade e condições para produzir suas culturas. Isso não quer dizer que as experiências foram negativas, mas que os projetos são pontuais, trazem benefícios a curto prazo, não permitem a continuidade de ações; por isso faz-se necessária a ampliação de recursos destinados a tais ações, bem como o acompanhamento dos processos de avaliação e aprovação de editais; por fim, é preciso o fomento de políticas públicas que possibilitem as reais condições de sobrevivência, consituindo o acesso ao saneamento básico, à moradia, ao lazer, a alimentação, a saúde, a segurança pública, a educação, entre outros, para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

No tocante ao ensino superior, a partir da década de 1970 ela foi incluída nas universidades e faculdades. A primeira constatação foi na Bahia, especificamente na

¹³⁰ Essas informações foram retiradas do site oficial: <http://www.culturaafgm.salvador.ba.gov.br/>

¹³¹ O site oficial pode ser acessado através do *link* <http://www.esporte.gov.br/>.

¹³² A produção científica de Edielson Moreira (2014) e Alice Lacerda (2016) também discorreram sobre os editais do Capoeira Viva (2005 a 2007).

FACED/UFBA¹³³ em 1971, sendo que em 1991 ela se torna disciplina obrigatória no currículo de Educação Física da referida universidade. Falcão (2004) profere que em 1999, surgiu o curso superior de capoeira na Universidade Gama Filho (UGF), no Rio de Janeiro; também entre 1997 e 1998 a criação do curso de Pós-Graduação em Capoeira na Escola na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Em 2002, o Curso de Especialização Metodológicas e Fisiológicas Aplicadas à Capoeira na UGF. E na UFBA, em 2001.1, ela foi tratada como disciplina optativa ‘Educação, Cultura e Capoeira’, ministrada pelos professores Edvaldo Boaventura e Hélio Campos no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) (FALCÃO, 2004).

No entanto, percebemos ainda o distanciamento da Universidade e das comunidades adjacentes, apesar de ser crescente a sua inserção nas disciplinas, como atividades extracurriculares, dentre outros, que apresentaremos logo a seguir. Algumas questões são levantadas, como: quem são os (as) professores(as) que ensinam a capoeira no componente curricular das universidades e faculdades? Como a Universidade atende as demandas da sociedade? Nas práticas pedagógicas, quando há a escolha só de um determinado estilo de capoeira será que possibilita a pluralidade de ideias, valores e concepções? Conrado e França (2015) tratam dessas perguntas no contexto da UFBA, mas fazem-se necessários novos estudos que busquem compreender a capoeira no currículo das diversas instituições de ensino superior.

Quadro 45- Instituições brasileiras que oferecem a capoeira como componente curricular.

Forma de Oferta	Universidades/Faculdades	Total
Disciplina Obrigatória	<i>UFBA, UFRJ, UEFS, UESC, UNEB, UESB, UNICAMP, UCSAL, Estácio de Sá – MG, FATEC – Conselheiro Lafaiete – MG, UniBH, UNICASTELO, UNIMOVE, IPA, Faculdade Salesiana de Vitória</i>	15
Disciplina Optativa	<i>UFSC, UnB, UFRRJ, Unisinos (São Leopoldo), USP, UFS, UGF, UFMG, Metodista de São Bernardo, Faculdade Integrada de Amparo - FIA/SP</i>	10
Total		25

Arquivo: Falcão (2004).

A partir disso, percebemos que a capoeira tem galgado diversos espaços, mas ainda necessita estar presente em mais projetos, faculdades e universidades de todo o Brasil e do

¹³³ Sousa (1998) destaca que na UFBA a capoeira começou a ser divulgada por Clyde Morgan nos de grupos de danças e treinamento para dançarinos.

Exterior pelo seu potencial educativo, pensamos também que os (as) mestres(as) de capoeira precisam adentrar nesses espaços para contribuir com seus saberes ancestrais e também acessarem dando continuidade aos seus estudos na graduação e pós-graduação. Por isso, concordamos com Conrado (2006) apud Miranda Filho que é preciso ter ações afirmativas e políticas públicas mantidas, ampliadas e protegidas nas Universidades. Abaixo, apresentamos as instituições que oferecem a capoeira como atividade de extensão.

Quadro 46- Instituições brasileiras que oferecem a capoeira como atividade de extensão¹³⁴.

Unidades da Federação	Universidades Públicas	Universidades e Faculdades Privadas	Total	
			Públicas	Privadas
São Paulo	USP, UNESP (Rio Claro) UNICAMP	Mackenzie, São Judas Tadeu, Unicastelo, Mogi das Cruzes, Santo André, San Remo, Engenharia Mauá, Anhembi, Pirassununga, Unisantana (São Paulo), FEFISA (Santo André), UNIABC, IMES (São Caetano do Sul), Metodista de São Bernardo	3	14
Rio de Janeiro	UFRJ, UFRRJ,	Castelo Branco, Estácio de Sá, Gama Filho, Bennett	2	4
Rio Grande do Sul	-	IPA, Escola Superior de Educação Física de Santa Cruz do Sul, ULBRA (Canoas), UNISALLE (Canoas), PUC-RS (Porto Alegre), FEEVALE (Novo Hamburgo), (UCS) Universidade de Caxias do Sul	-	7
Pernambuco	-	Unicap, UPE	-	2
Santa Catarina	UFSC		1	-
Distrito Federal	UnB	UniCEUB, Católica	1	2
Minas Gerais	UFJF, UEMG		2	-
Espírito Santo	UFES		1	-
Bahia	UFBA, UEFS		2	-
TOTAL			12	29

Arquivo: Falcão (2004).

Diante disso, Conrado (2006) ainda nos chama a atenção que a universidade deveria ter responsabilidade em olhar e desvendar os fenômenos humanos, sociais, ambientais, etc. avançando na discussão e ação, combatendo o preconceito e a discriminação que irão se expandir por meio da formação profissional e assim chegar nas instituições, nos espaços e nas famílias. Especificamente na UFBA, algumas ações, já comentadas anteriormente, tem sido recorrentes nas disciplinas de capoeira, culturas populares e educação, dentre outras,

¹³⁴ Na UFBA, já teve o projeto de extensão intitulado de Capoeiragem na UFBA: capoeira como possibilidade educativa na universidade de 2009-2014.

valorizando e dialogando com os saberes populares dentro da Universidade e indo às comunidades para fortalecer as práticas corporais, culturais e sociais.

Depois de ter (re)construído o percurso histórico e contextual da capoeira, é válido salientar que encontramos alguns aspectos singulares nas produções científicas como: duas árvores genealógicas da capoeira angola presentes nas produções de Machado (2012) e Magalhães Filho (2011); descrição de sequências de ensino de Mestre Bimba completa e simplificada nos estudos de Campos (2006) e Gomes (2012), glossário da capoeira exposto por Sousa (1998)¹³⁵, paródias e parlendas na dissertação de Amorim (2017), dentre outras questões das áreas da Educação, das Ciências Sociais, da Música, da Dança e das Artes Cênicas que dialogaram com a capoeira, que serão tratadas logo a seguir.

Em suma, podemos afirmar que o fenômeno da capoeira é tipicamente urbano, uma prática pluriétnica, tendo contribuições dos povos negros (em sua maioria), dos crioulos e europeus para o seu nascimento. A capoeira teve influência de várias manifestações culturais como: samba, maculelê, frevo, boi-bumbá, jongo, maracatu e congadas; logo, o seu surgimento não se deu de forma homogênea em Salvador, no Rio de Janeiro e em Recife. Também, reconhecemos a importância dos estilos da capoeira angola e regional, bem como as suas contradições em prol da autenticidade e da manutenção de poder, refletimos sobre as outras adaptações e vertentes que surgiram na perspectiva de inovação, mas comportam o acirramento da concorrência e competição. E, por fim, a capoeira tem se expandido pelo mundo, porém os mestres continuam morrendo na miséria, demonstrando as ambiguidades e contradições da pequena e grande roda.

4.2 CONCEPÇÃO DE CAPOEIRA NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

Nesse item, discutiremos sobre as concepções de capoeira nas diversas produções científicas, trataremos as especificidades, as compreensões, os avanços em torno da polissemia dessa luta/dança, diante de um contexto geral que abarca quase duas décadas. No segundo capítulo, pontuamos nossa compreensão acerca do significado da capoeira.

¹³⁵ Criado a partir do dicionário Aurélio, Edison Carneiro e do Grupo do Acupe.

Para Sousa¹³⁶ (1998) a capoeira¹³⁷ é arte, dança, luta, religião, filosofia e comércio. Também considera uma técnica de defesa pessoal, luta e entretenimento, criada no Brasil na época da escravidão¹³⁸ nas senzalas e nos quilombos. Concordamos com Falcão (2004) quando afirma que a capoeira contém traços da cultura afro-brasileira em seu acervo musical, gestual e ritualístico, que vinculam aspectos míticos, ancestrais, religiosos e totêmicos. No entanto, não compreendemos a capoeira como religião, apesar de notarmos algumas similares entre essas manifestações culturais.

Costa (2007) e Falcão¹³⁹ (2004) corroboram que a capoeira é uma manifestação multifacetada, sendo que o jogo, a dança e a luta estão interligadas. Além desses elementos, Ribeiro (2008) acrescenta que une também a música e o teatro, podendo perceber um 'jeito de corpo' que traz um acervo de movimentos codificados, ora influenciado pela sociedade, ora a influenciando. Sentimos falta de uma discussão mais ampla sobre o jogo, palavra comumente utilizada nas produções científicas. Silva (2008) aprofunda o debate sobre as contribuições dele para a formação humana.

É importante sublinhar que existem diversos tipos de jogos e concepções; diante disso, ressaltamos que apreendemos o jogo¹⁴⁰ como uma prática da cultura corporal que tem suas características próprias como diversão, prazer, liberdade, criatividade, fantasia, dentre outras, que resgatam e expressam aspectos culturais, do cotidiano, subjetivos, objetivos; contribui nos valores sociais, repertórios motores etc. Tizuki Kshimoto (2001) descreve que o jogo é um objeto que tem um sistema de regras, resultado de um sistema linguístico dentro de um contexto social. Pensamos que o objeto pode ser considerado um brinquedo¹⁴¹, mas para o jogo ou a brincadeira acontecer não é necessário à presença do brinquedo (objeto). Coletivo de Autores (1992) ainda profere que o jogo é uma invenção do homem; considera como um ato de intencionalidade e curiosidade que pode mudar a realidade.

Apresentamos outras definições de teóricos que consubstancia a discussão em torno do entendimento do jogo, Johan Huizinga (2000) define como atividade voluntária que tem função cultural ocorrendo em um espaço definido (podendo ser rua, quadra, tela, palco etc.) e

¹³⁶ O autor ainda diz que capoeira é luta pela igualdade libertadora, pela fraternidade, enquanto Schroeder (2017) traz capoeira como arte-luta-dança-esporte-cultura-resistência.

¹³⁷ Zonzon (2014) associa a capoeira de modo complexo com elementos de luta, teatro, dança e gestualidade religiosa.

¹³⁸ Ribeiro (2008) e Costa (2007) corroboram com o pensamento que a capoeira foi ressignificada pelos negros no cenário escravagista em resposta à opressão e submissão.

¹³⁹ Essa mesma ideia é confirmada por Falcão, Silva e Acordi (2005, p.18).

¹⁴⁰ "Vista sob o enfoque de jogo, ela consegue atender a necessidade de fantasia, utopia, justiça, estética e, ainda, o gosto pelo inesperado, pelo imprevisível" (FALCÃO, 2004, p.154).

¹⁴¹ Kishimoto (2001) assegura que ele estimula a representação da realidade, tem dimensão material, cultural e técnica.

em um tempo determinado. Ainda no mesmo sentido, Rodrigues (1997) acrescenta que o jogo é fenômeno cultural e biológico, sendo constituído como atividade livre, alegre, que encerra um sentido, uma significação.

Através do jogo, podemos conhecer nossas experiências vividas que não são expressas pela linguagem; também desenvolver a sensibilização humana, criando possibilidades criativas de superação dos conflitos cotidianos; desenvolver aspectos cognitivos e pedagógicos, aguçando os sentidos (SILVA, 2008). Por isso, consideramos que o jogo é importante para possibilitar o desenvolvimento humano, contribuindo nos aspectos sociais, afetivos, motores e intelectuais, e não é um mero passatempo.

Na roda de capoeira, o jogo pode ser jogado por homem, menino e mulher; segundo Mestre Pastinha, a capoeira é uma dança/luta que aproxima diversas pessoas de inúmeros gostos, orientações sexuais, times, estilos, classes sociais, etnias, culturas, personalidades, credos religiosos, dentre outros. Na roda de capoeira, em alguns casos, os homens podem ser mais privilegiados na condução da roda, do canto, também na execução do jogo. Isso tem resquícios do passado, pois a capoeira era praticada, predominantemente, por homens. Com isso, em alguns, pode haver distinções com as mulheres e/ou com indivíduos que tenham limitações físicas, patologias; deficiências visuais, auditivas, físicas etc.; determinadas faixas etárias, dentre outros.

Com relação à luta, os autores e os autores ampliam as referências que superam a compreensão técnica, composta por ginga e movimentos/golpes de ataque e defesa. Machado corrobora que a luta "é também pela pluralidade, em respeito às diferenças, abarcando, portanto, pessoas das diversas identidades étnico-raciais, de gênero ou idade" (2012, p.89), também de nível de aprendizado, sendo possível jogar um com o outro, dentro da filosofia e ética (CONRADO, 2006 apud MIRANDA FILHO, 2008).

Retomando as concepções sobre a capoeira, de acordo com Conrado (2006) apud Miranda Filho (2008) afirma que ela é uma arte que foi gerada de danças e lutas dos povos africanos que influenciam nas formas dos indivíduos pensarem, comunicarem-se, agirem; assim como os europeus e os indígenas também deixaram marcas no seu surgimento. E hoje, essa manifestação corporal é um bem cultural praticado, acumulado, produzido e transmitido pela humanidade (COSTA, 2007), considerada um Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, praticada por diversas classes sociais, trazendo em seu bojo traços de plurietnia, resistência e transnacionalidade, denunciando, defendendo, impondo, libertando e preservando valores e códigos (FALCÃO, 2004).

Dito isso, reconhecemos que a capoeira pode ser entendida como jogo, luta, dança, comércio, religião, arte, filosofia, teatro, defesa pessoal, entretenimento, manifestação multifacetada que traz contribuições significativas para o processo de ensino e aprendizagem, o qual iremos debater em seguida.

4.3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO NAS DISSERTAÇÕES E TESES

A capoeira tem suscitado diversos estudos na área de conhecimento da Educação e outras áreas afins como: Ciências Sociais, Dança, Música, Antropologia, Artes Cênicas, dentre outras, demonstrando a transversalidade de aprendizados e ensinamentos possíveis na/da pequena roda que transcendem para a grande roda e vice-versa. Para compreender esses processos é preciso levar em consideração os limites e contornos, também a multiplicidade e diversidade dos trânsitos (FALCÃO, 2004).

Nesse sentido, traremos para a discussão os argumentos, as concepções, as contradições implícitas e explícitas nas alocações dos autores e das autoras das 19 produções científicas que se debruçaram sobre a educação e a capoeira. Consideraremos os processos da educação formal e não formal nesse contexto, as contribuições das cantigas, dos instrumentos, dos movimentos, da malícia, da mandinga, dos valores sociais, da ancestralidade, dos jogos, dos corpos que podem apontar caminhos (ou não) para a formação humana.

Notamos que os estudos se preocuparam em abordar demasiadamente os aspectos positivos dos aprendizados, contudo nossa função é refletir nos discursos implícitos e explícitos dos autores e das autoras, também (re)pensar nas contradições que estão presentes na pequena e grande roda, no seio das relações sociais, e assim trazer à tona para que seja possível haver conscientização dos sujeitos e superação das práticas pedagógicas. Segundo Brzezinski (2016) realizar pesquisa em educação precisa rejeitar atitudes de reprodução, deve incentivar a investigação para novas descobertas, desconstruir ideias consolidadas e suscitar a construção de novos conhecimentos.

A respeito da área de conhecimento da educação, já discorremos de forma mais consistente no segundo capítulo. Diante disso, Falcão descreve que “a educação é uma atividade mediadora entre sujeito e a sociedade” (2004, p.231), é algo dinâmico, um itinerário, que leva o sujeito de um lugar para o outro, isso pode ocorrer tanto no ensino formal quanto no não escolar (SCALDAFERRI, 2009), e ambos podem contribuir para a

formação do sujeito. Com isso, compreendemos que o aprendizado¹⁴² pode estar presente em qualquer espaço e momento na vida das pessoas (CANDUSSO, 2009).

Nesse intuito, não consideraremos saberes melhores ou superiores, nem privilegiaremos a escola como o único espaço de aprendizagem. É válido acrescentar que ela surgiu para manter as contradições e diferenças entre as classes operárias e burguesas, e persistem até a atualidade algumas dicotomias como mente e corpo, pensar e fazer, dentre outras (SILVA, 2008). Não podemos deixar de colocar algumas informações que são relevantes e que contextualizam a nossa fala.

Conrado (2006) fez uma discussão densa sobre o panorama da história da educação que se relaciona com o próprio surgimento da humanidade; consubstanciada em teóricos, trouxeram diversos contextos e fatos demonstrando a influência da religião, da fé e do poder; também as marcas expressivas da civilização européia para os métodos de ensino e os formatos das escolas. Gomes (2012) ainda comenta sobre alguns intelectuais vinculados às inovações escolares como John Dewey, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Florestan Fernandez, dentre outros, que fizeram parte do movimento Escola Nova, sendo (e são) importantes para a luta em prol da escola pública, gratuita e de qualidade, também por um espaço democrático, plural e que acolha as singularidade e experiências de cada sujeito, apontando as contradições existentes.

Para atender as demandas da sociedade e contribuir com a formação do sujeito crítico, autônomo, emancipado, faz-se imprescindível rever o projeto político pedagógico, a formação dos(as) professores(as), os conteúdos ensinados, o diálogo com a comunidade, as leis que regulamentam e avaliam o sistema escolar, os recursos destinados, o acesso aos serviços básicos, dentre outros, que interferem nesse processo. Isso depende de outras questões, talvez não seja interessante conscientizar os sujeitos dos seus direitos e nem de seus próprios mundos sociais (GOMES, 2012) frente aos processos históricos, econômicos, culturais e cotidianos, pois talvez seja melhor domesticá-los como mão-de-obra para o mercado, e assim reforçar o sistema capitalista e a composição sedimentada da mobilidade entre as classes sociais (SILVA JÚNIOR, 2010).

Por isso, Falcão (2004) nos alerta que o Estado pode reconhecer os direitos humanos e sociais conquistados pela sociedade civil ou também anulá-los (como aconteceu com a aprovação da Reforma Trabalhista, Lei da Terceirização, Proposta de Emenda à Constituição

¹⁴² Simson, Park e Fernandes (2007) reafirmam que o aprendizado ocorre para além das instituições educacionais, ou seja, escolas e universidades/faculdades.

55/2016, e posteriormente será a Reforma da Previdência) em prol do sistema capitalista que contribui para o aumento da desigualdade social, concedendo privilégios aos que detêm mais capital; a precarização dos serviços básicos como: saúde, educação, segurança e lazer; a alienação do sujeito que muito produz e pouco/nada usufrui o que foi produzido; dentre outros. Gallo (2016) expõe que a capoeira funciona como instrumento socializador e pedagógico, sendo carregada de valores humanos tão indispensáveis na sociedade capitalista.

Nesse sentido, nos pautamos numa educação libertadora, baseada em Paulo Freire, que permita aos sujeitos se expressarem corporalmente, trazendo suas subjetividades e objetividades em jogo, numa relação horizontalizada. Uma educação comprometida com as transformações sociais, com as necessidades pessoais e coletivas; insubmissa às premissas do sistema capitalista, que acolha as dificuldades e avanços de cada sujeito, que proporcione os mesmos aprendizados para todos e contribua com a produção do conhecimento e conscientização humana.

Dito isso, refletiremos sobre o processo de ensino e aprendizagem na capoeira, desde o seu surgimento até a década de 1930, que é marcado pelo aprendizado não formal e automático, acontecendo no próprio cotidiano por meio da “oitiva”¹⁴³. Posteriormente a esse período¹⁴⁴, com a institucionalização da capoeira passa a ter estilos de capoeira, metodologias de ensino, referência de educadores(as) e educandos(as) – mestres(as) e discípulos(as), recintos fechados para a sua prática, dentre outros aspectos já citados anteriormente. No entanto, houve várias tentativas de pedagogizar a capoeira, também citadas por Mello Coelho Neto, L.C., O.D.C., Aníbal Burlamaqui e Inezil Penna Marinho (FALCÃO, 2004).

Concordamos com o pensamento de Simson, Park e Fernandes ao dizer que “a **capoeira** abarca uma pluralidade temática e multidisciplinar froteiriça com outras **áreas de conhecimento** e perfis sociais, **filosóficos**, culturais, **artísticos**, escolares, **corporais**, de saúde, **musicais**, psicopedagógicos e **éticos**” (2007, p.22, **grifos nossos**). Dessa forma, mencionaremos as contribuições da capoeira no processo de ensino e aprendizagem nas diversas áreas aludidas anteriormente.

Nesse cenário, abordamos sobre as relações sociais entre educador(a)- mestre(as) e educando(a)- discípulo (a), as posturas e os deveres de cada um (a) diante do processo de ensino e aprendizagem. Gallo (2016) e Sousa (1998) expõem que os mestres transmitem os

¹⁴³ “Pode-se assim associar a aprendizagem por oitiva à aprendizagem in loco, presencial e/ou participativa. Ou, nos termos da antropologia dos sentidos, a oitiva diz respeito à sinergia das percepções” (ZONZON, 2014, p.85).

¹⁴⁴ Passa a existir escolas de capoeira (Regional e Angola), assim como métodos de ensino, organização de grupos, regras para o ritual, sistemas de hierarquias e divisões de funções (MACHADO, 2012).

fundamentos da capoeira, podem ser considerados ‘guardiões de memórias’. O respeito e a reverência aos ancestrais são perpetuadas por meio de contos, narrativas e cantigas; a educação se dá através de lições de vida (SILVA JÚNIOR, 2010). Cabe uma reflexão que os aprendizados nesse universo podem ocorrer de forma horizontalizada (o que muitas vezes não acontece¹⁴⁵) tantos os(as) mestres(as) quanto os(as) discípulos(as) podem aprender uns com os outros. No entanto, para isso ocorrer o(a) mestre(a) tem de ser maleável e flexível; precisa compreender o mundo variante das relações pedagógicas, valorizar as experiências do aluno, evitar a ação tecnicista (GOMES, 2012), entender-se como sujeito inacabado, ser humilde e eterno aprendiz.

Conrado (2006) apud Miranda Filho (2008) diz também que o educador precisa ter clareza dos seus atributos no entendimento da realidade, comprometimento político, competência teórico-prática e atitude profissional. Em muitos casos, os(as) mestres(as) preocupam-se com o aperfeiçoamento técnico, parte prática, e cada discípulo(a) busca o embasamento teórico; entendemos que este(a) é corresponsável¹⁴⁶ pelo seu conhecimento. Contudo, não estamos querendo culpabilizar os(as) mestres(as), mas sim refletir sobre a sociedade capitalista e desigual, na qual esses(as) sujeitos sociais contribuem com a divulgação da cultura, em sua maioria, e não conseguem ter no mínimo uma educação de qualidade, e apenas uma minoria completa uma graduação e/ou pós-graduação.

Mesmo diante de tais desafios, os(as) mestres(as) que transmitem o saber de maneira ‘orgânica’ pela convivência, veiculando técnicas corporais, valores e representações do passado (GALLO, 2016), através da oralidade nas aulas, nos toques dos instrumentos, nas gingas, nos golpes, nas cantigas, no ritual da roda “que acontece em presença, corporificada, por força da palavra, falada, mas também cantada ou simplesmente gestualizada” (MACHADO, 2012).

"Observa-se, no entanto, que o estilo nunca é totalmente pessoal, pelo simples fato de que o processo de aprendizagem se dá inicialmente por mimese e imitação dos mais velhos. Certas 'manias expressivas' passam de mestre a aluno, e que aquilo que aparentava ser idiossincrático, passa a ser marca registrada de um grupo" (ZONZON, 2007, p.56).

¹⁴⁵ É comum ter professores com posturas tradicionalistas e hegemônicas, utilizando ações abusivas e autoritárias, impedindo a construção de consciências críticas e autônomas (GOMES, 2012).

¹⁴⁶ Sousa (1998) diz que o aprendizado depende do aprendiz, em primeiro lugar; “a formação do capoeira percorre um longo caminho de aprendizagem” (SILVA JÚNIOR, 2010, p.53).

No tocante ao papel e à função da música¹⁴⁷ no aprendizado da capoeira, Silva Júnior (2010) assinala a importância das cantigas e rodas de conversa na rememoração dos acontecimentos, das ações e das práticas; na transmissão de valores e condutas, na manutenção da capoeira. Ponderamos que as cantigas podem também (re)produzir preconceitos, intolerâncias, estigmas por questões físicas, étnicas, religiosas, culturais, econômicas e de gênero. Nesse sentido, compreendemos a relevância da música que podem refletir posturas, falas e elementos do cotidiano e da capoeira.

Esta música, às vezes ambigualmente, funciona como meio educacional. Ela é usada como veículo de comunicação que leva a mensagem musical ao aluno, o qual deve interpretá-la e se educar, respeitando e acatando o que foi expresso pelo Mestre na letra da cantiga improvisada. Por conseguinte, a música dá conformidade às regras sociais e confere validade à filosofia da Capoeira, exercendo uma função educativa, e mantendo a estabilidade e a continuidade da cultura. Temos, ainda, o trabalho de expressão emocional dos cantadores, assim como também de alguns jogadores, que permitem envolvimento emocional (SOUSA, 1998, p.144-145).

A partir desse entendimento, podemos apreender que a aquisição de saberes e valores no universo musical se dá pela familiarização (ZONZON, 2007), que acontece através da transmissão oral, audição, observação e execução, mas para isso é preciso compreender a literatura oral da capoeira, que pode ajudar na composição (improvisação) das letras, das melodias e dos ritmos (SOUSA, 1998; GALLO, 2016). Esse aprendizado, geralmente, acontece espontaneamente, a partir do momento em que o(a) capoeira se dedica constantemente a essa luta/dança; através da vivência das cantigas, sejam quadras, ladainhas¹⁴⁸, chulas ou corridos, e assim amplia seus saberes.

O aprendizado musical depende da cultura, da motivação, da oportunidade, do treino e do feedbacks, considerado um dos fundamentos da capoeira (GALLO, 2016). As cantigas e os instrumentos desempenham um papel fundamental na cadência e na caracterização do jogo, que pode ser ora manhoso, “apertado”, ligeiro, floreado, solto, dentre outros. As cantigas mandam mensagens para o jogador (IBIDEM, 2016), influenciando na sua forma de jogar

¹⁴⁷ A musicalidade pode desenvolver fisiologicamente a fala, também a transmissão da cultura, posturas morais, afetivas e cívicas (SILVA, 2008).

¹⁴⁸ Candusso (2009) expressa no seu estudo que quem puxa o canto regula o jogo, manda recados, aspectos que não são delegados a qualquer pessoa.

com o(a) companheiro(a), juntamente com os instrumentos (berimbaus¹⁴⁹, agogô, reco-reco, atabaque e pandeiro) que funcionam em harmonia.

A forma de comunicação pode acontecer através dos olhares, dos berimbaus, sorrisos, além de outros meios, os quais ninguém fala, entretanto todos entendem (CANDUSSO, 2009). Na entonação das cantigas, os membranofones, o pandeiro e o atabaque, necessitam manter a pulsação e não sobressair o volume harmonioso dos berimbaus, enquanto os idiofones, agogô e reco-reco, reportam pouca intensidade sonora (SOUSA, 1998). Nesse sentido, na roda de capoeira em sintonia com as cantigas e os instrumentos, os corpos dos capoeiras expressam/refletem seus anseios, seus medos, suas dúvidas, suas alegrias, suas objetividades, seus golpes, suas gingas, suas comunicações corporais etc. que podem ser individuais ou coletivos.

A ênfase na dimensão pessoal do processo de aprendizagem e das dificuldades remete a uma sensibilidade individualista, no sentido de um modo de perceber o corpo isoladamente do mundo em volta. Tal apreensão do corpo é desafiada pela perda de marcos referenciais (espaciais) e identitários (desconhecimento do próprio corpo). Trata-se então, para o aprendiz de capoeira, de reconstruir novos mecanismos corporais sensitivos, guiado por um meio de aprendizado coletivo (ZONZON, 2007, p.46).

Assim, Machado (2012) nos chama a atenção que para aprender a capoeira é necessário utilizar vastamente a visão, a audição e o tato; também a intuição, uma atenção ‘multifocal’, pois na roda de capoeira a bateria (formada com os instrumentos), os cânticos e o companheiro/adversário estarão em sintonia com o jogo do(a) capoeira. Esse jogo se constitui numa oportunidade de aprendizagem (ZONZON, 2007), tanto para quem está em cena ou observando a trama dos(as) capoeiras que brincam, jogam, gingham, perguntam e respondem. Dessa forma, o jogo seduz; traz ensinamentos, experiências singulares, bem estar e prazer (ZONZON, 2014), também o desprazer, em alguns casos, quando não há a inclusão e o respeito às diferenças e pluralidades.

Nesse caso, como se daria o aprendizado para pessoas com deficiências, limitações físicas e transtornos mentais, dentre outros aspectos plurais? Para responder a esta pergunta, elegemos algumas questões que poderiam colaborar na inclusão dessas pessoas como: excluir

¹⁴⁹ Já comentamos sobre os três tipos de berimbaus como: gunga, médio e viola que desempenham toques, sonoridades e funcionalidades diferentes (específicos da Capoeira Angola, pois na Capoeira Regional, utiliza-se apenas um berimbau, geralmente o médio).

as barreiras arquitetônicas na sociedade, aumentar as políticas públicas de inclusão, capacitar os(as) mestres(as) e professores(as) dos diversos espaços (in)formais e conscientizar a população. Encontramos apenas a dissertação de Silva (2008) que versou sobre o trabalho com pessoas cegas¹⁵⁰, trazendo os possíveis aprendizados na capoeira que extrapolavam para a vida cotidiana como: a forma das pessoas cegas significarem os objetos e as situações, a edificação de uma sociedade mais humana e capaz de dialogar com elas, o fortalecimento de aceitação das diferenças; o desenvolvimento de situações multisensoriais de aprendizagem, do cuidado de si, da motricidade, da percepção sensorial, da coordenação motora fina, dentre outros.

Silva (2008) discorre sobre as possibilidades de aprendizado que podem depender da fase de maturação, ocorrer simultaneamente ao desenvolvimento ou depender do desenvolvimento (maturação), ressalta ainda a importância do auxílio de uma pessoa (Zona de Desenvolvimento Proximal) nesse processo, que se dá espontaneamente, sem tempo/espço definido. Segundo Zonzon (2007) o tempo é objeto central de transformação, supõe paciência e persistência; na pequena roda, o(a) capoeira pode desprender-se da vida corriqueira, atenta-se (ou não) ao jogo que pode durar alguns segundos ou minutos. O jogo pode ser competitivo, cooperativo, dinâmico, monótono, rápido, lento, malicioso, divertido, agressivo, espetacularizado, egoísta, dialógico, dentre outros.

O jogo da capoeira ensina e reflete as formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Assim, os ensinamentos da capoeira estão intimamente ligados ao processo de formação humana dos sujeitos, estimulando a constante auto-reflexão e autoavaliação sobre, por exemplo, a relação com nossa família, com a(s) comunidade(s) a que pertencemos (de capoeiristas ou não), com nossa sociedade, com a humanidade, com o planeta, consigo mesmo. O compromisso que aprendemos a ter com nosso(a) camarada de grupo, ou com os(as) mais velhos(as), precisamos aprender a ter conosco, em primeiro lugar. Aprendemos a ampliar nosso olhar sobre as coisas, sobre cada situação, sobre a vida e o mundo (MACHADO, 2012, p.66).

Dessa forma, ressaltamos os valores sociais que estão presentes nesse processo de jogo, nas aulas e nas rodas, também influenciando/influenciado(a) pelo cotidiano. Através do potente instrumento de educação e integração social, da capoeira, é possível viver em harmonia, independente da cor da pele ou origem social; lidar com o outro e suas diferenças;

¹⁵⁰ Silva (2008) discorre sobre a definição de cego, baixa visão, limitação visual, impedimento visual e percepção visual.

ser tolerante, melhorar a autoconfiança (SILVA, 2008); a disciplina, o carinho, a segurança, a autoconfiança, o respeito (CAMPOS, 2006 apud MIRANDA FILHO, 2008); ser solidário, paciente, protagonista de sua história, emancipado, mandingueiro, sensível; aprender as regras implícitas e explícitas; ter bom senso. Isso não quer dizer que deixará de existir a perversidade, o egoísmo, o preconceito, a intolerância, a injustiça, a brutalidade no universo da capoeira.

Candusso (2009) aponta os valores civilizatórios afro-brasileiros que estão presentes na pequena e grande roda como: a ancestralidade, a religiosidade, a energia vital (axé), a oralidade, a memória, a musicalidade, a corporeidade, a ludicidade, a circularidade e o comunitarismo que são ensinados através das diversas linguagens musicais, verbais, corporais e aurais; constituindo as regras, as normas e o código de ética. A autora ainda nos explica que:

Na circularidade e no comunitarismo, a música coloca as pessoas no círculo, tornando todos iguais, equilibrando as diferenças, unindo-as. Estes valores propiciam a formação humana, a educação. Na corporeidade e ludicidade, a música influencia o jogo dos movimentos e é produzida através do corpo e seus movimentos; no corpo e no movimento é registrada a história da capoeira, a sua memória. Na oralidade, ancestralidade e memória é construída a identidade coletiva, registrando épocas passadas e tornando-as presentes, atuais. Através da energia vital (axé) e da religiosidade, se estabelece aquela magia, aquele sentimento de catarse coletiva que é a roda de capoeira (2009, p.182).

É digno de nota que o estudioso Pedro Abib já explanou nas suas inúmeras produções sobre os elementos da ancestralidade, da oralidade, da tradição e da memória que estão presentes na Capoeira Angola. Percebemos que muitos autores (as) se debruçaram sobre este estilo, dentre eles (as): Gallo (2016), Candusso (2009), Schroeder (2017) Scaldaferrri (2009), Gomes (2012), Machado (2012), Conrado (2006), Zonzon (2007; 2014), Ribeiro (2008). Paradoxalmente, a Capoeira Regional foi estudada por Campos (2006) e Zonzon (2014). Nosso foco não é tecer juízo de valor, nem apontar qual estilo é melhor ou pior, pois compreendemos que os dois estilos têm suas particularidades, suas metodologias, seus fundamentos e suas contradições.

Expomos os diversos discursos que ora convergem e completam a ideia de que a capoeira angola é o espaço mais privilegiado dos inúmeros aprendizados, ora trazem suas divergências que destoam da perspectiva homogênea desse saber ancestral. A respeito da capoeira angola, Gallo (2016) afirma que a música agrega valores de hierarquia e

pertencimento no ritual da roda de capoeira; o corpo é considerado como um todo e todos os sentidos são valorizados (CANDUSSO, 2009). Esse estilo possibilita a formação dos indivíduos mais seguros de si, fortalece a identidade, reconhece as diferenças, coletividade, espaço de visibilidade (SCALDAFERRI, 2009), representa um universo de simbologias e saberes transversais (SCHROEDER, 2017). A aprendizagem na capoeira angola não se limita às situações de aula ou treino, mas passa pelo envolvimento dos aprendizes nesse universo (MACHADO, 2012).

Estabelecer vinculação entre capoeira angola e cinesfera em mediações educacionais busca contribuir para a construção de um entendimento de espaço no qual as relações humanas políticas, sociais, históricas, afetivas, artísticas estão imbricadas, criando o que se denomina de espacialidade (GOMES, 2012, p.38).

Diante de tais informações sobre a capoeira angola, ressaltamos que existem diversas linhagens, mestres (as), metodologias de ensino, que se preocupam apenas em ganhar novos adeptos, expandirem seus trabalhos, terem visibilidades, e assim transformarem a capoeira em mercadoria, tentando adestrar os (as) discípulos com suas filosofias, suas inovações e seus autoritarismos. Machado (2012), inclusive aponta que existem muitos grupos que se preocupam com a estética, os movimentos corporais, além de terem atitudes competitivas reforçando as diversas ambiguidades das relações sociais no processo de ensino e aprendizagem que emanam das grandes para pequenas rodas (vice-versa), tanto na capoeira angola quanto na regional.

Ao considerar elementos dos aspectos ritualísticos no universo dessa luta/dança, é importante discorrer sobre a mandinga¹⁵¹, que vem da palavra mandigo, que significava feiticeiro; na contemporaneidade, tem relação com a esperteza, ser atento, não se enganar com a aparência, ludibriar etc. Dias (2004) aponta na sua dissertação que se pode exemplificar a mandinga do(a) capoeira na execução da rasteira e cabeçada quando o(a) adversário(a) está distraído(a), Silva Júnior também traz momentos em que

A mandinga se revela nos pequenos detalhes, no sorriso maldoso, no cambalear, induzindo o outro a pensar que se está embriagado, no passar a mão no rosto induzindo supor que o golpe machucou, mesmo sem ter

¹⁵¹ Ainda sobre isso, Ribeiro (2008) comenta que "é na mandinga que está a teatralidade inerente à própria história da capoeira que se transformou em jogo para esconder seu caráter de luta. Capacidade de representação que virou ingrediente determinante da própria luta, cujo vencedor é aquele que domina os fundamentos da capoeira e que sabe ludibriar, iludir o adversário" (p.67).

chegado perto, no aperto de mão mais demorado, na chamada, na chacota, na brincadeira que muda o sentido e o significado das coisas (2010, p.42-43).

É digno de nota que a capoeira é capaz de alterar as formas de ver e conhecer o mundo, apreendendo o olhar malicioso, desenvolvendo saberes corporais e uma sabedoria de vida (ZONZON, 2014). A referida autora ainda defende que ter malícia, experiência e sabedoria pode significar a mesma coisa na capoeira; adicionamos que ter malícia é saber fingir, falar através do corpo sem oralizar, sorrir para não chorar, dentre outros.

Nessa literatura, malícia, mandinga, maldade, traição, malandragem, manha e perversidade são termos que se cotejam, vinculados em relações semânticas de sinonímia ou tendo funções anafóricas. Esses substantivos reforçam ou substituem-se uns aos outros, dentro de um mesmo campo semântico, esboçando uma representação dessa indefinível qualidade (ZONZON, 2014, p.42).

A ritualidade se atém a manter a tradição na realização do ritual que acontece no ‘aqui e agora’; a comunidade faz os nexos entre a pequena e grande roda, aprendendo os fundamentos para agir no mundo ‘daqui para frente’, nisso passado, presente e futuro estão conectados, na dinamicidade e circularidade (MACHADO, 2012). Os capoeiras compartilham suas visões de mundo e experiências de vida, através dos corpos e dos discursos que funcionam como veículo da formação do sujeito histórico nas relações sociais e cotidianas (SCHROEDER, 2017).

Compõe também o ritual da capoeira, a ginga que pode ser mais leve ou rígida, com os membros inferiores mais agachados ou elevados, membros superiores mais baixos ou suspensos (variando entre a altura do tórax, dos ombros ou do rosto), troncos eretos ou encolhidos. Com isso, almejamos pronunciar que há distintas formas de gingar, tendo influências do grupo, da linhagem, do mestre e da individualidade de cada pessoa. Em consonância com Schroeder (2017) através da ginga o corpo liberta sua expressividade, interage com o companheiro de jogo e desenvolve o diálogo corporal conhecido como jogo de capoeira.

Esse jogo entre os capoeiras, além de ter a ginga e os inúmeros golpes como: esquiva, negativa, armada, queixada, banda, bênção, aú, rolê, martelo, meia lua de compasso, meia lua

de frente, galopante, cutia, chapa, tesoura, elástico¹⁵² e muitos outros, podendo ter elementos improvisados, artísticos, cênicos, coreografados¹⁵³, estéticos, combativos etc. devem funcionar em sintonia com os instrumentos (berimbau, agogô, pandeiro, reco-reco, atabaque) e as cantigas (quadra, ladainha, corrido e chula), caracterizando o ritual da capoeira, já aprofundamos sobre as especificidades do ritual da capoeira angola e regional no segundo capítulo.

No tocante aos aspectos teatrais¹⁵⁴ e coreográficos¹⁵⁵, Ribeiro (2008) disserta que a arte de iludir (mandinga), instrumento de criação e subversão de ideologias, utilizar a artimanha para sair de uma situação limite, caracterizam a função do ator, que traz elementos como o humor e a ironia. A roda de capoeira pode se constituir a plateia, enquanto os jogadores que estão em cena podem ser os atores e as atrizes; nesse espetáculo não há ensaio, por mais que se treine, geralmente, a cena (o jogo) não se repete. “Tudo pode acontecer diante de um novo parceiro e daquela plateia. Sem representação, há o próprio ator, encenando a si mesmo em suas inúmeras versões porque no espaço da roda ele descobre possibilidades de si mesmo que nem mesmo conhecia” (IBIDEM p.66).

Um tempo único que nunca se repetirá e que é individualizado, onde cada ator tem o seu momento para aprender e ensinar, de chorar e sorrir. Tal capacidade está relacionada aos tantos outros tempos, dos demais atores do grupo, permitindo a comunicação de todos os envolvidos (SILVA JÚNIOR, 2010, p.61).

Diante disso, compreendemos que em cada apresentação há novos cenários (abertos ou fechados), capoeiras (ou não); diversas possibilidades de golpes, chamadas¹⁵⁶ da Capoeira Angola, floreios, cantigas, artimanhas; o tempo de duração depende da orquestra (especialmente de quem toca o gunga) e dos (as) capoeiras que estão observando, aprendendo, se divertindo, ou seja, compondo a plateia, que pode roubar e seduzir a performance do

¹⁵² Movimento de defesa criado pelo Mestre Alabama (Grupo Nação Capoeira).

¹⁵³ Zonzon (2007) assegura que a coreografia, variação de ginga, é composta de improvisações, mudanças repentinas, faz-se interessante na inovação criativa, pois repetir os mesmos movimentos deixa a pessoa vulnerável para o adversário.

¹⁵⁴ A dissertação de Evani Tavares Lima (2002) e Mateus Schimith Batista (2013) também tratam dos campos da capoeira e do teatro.

¹⁵⁵ A dissertação de Cottrell (2007) aborda sobre os aspectos estéticos e criativos da capoeira e do samba-reggae.

¹⁵⁶ “O termo, chamada, tem duas concepções diferentes que não podem ser confundidas: uma se refere ao ritmo e a outra à dança. Quando utilizado em relação à dança, se refere ao movimento em que um dos jogadores convida o companheiro a ficar perto dele, encostando as mãos nas mãos do companheiro, as mãos nos ombros do companheiro ou a cabeça na barriga do companheiro. Existem diversos tipos de chamadas e com diferentes movimentações. Pode ser executada para enfeitar o jogo, com o objetivo de descansar ou até para preparar uma armadilha” (LARRAÍN, 2005, p.123).

jogador, que está atento a tudo dentro da roda, ao companheiro, à música, aos participantes que formam o círculo e participam respondendo ao corpo e aos chamados do berimbau (RIBEIRO, 2008).

O espetáculo (jogo) exige dos atores e das atrizes força muscular, flexibilidade, resistência muscular, agilidade, condicionamento cardiovascular, equilíbrio, noção de tempo/espço, coordenação motora, dentre outras habilidades corporais, funções vitais adequadas etc. que pouco tem ênfase nas produções científicas. Nesse sentido, fazem-se imprescindíveis estudos que tratem de aspectos psicológicos, fisiológicos, biológicos, laborais, dentre outros, que envolvam o universo da capoeira na área da saúde, assim como em letras e artes. A respeito disso, Ribeiro aponta que:

A reorganização do corpo que a capoeira exige, sua inversão, o desenvolvimento da força principalmente nos braços e a leveza das pernas, a aquisição de um eixo que envolve coluna e quadril, o desenvolvimento de musculatura na parte superior das pernas que garantem uma menor sobrecarga sobre os joelhos, já que o capoeirista está o tempo inteiro na posição de 'cavalo' ou abaixado. Aí está a aquisição de uma técnica que faz parte da capoeira, mas que não resume a capoeira (2008, p.64).

Trazemos para o diálogo a contribuição da dança na capoeira (vice-versa); Gomes (2012) ressaltou a possibilidade de improvisação e atitude criativa. O autor ainda nos diz que há uma falta significativa de pesquisa de capoeira angola associada à dança em sua relação com o corpo, movimento e espaço. Nesse sentido, aproveitamos para ressaltar que há algumas produções científicas em torno da dança e capoeira na UFBA, concretizadas por Santana (2003), Conrado (2006), Larraín (2005), Santana (2009), Batista (2013) e Amorim (2017), porém nem todas as pesquisas estão disponíveis no Repositório Institucional, no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, e na biblioteca da UFBA; o que é maléfico para o(a) pesquisador(a) que necessita de um suporte teórico, sem ponderar que é desperdiçado dinheiro público.

Santana (2009) aborda no seu estudo que os padrões de movimentos na capoeira contribuem na inovação de passos e no vocabulário de movimentos das técnicas tradicionais de dança. Foi possível identificar outras contribuições da dança para a capoeira como: mostra de aspectos da vida, do cotidiano, dos costumes, da história do povo, de formas de poder

(CONRADO, 2006), da expressividade corporal que pode denunciar¹⁵⁷ os problemas sociais, libertar de padrões impostos pela sociedade, atrair as pessoas, demonstrar levezas e artimanhas para lidar com os conflitos, as emoções, os pensamentos, as questões ambientais, dentre outros, da pequena e grande roda.

O uso da espacialidade com a qual pretendemos relacionar a capoeira na dança, para a recriação interdisciplinar, assim como para a multiplicidade através das interfaces em busca de outros lugares, pessoas, momentos, deverá redimensionar o espaço anteriormente limitado, que vinha priorizando o físico (GOMES, 2012, p.55).

Por meio da capoeira pode-se colaborar com a sustentabilidade ambiental, Conrado (2006) adverte ser possível respeitar a natureza, a pessoa, na expressão da religiosidade, e isso pode ser visto na retirada da cabaça, do coité¹⁵⁸, da biriba, das sementes que inspiram os ritmos, as coreografias, os golpes e os movimentos, a observação dos animais. Schroeder (2017) diz que as práticas ambientais também são práticas políticas que podem fortalecer as práticas culturais. Nos grupos e nas academias de capoeira, os (as) discípulos (as) podem ter funções de zelar pela limpeza dos espaços, os quais acontecem os treinos e as rodas, pelos instrumentos e outros utensílios que podem ser fabricados pelos (as) mestres(as) e diversos(as) capoeiras.

Por exemplo, para fabricar um berimbau é preciso ter a madeira, e geralmente utiliza-se a biriba (extraída das matas), mas é necessário tirar a casca, limpar e lixar (em alguns casos envernizar, pintar e/ou queimar para fazer desenhos), fazer o pé do berimbau e apregoar o couro com tarraxa ou prego na parte superior; a cabaça que tem várias serventias (proveniente das plantações) precisa ser cortada para retirar as sementes e limpar; o aço geralmente retirado dos pneus necessita ser cortado e limpado; enfim, utiliza-se também a baqueta, a pedra e o cacixi; também se pode fabricar o atabaque, o pandeiro, o agogô e o reco-reco.

Com isso, o que queremos ressaltar é que os capoeiras podem também ser artesãos e tirarem os seus sustentos através desses instrumentos, faz-se necessária a conscientização e o cuidado com as questões ambientais, os quais são tão afetados (explorados) diante do sistema capitalista. A preservação do ambiente pode estar associada também com a preservação e manutenção das culturas, das religiões de matrizes africanas que há ligação com a força vital (axé), dos saberes ancestrais, das práticas corporais e da própria existência humana.

¹⁵⁷ Schroeder (2017) diz que é possível espaço de múltiplas vozes e atores na roda da vida.

¹⁵⁸ O coité ou cuité é o mesmo que cabaça.

Os aprendizados, as lutas/ danças, as conexões, as relações sociais, as percepções, os sentimentos, as fabricações de instrumentos, os cuidados com as questões ambientais, os jogos, os cânticos, os rituais e todos os aprendizados e as vivências que envolvem a pequena e grande roda acontece por meio do corpo. Machado nos traz que “corpo, mente e, ainda, espírito são partes de um mesmo “sistema”, interdependente e integrado. O corpo traz, em si, uma sabedoria, advinda da experiência vivida corporalmente”, lugar do sagrado e das forças vitais (2012, p.24). O corpo (a cinesfera) que também é político, social, cultural, ancestral, dentre outros, Schroeder assegura que:

Este corpo que são muitos, representando a coletividade dos que se unem sob os fundamentos da filosofia dessa expressão cultural, representa um corpo que luta, na roda de capoeira e na roda da vida; um corpo expressão, de liberdade e de identidades antes desestruturadas pela supremacia econômica e racial; corpo natureza, morada da ancestralidade, composto de elementos sagrados que nos unem a terra; corpo conhecimento, que faz da(o) capoeirista música(o), brincante, historiadora(o), aprendiz; e, por fim, um corpo criança, que nos faz pôr as mãos no chão, ficar de pernas para o ar e voltar a sorrir, desarmando o sistema e recuperando a ludicidade tanto de jogar como de viver" (2017, p.45).

Diante disso, pensamos ser necessário que o (a) capoeira movimente-se na sua inteireza na pequena e grande roda, “estender a noção de corpo além de um mero mecanismo fisiológico movido pelos nervos e músculos" (ZONZON, 2007, p.42). Também, sem fragmentações de corpo e mente, luta e dança, teoria e prática; levando em consideração o cuidado individual, coletivo e com a Natureza, aprendendo com a diversidade, gingando diante dos desafios e complexidades da vida, do conhecimento e dos saberes (MACHADO, 2012).

Dessa forma, a capoeira se constitui um espaço amplo de convivência, aprendizados, tentativas, pluralidades, ludicidades; expressões corporais, musicais, artísticas, cênicas que contribuem também numa perspectiva histórica e no enfrentamento das dificuldades da realidade social (MIRANDA FILHO, 2008). "Ela se manifesta obscura, incerta, opaca, ambígua e contraditória; encaixando-se e desencaixando-se das fronteiras identitárias, sejam elas raciais, étnicas ou de nação" (FALCÃO, 2004, p.93).

Com isso, corroboramos que é preciso investigações sobre os processos pedagógicos de transmissão do conhecimento com relação às pessoas com necessidades especiais, aos povos do campo, à participação dos militantes de outras religiões e à diversidade sexual

(MIRANDA FILHO, 2008), em especial categorias como capoeira, relações de gênero e história social, reconhecendo a invisibilidade e discriminação de categorias sociais, como as mulheres (CONRADO, 2006 apud MIRANDA FILHO, 2008). A partir dessa necessidade e lacuna na literatura, no segundo capítulo, discorreremos densamente sobre o protagonismo das mulheres na produção científica sobre capoeira.

No tocante à capoeira no ensino formal, especificamente como componente curricular na educação infantil, Silva Junior (2010) assinala que a capoeira pode funcionar como instrumento de dominação a serviço da escola ou contra as estruturas sociais, assim como nos outros espaços não formais. Amorim (2017) diz que é possível contar histórias, aprender e ouvir canções, utilizar brincadeiras, despertar a convivência com outras pessoas e outros objetos. A capoeira pode ser ensinada nas escolas por professores (as) de Educação Física, Música, História, Artes, Dança, dentre outras áreas afins. Todas as contribuições que foram relatadas anteriormente podem ser aplicadas à realidade do ensino infantil; com isso apresentaremos algumas particularidades, Amorim acrescenta que:

“A atuação profissional com o conhecimento capoeira na educação infantil é constituída de uma série de aspectos que transpassam pela visão de mundo, de sociedade, concepção de educação, do significado do processo ensino-aprendizagem atrelado ao conhecimento sobre liderança, a lógica do jogo, métodos de ensino e avaliação da aprendizagem” (2017, p.43).

A capoeira no ensino infantil, geralmente, leva em consideração as faixas etárias que exigem outras metodologias de ensino, trazendo as brincadeiras e os jogos para proporcionar diversão¹⁵⁹ e aprendizado com os elementos da capoeira. Amorim (2007) no seu estudo trouxe propostas de aulas mais interativas por meio de paródias e parlendas que podem ser utilizadas e adaptadas a outras realidades, abordando as dimensões procedimentais, atitudinais e conceituais em cada atividade realizada, o que fornece perspectivas do que será ensinado, como será ensinado e o que se pretende alcançar a curto, médio e longo prazo.

Em alguns casos, a capoeira está presente nas escolas em datas específicas como na semana do folclore (SILVA JÚNIOR, 2010), no dia do índio e da consciência negra, isso não contribui de forma significativa para mudanças de comportamentos, nem valorização efetiva da cultura (AMORIM, 2017). Existem outros aspectos que não fortalecem a inserção e permanência da capoeira nas escolas como: falta de espaço adequado para a prática, falta de

¹⁵⁹ Silva Júnior (2010) aponta também a necessidade de a capoeira na escola ser tratada de forma mais lúdica.

instrumentos, aulas repetitivas, distância da comunidade, dentre outros, também vistos em outros espaços formativos. Com relação aos seus benefícios, a autora afirma que:

As formas de comunicação por meio do processo de sensibilização musical potencializam as formas de interação provenientes do que se emana do jogo da capoeira onde o toque dos instrumentos, as escutas sensíveis aos chamados dos professores em posterior resposta sensório-motora se potencializam tanto na dimensão do aprender a tocar os instrumentos quanto à dimensão do dançar/jogando e jogar/dançando a partir do toque dos instrumentos (2017, p.61).

O processo de aprendizagem extrapola os movimentos corporais (ginga, golpes e floreios), as percepções, os olhares, as habilidades físicas (coordenação, equilíbrio, força, resistência, flexibilidade, reorganização corporal e agilidade), exige domínio dos movimentos, consciência, empoderamento identidade e desenvolvimento político. Ela interfere nos processos biológicos e fisiológicos, nos impulsos nervosos, nos sentimentos, nos músculos, nas articulações, nos tendões, nossos ossos, nos sistemas, no controle das expressões. A capoeira pode refletir as posturas autoritárias, centralizadoras, ditadoras, opressoras, hierarquizadas, verticalizadas que são fruto do processo de colonização, também do sistema capitalista.

Diante da análise dos estudos científicos sobre a capoeira e educação, notamos as inúmeras contribuições dessa manifestação cultural para a formação do sujeito emancipado, também para a ampliação do conhecimento; a aquisição de postura crítica; inúmeros valores como: autoconfiança, liberdade, respeito, solidariedade, paciência etc.; as valências físicas como: equilíbrio, coordenação motora, flexibilidade, resistência, força, dentre outras. A capoeira pode colaborar com o zelo com o meio ambiente para manutenção das práticas culturais e religiosas; também para obter a malícia, manha, malandragem e mandinga importante para vencer os obstáculos da vida. A relevância da musicalidade, tanto cantigas e instrumentos, possibilitando a rememoração ao passado, transmitindo à tradição e os saberes, dando à continuidade a cultura, caracterizando e dando cadência ao jogo. Em suma, por meio da dança e artes cênicas é possível ser mais criativo e expressivo; também ter uma melhor compreensão da história, realizando uma leitura de mundo, dentre tantas outras possibilidades e aprendizagens que acontecem da pequena para grande roda (vice-versa).

5. “ADEUS, ADEUS. BOA VIAGEM”

O nosso jogo que tratou sobre a capoeira, produção do conhecimento e educação, iniciou-se formalmente em 2016, surgiu de interesses pessoais e coletivos, que não se encerram com essa produção. Para trazer as considerações finais, levamos em conta as vivências e (re) leituras na graduação, pós-graduação; nos diversos grupos de capoeira, postos de saúde, museus; nas ruas, praças, escolas, universidades, faculdades, em tantos outros lugares; nos quais participamos de seminários, congressos, cursos, palestras; apresentamos trabalhos, conduzimos oficinas; aprendemos com os(as) mestres(as) e com diversos(as) capoeiras do Brasil e Exterior. Esse jogo se deu de várias formas, por vezes gingamos, tocamos, cantamos, ouvimos os ensinamentos dos e das mais experientes, analisamos a diversidade de produção científica sobre a capoeira na UFBA e UNEB.

Em toda roda de capoeira é preciso ter os (as) capoeiras para jogar, no nosso caso para avaliar e orientar o nosso relatório de pesquisa, também para compreender a malícia e a mandinga na forma de fazer as sínteses, apontando os resultados e sendo críticos diante das informações. O jogo (com as palavras e leituras), inicialmente, se deu descompassado, em meio a tantas leituras de livros, dissertações, teses, artigos científicos, jornais; também o contato com diversos (as) filmes de curta e longa metragem, obras de arte (pinturas e esculturas), cantigas; mensagens, fotografias e vídeos nas redes sociais; pois não tínhamos compreendido o ritmo da bateria (banca examinadora). Com o passar do tempo, fomos adentrando nas orientações, aos pareceres e as sugestões dos(as) velhos(as) mestres(as) voltamos ao jogo, gingamos com todas as informações e nexos, respondemos a chamada (a pergunta de investigação), atacamos e nos defendemos com embasamento teórico.

Com isso, expomos uma revisão da literatura a respeito dos aspectos históricos, culturais e educativos da capoeira, trazendo nossas contribuições na sistematização de 18 escritores, artistas plásticos (Mario Cravo Júnior, Aldemir Martins, Hector Julio Páride Barnabó (Carybé), Moritz Rugendas e Jean Baptiste Debret), produções cinematográficas (27 filmes de curta e longa metragem) e ordenamento legal (Lei n. 2.858/2008; Lei n. 12.288/2010; Constituição Federal de 1988; Lei n.12.288/2010; Lei n. 13.182/2014 e Lei n. 2.858/2008) sobre a capoeira que ainda precisam ser discutidos de forma mais consistente nas pesquisas científicas.

Também discorremos sobre o protagonismo da mulher nas produções científicas, a partir das referências das dissertações e teses que encontramos sobre capoeira e gênero na

UFBA e UNEB, notamos que tinha apenas 14 (3%) estudos de um universo de 409 fontes (livros, artigos, dissertações, teses, CDs e DVDs). Isso demonstrou que ainda é ínfima a discussão sobre a mulher na capoeira, apesar de ser recorrente a sua inserção e permanência desde 1980. Essa lacuna do estudo nos mobilizou a realizar o mapeamento de mestras de capoeira, podemos inferir que há 127 mestras de capoeira do Brasil e Exterior, sendo registradas 32 mestras na Bahia, 26 no Rio de Janeiro, 16 em São Paulo, 12 no Ceará, 9 em Minas Gerais, 5 em Pernambuco, 4 no Espírito Santo, 3 no Rio Grande do Sul, 3 no Distrito Federal, 3 no Rio Grande do Norte, 3 no Pará, 2 no Paraná, 2 em Santa Catarina, 1 no Maranhão, 1 em Piauí e 1 em Góias. No Exterior, foram mapeadas 5 mestras nos Estados Unidos, na Itália, na França e na Áustria. Contudo, faz-se necessário novos estudos que protagonizem suas histórias e biografias.

Exibimos também as gingas metodológicas para responder a pergunta de investigação e os objetivos específicos, a partir do levantamento bibliográfico, especificamente estado do conhecimento, encontramos 48 produções científicas, nos Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, da UFBA e UNEB, que versaram sobre a capoeira, defendidas entre 1998 e 2017. Na UFBA, encontramos um quantitativo maior, 33 dissertações e 12 teses, totalizando 45 produções científicas em 12 programas de pós-graduação dos 79 que existem. Já na UNEB, localizamos apenas 3 dissertações em dois programas dos 16 que existem na Bahia.

Assim, as 48 produções científicas foram acolhidas em 14 Programas de Pós-Graduação: em Antropologia (PPGA); em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU); em Ciências Sociais (PPGCS); em Cultura e Sociedade (POSCULTURA); em Crítica Cultural (PÓS-CULTURA); em Dança (PPGDANCA); de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS); Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento; em Educação (PPGE); em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC); em Estudos Étnicos e Africanos (POS-AFRO); em História (PPGH) e em Música (PPGMUS). Observamos que houve um predomínio de estudos científicos sobre capoeira na área de Ciências Humanas, em seguida na área de Linguística, Letras e Artes, com menor predominâncias em Ciências Exatas da Natureza e Sociais Aplicadas.

A partir do panorama dos Programas de Pós-Graduação da UFBA e UNEB, *stricto sensu*, observamos que a discussão da capoeira também poderia ser acolhida por outros programas como: Administração (NPGA); Comunicação e Cultura Contemporânea (POSCOM); Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PMECLIP); Ciências da Saúde (PPGCS); Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA); Educação de Jovens e Adultos (MPEJA); Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

(PPGNEIM); História Regional e Local (PPGHIS); História, Cultura e Práticas Sociais; Língua e Cultura (PPGLINC); Literatura e Cultura (PPGLITCULT); Museologia (PPGMUSEU); Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSAT); Psicologia (PPGPSI); Relações Internacionais (PPGRI); em Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSAT) e em Saúde Coletiva.

Outra informação destacada foi com relação às características acadêmico-profissionais dos autores e das autoras das 48 produções sobre capoeira; de acordo com o *currículo lattes*, a maioria deles(as) concluíram suas graduações em Educação Física, em menor proporção em Artes Cênicas, Educação Artística, Música, Comunicação Social e Audiovisual, Dança, História, Letras, Ciências Sociais, Pedagogia, Nutrição, Ciências Biológicas, Desenho, Jornalismo, Museologia, Turismo e Hotelaria. A maioria dos(as) autores(as), cursaram as graduações em diversas universidades públicas da Bahia, de Santa Catarina, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e do Paraná; tendo uma minoria que estudaram em faculdades particulares em Salvador e outras instituições fora do Brasil.

Na contemporaneidade, segundo o *currículo lattes*, os(as) autores(as) são professores(as) de diversas universidades públicas dos estados da Bahia, Pará, Goiás, Pernambuco e Tocantins; também lecionam em faculdades particulares, projetos sociais; servidores(as) municipais e estaduais, deixando evidente a importância do mestrado e doutorado para o seguimento da carreira acadêmica e profissional. Notamos que apenas 21 autores e autoras organizaram/publicaram com a temática da capoeira e outras diversas, apenas 11 transformaram suas produções científicas (dissertações e teses) no formato de livros, os/as autores/as que mais publicaram livros foram: Hélio Campos, José Falcão, Franciane Figueiredo e Jean Silva.

Ao analisar as referências das dissertações e teses sobre capoeira da UFBA e UNEB, encontramos uma diversidade de textos (obras), totalizando 409, escritas por 216 autores e autoras (títulos bibliográficos). Os autores e autoras que tiveram suas obras citadas mais de quinze vezes nas dissertações e teses da UFBA e UNEB foram: REGO, W.; PASTINHA, V.; REIS, L.; ABIB, P.; COUTINHO, D.; SOARES, C.; ABREU, F.; DECÂNIO FILHO, A.; e DIAS, A.; confirmando assim o que José Falcão (2004) apontou na sua tese sobre os clássicos da capoeira.

A nossa discussão mais densa girou em torno de 19 dissertações e teses da UFBA e UNEB que entrecruzaram a capoeira e a educação, sendo nosso foco principal. Essas produções científicas estavam vinculadas aos Programas de Pós-Graduação de Educação, Ciências Sociais, Artes Cênicas, Música e Dança. A maioria dos autores e das autoras é pertencente a diversos grupos de capoeira, reconhecemos cinco mestres (Xaréu, Pangolim,

Falcão, Zambi e Soldado), duas professoras (Sara e Alexandra), muitas capoeiristas e alguns aspirantes dessa manifestação cultural. Observamos que alguns (as) autores (as) não relataram seus motivos e suas justificativas em pesquisar sobre a capoeira, não deixando evidente a implicação do pesquisador(a) com a temática.

É importante dizer que as produções científicas trouxeram de forma recorrente os mitos e as controvérsias a respeito do surgimento da capoeira, a dicotomia entre capoeira angola e regional, sem citar ou refletir sobre outras adaptações e vertentes; a fragmentação de momentos e a linearidade do surgimento, da proibição e da ascensão da capoeira, ressaltando a figura do Mestre Bimba e Pastinha. Também houve estudos que trouxeram os nomes de outras capoeiras e suas academias, privilegiando o contexto de Salvador e Rio de Janeiro, em poucos casos houve uma referência sobre indícios da capoeira em Recife.

Percebemos uma lacuna com relação aos estudos que tratam dos aspectos inclusivos, somente uma dissertação tratou de possibilidades de práticas pedagógicas e metodologias de ensino voltadas para pessoas com deficiências visuais, sendo necessários novos debates e pesquisas que possibilitem (re) pensar na inclusão de pessoas cegas, surdas; com transtornos mentais, etc. Também, faz-se necessários estudos que se debrucem sobre a internacionalização da capoeira que ocorre desde a década de 60, porém ainda tem pouca ressonância nas produções científicas, apenas uma dissertação traz a discussão de forma densa; assim como a discussão da capoeira nas mídias sociais, o avanço da tecnologia e a reflexão do cotidiano.

Poucas produções trouxeram os intelectuais e as obras que retrataram sobre a capoeira no campo da Literatura, Pintura, Teatro, Cinema etc.; notamos também os estudos sobre a inserção e permanência da mulher aparece de forma ínfima nas produções, apenas duas dissertações tratam sobre a questão do gênero/mulher. Insuficientes dissertações e teses oferecem subsídios sobre a influência do sistema capitalista, da globalização, do consumismo, das tecnologias e da informatização na capoeira.

Entendemos que é de suma importância a constante verificação, submissão e atualização dos estudos nas plataformas digitais da CAPES, UFBA e UNEB, também nas bibliotecas das universidades para que os (as) pesquisadores (as) tenham acesso, e não sejam duplicadas as informações, bem como não comprometa os resultados das pesquisas, além de evitar desperdício do investimento público.

Podemos afirmar, diante das análises, que o fenômeno da capoeira é tipicamente urbano, uma prática pluriétnica que teve contribuição dos negros, crioulos e europeus; tratamos de contradições e ambiguidades em torno dessa manifestação cultural que tem se

espalhado por diversos países, porém velhos(as) mestres(as) continuam morrendo na miséria, muitas vezes sem ter acesso às mínimas condições de vida, e isso nos mostra a necessidade de refletir sobre o cotidiano e a influência do sistema capitalista na divulgação da capoeira. Essa influência pode ser vista quando o(a) mestres(a) precisa “vender” a força de trabalho, ganhar novos adeptos, funcionar como empresa, propagar novas mercadorias e assim ser explorado numa relação dialética.

A capoeira possui símbolos e significados diversos que podem ser expressos através das cantigas, dos instrumentos, dos movimentos corporais, dos olhares, dos sentimentos, da malícia, da mandinga, das obras de artes, dos artefatos, das produções cinematográficas, das produções científicas, dos livros, dos utensílios, das fotográficas, dentre outros. Sendo assim, consideramos que cada pessoa pode trazer sua concepção de capoeira e de mundo que vai além de jogo/luta/dança. Ao refletirmos sobre a capoeira, compreendemos que ela representa traços significativos das identidades do povo brasileiro, bem como o jeito de ser, ver e agir no mundo; movimento de resistência que luta ou reproduz os padrões impostos pela sociedade capitalista.

O estudo permitiu entender o significado e sentido da capoeira para os (as) pesquisadores(as) que vai além de jogo, luta e dança; é entendida também como comércio, religião, arte, teatro, defesa pessoal, filosofia, entretenimento, manifestação multifacetada que traz inúmeras contribuições no processo de ensino e aprendizagem do sujeito social.

Em suma, as concepções de capoeira e educação, por meios dos estudos científicos permitiram a ampliação do conhecimento e confirmar o caráter polissêmico e polifônico da capoeira. Através da prática da capoeira é possível aprender valores sociais que contribuem para a personalidade, sensibilidade, formação e superação de obstáculos na vida; os aspectos musicais ajudam no desenvolvimento da fala, interpretação, atenção; na identificação do tipo de jogo e na cadência; entende-se também aspectos históricos, culturais e sociais que são entoados nas ladainhas, quadras, chulas e corridos. Os instrumentos desempenham o papel de manutenção da tradição e cada um tem a sua função dentro do ritual. É possível aprender a ser criativo e se expressar através dos elementos ritualísticos da capoeira. Os jogos na capoeira se comunicam, expressam seus desejos, medos, ansiedades, malandragem, malícia, mandinga e manha.

Portanto, encerramos a pesquisa poeticamente trazendo o fragmento da canção “Berimbau” de Vinicius de Moraes, o qual afirma que: a “capoeira mandou dizer que já

chegou, chegou para lutar, berimbau já confirmou”¹⁶⁰ que o iê¹⁶¹ vamos ter que dar. “Adeus, adeus, boa viagem”, já vamos embora e desejamos que nossa pesquisa possa inspirar e agregar subsídios teóricos a outras produções científicas e práticas pedagógicas em torno dessa luta/dança que alcançou o mundo.

¹⁶⁰ Música Berimbau de Vinicius de Moraes.

¹⁶¹ Utiliza-se essa palavra para pedir silêncio e que as pessoas prestem atenção.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador; EDUFBA, 2005.
- ABIB, P. R. J. Cultura Popular e Contemporaneidade. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 11, n.2, p. 102-122, jul/dez. 2015.
- ABIB, P. R. J. Cultura popular e educação: um estudo sobre a Capoeira Angola. **Revista Faced**, Salvador, n.11, p. 201-214, jan/jun. 2007.
- ABIB, P. R. J. **Conversas de capoeira**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ABREU, F. J. de. **O Barracão do Mestre Waldemar**. Zabarataná, 2003. 80p.
- ALMEIDA, R. C. A. de. **Bimba: perfil do mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.
- ALMEIDA, R. C. A. de. de. **Capoeira: retalhos da roda**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 2005.
- AMADO, J. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- AMORIM, A. da P. D. de. **Vem dançar mais eu, camará! Gingar/dançando na capoeira: uma proposta na educação infantil**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado)- Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- ARAÚJO, P. C. de. **Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira: de uma actividade guerreira para uma actividade lúdica**. Maia: Instituto Superior da Maia, 1997.
- ASSUNÇÃO, M. **Capoeira: the history of an afro-brasilian art**. London, New York: Routledge, 2005.
- BARBOSA, M. J. S. A Mulher na Capoeira. **Arizona journal of hispanic cultural studies**, V.9, 2005.
- BATISTA, M. S. **Estados de Corpo: vias de aproximação entre capoeira e teatro na poética de um ator**. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado)- Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- BARRETO, L. **Os bruzundangas**. Positivo, 2005. Disponível em: http://www.aprendebrasil.com.br/classicos/obras/Os_bruzungangas.pdf Acesso em: 17 de Ago. 2017.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BAHIA. Lei n. 13.182, de 06 de junho de 2014. Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.cisp.org.br/html/leis/page.aspx?LeiID=518>. Acesso em: 25 de Abr. 2017.

BRASIL. Lei n. 50, de 2007. Regulamenta as atividades dos profissionais de artes marciais, capoeira, dança, surf, bodyboard, skate, e dá outras providências. Aposos o PL 2.858/08 e o PL 5.222/09. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/898723.pdf>. Acesso em: 25 de Abr. 2017.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 31 de Jul. 2017.

BRASIL. Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 29 de Abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Dossiê: **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007.

BRZEZINSKI, I. A investigação qualitativa em teses e dissertações dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação: Estado do Conhecimento. In: COSTA, António Pedro; SOUZA, Francislê Neri de; SOUZA, Dayse Neri de (org.). **Investigação qualitativa: inovação, dilema e desafios**. Ludomedia, Janeiro de 2016. p.69-101.

BULE-BULE. **Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro**. Camaçari: Bule-bula Arte e Cultura, 2014.

BULE-BULE. **Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou**. Salvador: Licutixo Produções Artísticas, 2008.

CAMPOS, H. J. B. C. de. Capoeira e Educação Física: um resgate histórico. **Revista entreideias**, Salvador, n.4, 2000.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira na Escola**. Salvador: EDUFBA, 2001. 153p.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira na Universidade: Uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001. 184p.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. 2006. 346f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CANDUSSO, F. **Capoeira angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros**. 2009. 258f. Tese (Doutorado)- Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CARNEIRO, E. Capoeira: Cadernos de Folclore, 2ª ed. 1977. Acesso em: https://drive.google.com/file/d/0B2_ZK-qR9WEKMDU0ZWpqcEtxeFk/view. Disponível em: 09 de Ago. 2017.

CARVALHO, J. J. de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. **Revista Antropológicas**, v.21, n. 1, p. 39-76, 2010.

CASTRO, M. B. de. **Mestre João Grande: na roda do mundo**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, 152p.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1995-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.

CASTRO JÚNIOR, L. V.; SANT'ANNA SOBRINHO, J. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p 89-103, jan. 2002.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan/abr. 2014.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia**. 2006. 200f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CONRADO, A. V. S.; FRANÇA, A. L. Capoeira no currículo de Educação Física da UFBA. In: FREITAS, Joseania Miranda. (Org.). **Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 225-236.

COSTA, N. L. **Capoeira, Políticas Culturais e Educação**. 2013. 350 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COSTA, N. L. **Capoeira, Trabalho e Educação**. 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

COTTRELL, C. A. **Pure Mutt- Puro vira-lata: um estudo coreográfico nas danças urbanas samba-reggae, hip-hop e capoeira**. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado)- Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CUNHA, M. A. de A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Rev. Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p 503-524, jul/dez. 2007.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, P. **Pesquisa e produção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DEMO, P. **Princípio Científico e Educativo**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DIAS, A. A. Trajetórias da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional. In: FREITAS, Joseania Miranda. (Org.). **Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 105-117.

DIAS, A. A. **A Malandragem da Mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha**. 2004. 151f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

DINIZ, F. C. **Capoeira Angola: identidade e trânsito musical**. 2011. 233f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ESTEVES, A. P. **A “Capoeira” da Indústria do Entretenimento: Corpo, Acrobacia e Espetáculo para “Turista Ver”**. Salvador: A. P. Esteves, 2004.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 394 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FALCÃO, J. L. C. et al. A capoeira na “roda” científica brasileira (1980-2006): pluralidade e/ou fragmentação? In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Centro de Convenções da Bahia, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/Abia%20Lima/Downloads/866-5738-1-PB.pdf. Acesso em: 02 de nov. 2017.

FALCÃO, J. L. C.; SILVA, B. E. S. da; ACORDI, L. de O. Capoeira e os passos da vida. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Org.). **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005, p.17-45.

FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas**. São Paulo: 2009.

FIGUERÔA, K. M.; SILVA, M. M. e. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **ALESDE**, Curitiba, v.4, n.2, p.16-31, set. 2014.

FIRMINO, C. R. A participação das mulheres na capoeira: uma análise das relações de gênero. In: **Fazendo Gênero- Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST67/Camila_Rocha_Firmino_67.pdf. Acesso em: 23 de nov. de 2017.

FONSECA, V. L. A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios. **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.1-30, jun. 2008.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Editora Vozes, 2000. p.117-142.

FRANÇA, Á. L. **Capoeira na perspectiva pedagógica atual**: a experiência do Projeto Capoeiragem da UFBA. 2013. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2013.

FRANÇA, Á. L. de; GUEDES, J. dos S. **A (in)visibilidade da mulher em jogo**: mapeamento de mestras de capoeira. In: II SEMINÁRIO GRIÔ, 2017, Salvador (Comunicação oral).

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. **Os sentidos e os significados da capoeira para os jovens de Salvador**. In: I Fórum Baiano de Pesquisa em Juventudes: conhecimento em rede e perspectivas colaborativas. Cachoeira: UFRB, 2017 (Comunicação oral).

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. Produção do conhecimento em capoeira: CONBRACE em jogo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 28., 2016, Natal. **Anais...** Natal: IFRN, 2016. p.1-10.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A.C.R. **Produção do conhecimento em capoeira nas dissertações e teses da UFBA e UNEB**. In: XX CONBRACE e VII CONICE. 2017, Goiânia. **Anais...**Goiás: UFG, 2017, p.1-15.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. Saber popular no espaço acadêmico: capoeiragem na roda. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 64., 2012, São Luís. **Anais eletrônicos...** São Luís: UFMA, 2012. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/3118.htm>. Acesso em: 09 de Mar. 2017.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se contemplam. 45 ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GALLO, P. M. **Música, cultura e educação na capoeira de Mestre João Pequeno de Pastinha**. 2016. 183f. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GASPAR, R. A. et al. Pesquisa e produção do conhecimento sobre capoeira no Brasil: abordagens e tendências. In: IV CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2008, Paraná. **Anais eletrônicos...**Paraná: Faxinal do Céu, 2008. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/CSBCE/IVCSBCE/paper/viewFile/193/210>. Acesso em: 22 de Ago. 2017.

GATTI, B. A. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. **Ecoo s Revista Científica**, v.1, n.1, p. 63-79, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan/mar. 2006.

GOMES, M. C. S. **Capoeira Emancipatória no Ensino da Dança**: uma proposta emergente dos saberes de mestre na especialidade da cinesfera. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

GONÇALVES, A. M. T. **Capoeira em perspectivas**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2012.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JOGO DE CORPO: capoeira e ancestralidade. Direção: Richard Pakleppa, Mathias Rohrig Assunção e Cinésio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Protagonistas: Matthias Rohrig Assunção, Richard Pakleppa e Cinésio Feliciano. Brasil, South África: Manganga Produções, 2013. 1 DVD (87min.), son., color.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LACERDA, A. P. de. **Políticas públicas de cultura para a capoeira em uma perspectiva intercultural**: o que pensam os mestres de capoeira. 2016. 380f. Tese (Doutorado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

LAKATOS, E M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LARRAÍN, N. R. S. **Capoeira Angola**: música e dança. 2005. 177f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

LEAL, L. A. P.. **“Deixai a política da capoeiragem gritar”**: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano (1888-1906). 2002. 155f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LEIRO, A. C. R. **Educação e mídia esportiva**: representações sociais das juventudes. 2004. 290 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

LIMA, E. T. **Capoeira Angola como treinamento para o autor**. 2002. 240f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LIMA, L. C. **Mandinga em Manhattan**: internacionalização da capoeira. Rio de Janeiro: MCEG, 2016, 207p.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUSSAC, R. M. P.. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v.29, n.2, p. 267-78, 2015.

LUZ, M. A. de O. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. 3 ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, S. A. da M. **Saberes e Fazer na Capoeira Angola: a autonomia no jogo de muleekes**. 2012. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MACHADO, S. A. da M. **Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura**. 2016. 300f. Tese (Doutorado). Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MACHADO, S. A. da M.; ARAÚJO, R. C. Ginga de mulheres: luta pela autonomia na roda. In: XI ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 11 a 14 ago. 2015, Salvador. **Anais...**Salvador: ENECULT, 2015.

MAGALHÃES FILHO, P. A. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana**. 2011. 196f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MARQUES, C. B. L. “Brinquedo, luta, arraça”: aspectos da capoeira no Recife no findar do Império e no alvorecer da República. **Documentação e Memória/TJPE**, Recife, v.3, n.5, p. 1-26, jan/dez. 2012.

MEMÓRIAS do Recôncavo: Besouro e Outros Capoeiras. Argumento, Roteiro e Direção: Pedro Rodolpho Jungers Abib. Direção de Produção: João Rodrigo Mattos. Brasil: DocDomaFilmes, 2008. HDV (54min.), son., color.

MESTRE Bimba: A capoeira Iluminada. Direção: Luiz Fernando Goulart. Roteiro: Luiz Carlos Maciel. Participações especiais: Muniz Sodré; Frederico José de Abreu; Ângelo Augusto Decânio; Almir Ferreira da Silva; Raimundo César; Carlos Eugênio Líbano Soares; Cid Teixeira e outros. Brasil: LUMEN PRODUÇÕES, 2007. 1 DVD (78min.), son., color.

MIRANDA FILHO, V. F. **Produção do conhecimento sobre capoeira: uma análise a partir das teses do Departamento de Educação III- FACED/UFBA (1993-2006)**. 2008. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MOREIRA, E. S. **Capoeira no Brasil: realidade e contradições nas políticas públicas do Governo Lula, a experiência do Programa Capoeira Viva (2005-2008)**. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, J. P. de. **Pelas Ruas da Bahia**: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937). 2004. 139 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PASTINHA. Uma Vida pela Capoeira. Realização: Antônio Carlos Muricy. Brasil: Reccor produções, 1998. DVD (52min.), son., color.

PIMENTA, L. Capoeira e candomblé: irmãos da resistência do corpo. In: POCHAT, Alex; SIMPLÍCIO, F. **Pensando a capoeira**: dimensões e perspectivas. Rio de Janeiro: MC&G, 2015. p.191-208.

PIRES, A. L. C. S. Os intelectuais, a capoeira e os símbolos étnicos no Brasil. In: VI Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2010, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: VI Enecult, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24479.pdf>. Acesso em 20 de dez. 2017.

POCHAT, A; SIMPLÍCIO, F.; DIACUÍ, N. **A Capoeira em Salvador**: registro de mestres e instituições. Rio de Janeiro: MC&G, 2015. 78 p.

PRAZERES, M. M. V. **Capoterapia**: a percepção dos idosos com relação à prática da Capoterapia e seus benéficos biopsicossociais. 2017. 97f. Tese (Doutorado) – Escola de Saúde e Medicina, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

RABÊLLO, R. S. Cultura lúdica e formação de educadores: apontamentos sobre a capoeira angola. **Revista entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 127-139, jul/dez. 2014.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio etnográfico. 2 ed. Rio de Janeiro: MCeG, 2015. 431p. (Coleção Capoeira Viva, 5).

REIS, Letícia Vidor de Sousa. A capoeira: de doença moral à gymnástica nacional. **R. História**, São Paulo, p.221-235, ago/dez. 1994.

RIBEIRO, Â. M. **Agora já e ainda não**: um corpo na encruzilhada entre o teatro e a capoeira Angola. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ROCHA, A. da. Diasporic and Transnational Internationalization: The Case of Brazilian Martial Arts. **Rev. BAR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 403-420, oct/dec. 2015.

RODRIGUES, M. **Manual teórico-prático de educação física infantil**. 6ª ed. São Paulo: Ícone, 1997.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set/dez. 2006.

RUBIM, A. A. C. **Agentes culturais**: delimitações e contextos de atuação. Salvador: Rubim-UFBA, 2017.

SALAZAR, C. **Configurações da capoeira contemporânea: a cena do grupo ginga mundo**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Edufba, 2003. 335p.

SANTANA, F. M. C. C. de. **Capoeira Angola, Educação Musical e Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros**. 2009. 230 f. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTANA, G. S. C. **Sobre Capoeira e Dança Cênica: Tramas e Mestiçagens Culturais**. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Dança). Programa de Pós-Graduação em Dança/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTANA, S. R. de O. **Capoeira angola e técnica da dança: análise de movimento e descrição de princípios para o treinamento técnico-corporal de dançarinos**. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SANTANA SOBRINHO, J. S.; CASTRO JÚNIOR, L. V. de; ABIB, P. R. J. Capoeira: intervenção e conhecimento no espaço escolar. **Revista Faced**, Salvador, n.3, p.1-14, 1999.

SANTOS, S. M. dos A.. Mulher e capoeira: reflexões da convivência, lugar social e participação na diversidade. In: Grupo Conviver (Org.). **Diversidade e Convivência: construindo saberes**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.15-40.

SAVIANI, D. e DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

SCALDAFERRI, S. B. D. **Nas vorta que o mundo deu, nas vorta que o mundo dá, capoeira angola e processos de educação não escolar**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SCHROEDER, A. **“Escute um pouco seu mestre menina...”- O ambiente gingado e narrado a partir da capoeira angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e educação ambiental**. 2017. 117f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SENA, I. T. de. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola**. 2016. 148f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, G. de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 3. ed. São Paulo, Editora Cepeusp, 2002.

SILVA, J. A. B. da. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica**. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SILVA, J. A. B. da. **Capoeira e crianças: desafios e perspectivas na formação humana**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2015.

SILVA JUNIOR, F. E. da S. **Vadição na escola**: dialogando com as contradições do ensino da capoeira. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

SILVA, P. M. da; FRANÇA, Á. L. de. **O ator-rede na roda de capoeira**. In: IV Congresso Nacional de Educação. Paraíba: Centro de Convenções de João Pessoa, 2017 (Comunicação oral).

SILVEIRA, C. S.; THERRIEN, S. M. N. Estudos sobre pesquisa e formação de professores da Educação Básica: a elaboração do Estado da Questão. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 41, n. 27, p. 219-243, jul/dez. 2011.

SIMSON, O. R. de M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. Educação não-formal: um conceito em movimento. In: SIMSON, O. R. M. et al. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007, 112p.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A era do ouro da capoeira. **Revista Nossa História**. Ano 1, n.5, março, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUSA, R. P. de. **A Música na Capoeira**: um estudo de caso. 1998. 256 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ALBUQUERQUE, Joelma de Oliveira. Conhecimento e capitalismo: os motivos pelos quais queremos fazer ciência. In: GAMBOA, M. C., GAMBOA, S.S. (Orgs.). **Produção do conhecimento na Educação Física**: balanços, debates e perspectivas. Maceió: EDUFAL, 2015. p.153-175.

TAMPLINIZZA, C. **Capoeira Angola na Internet**: comunidades, memória e tradição. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TOFFLER, A. **A terceira onda**: A morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

THERRIEN, S. M. N.; THERRIEN, J. Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v.15, n.30, p.1-9, jul./dez. 2004.

VALDÉS, E. R. La capoeira como herramienta de inclusión social e innovación educativa: Una propuesta para la asignatura de Educación Física. **Estudios Pedagógicos XLI**, N° Especial: 193-212, 2015.

VASSALO, S. P. À qui la capoeira appartient-elle ? Considérations sur le registre de la capoeira en tant que patrimoine culturel immatériel du Brésil. **Cultures-Kairós** [En ligne]. Disponível em: <http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php?id=575>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

VERCESI, A et al. Os desafios da pesquisa no Brasil. **Caderno Temático**, Campinas, n.12, p.1-4, fev. 2002.

VERMELHO, Mestre Gil. **Centro de Referência da Capoeira Carioca**: Iconografia. Disponível em: <http://www.centroreferenciacapoeiracarioca.net/index.php>. Rio de Janeiro. Acessado em: 10 de Jan. 2017.

VIEIRA, L. R. & ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos**, v.34, p. 81-121, dez. 1998.

ZONZON, C. N. **A Roda da Capoeira Angola**: os sentidos em jogo. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ZONZON, C. N. **Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição**. 2014. 258 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ZONZON, C. N. **Nas rodas da capoeira e da vida**: corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017.

ANEXO 1- Vivências na capoeira.



Figura 1- Atletas da Bahia e árbitros no Campeonato Brasileiro de Capoeira em 2011, presença do mestre Grauçá, mestre Kako, mestra Nena, contramestre Furacão, contramestre Fofão, professora Nevasca, Robenilson Garrincha, Gisele Pitchula, Raoni Mota, Ábia Lima, Nelsival Menezes, dentre outros.

Arquivo: <http://fcba.blogspot.com.br/p/galeria-de-fotos.html>

Figura 2- Oficina de confecção de berimbau, participantes do Projeto Capoeiragem UFBA e da comunidade da Av. Peixe lavando cabaças em 2011.

Arquivo: Acervo Pessoal.



Figura 3- Roda de capoeira no Pelourinho em 2012, participação de Aparecida Zacconi, professor Fabiano, professor Val, mestrando Hélio Dendê, Javali, Ábia Lima e outros alunos do grupo Carvalho de Moré.

Arquivo: Magno Reis



Figura 4- Apresentação de Pôster na 64ª Reunião da SBPC na UFMA em 2012.

Arquivo: Acervo Pessoal.





Figura 5- Lançamento da Coleção Biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu afro-brasileiro da UFBA na Reitoria da UFBA em 2015.

Arquivo: Acervo Pessoal.

Figura 6- Palestra sobre a mulher na capoeira no Encontro das Mulheres Comerciárias em 2016, com a presença da delegada da Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher.

Arquivo: Acervo Pessoal.



Figura 7- Roda de capoeira na comunidade de Igatu em 2017, presença de Amélia Conrado e Contramestre Marcelo no jogo, Ábia Lima, alunos da UFBA e moradores da comunidade.

Arquivo: Ricardo Biriba.



Figura 8- Vivência de musicalidade e movimento com Contramestra Lilu e Mexicana em 2017, presença de Adriana Dias, Christine Zonzon, Ábia Lima e capoeiristas de diversos grupos na UFBA.

Arquivo: Nicinha Guedes.



APÊNDICE 1 - Conjuntos de trabalhos produzidos sobre a capoeira.

TRABALHO	AUTORES	EVENTO	LOCAL	ANO
Capoeiragem na UFBA: Um diálogo pedagógico inter(nacional)	FRANÇA, A. L.	Congresso de Educação Física do Sul da Bahia	Universidade Estadual de Santa Cruz	2011
Capoeiragem no CEFE da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade	FRANÇA, A. L.	XXX Seminário Estudantil de Pesquisa XII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação	UFBA	2011
Capoeiragem no CEFE da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade	FRANÇA, A. L.	Seminário de pesquisa e extensão discente (SEMPEDI)	UFBA	2011
Capoeiragem no Centro de Educação Física e Esporte da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade	FRANÇA, A. L.	XXX Seminário Estudantil de Pesquisa XII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação	UFBA	2011
Capoeiragem no Centro de Educação Física e Esporte da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade	FRANÇA, A. L.	Congresso de Educação Física do Sul da Bahia	UESC	2011
Saber popular no espaço acadêmico: Capoeiragem na roda	FRANÇA, A. L. e LEIRO, A.C. L.	64ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)	Universidade Federal do Maranhão	2012
Relato de Experiência do Projeto Capoeiragem na UFBA (2009-2013)	FRANÇA, A. L. e CONRADO, A.V.S.	Colóquio Internacional de Saberes e Práticas	UFBA	2013
Relato de vivências da Cultura Popular na Universidade: Capoeiragem na UFBA	FRANÇA, A. L. e CONRADO, A.V.S.	I Seminário GRIÔ: Cultura Popular e Educação	UFBA	2014
Produção do conhecimento em capoeira: CONBRACE em jogo	FRANÇA, A. L. e LEIRO, A.C. L.	28º Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 1º Encontro Internacional de Políticas Públicas e Esporte e Lazer na Rede CEDES do RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2016
Os sentidos e os	FRANÇA, A. L. e	I Fórum Baiano de Pesquisa em	Universidade	2017

significados da capoeira para os jovens de Salvador	LEIRO, A.C. L.	Juventudes: conhecimento em rede e perspectivas colaborativas	Federal do Recôncavo Baiano	
Produção do conhecimento em capoeira nas dissertações e teses da UFBA e UNEB	FRANÇA, A. L. e LEIRO, A.C. L.	XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte	Universidade Federal de Goiás (UFG)	2017
A (in)visibilidade da mulher em jogo: mapeamento de mestras de capoeira	FRANÇA, A. L. e GUEDES, Josenice dos Santos	II Seminário Griô: culturas populares e descolonização	UFBA	2017
O ator-rede na roda de capoeira	SILVA, P. M. e FRANÇA, A. L.	IV Congresso Nacional de Educação	CEMEP (PB)	2017

Arquivo: Elaborado pela autora.

APÊNDICE 2- Conjuntos de trabalhos produzidos na área de Educação Física.

TRABALHO	AUTORES	EVENTO	LOCAL	ANO
Corpo esportivo, imagem e diversidade em tempos de Copa Mundial	FRANÇA, A. L. e CONRADO, A.V.S.	1º Colóquio Internacional “Educação, Corpo e Identidade”	FACED/UFBA	2012
Futebol Indígena em Revista	FRANÇA, A. L.	13º Seminário de Educação Física da UNEB	UNEB- Alagoinhas	2012
Corpo esportivo, imagem e diversidade em tempos de copa mundial	FRANÇA, A. L. e CONRADO, A.V.S.	1º Colóquio Internacional Educação, Corpo e Identidade	FACED/UFBA	
(Des) Humanização da Educação e Corpo Esportivo: Observatório à Copa do Mundo de 2014	FRANÇA, A. L. e CONRADO, A.V.S.	Jornada Interdisciplinar Unirb	UNIRB	2014
Associação entre tempo sentado e nível de atividade física com as variáveis antropométricas de sobrepeso e obesidade dos graduandos de educação física da Universidade Federal da Bahia	FRANÇA, A. L. e PITANGA, F. J. G.	II Simpósio de Ciência, Saúde e Esporte	UFBA	2014
Atuação do profissional de Educação Física no Programa de Residência Multiprofissional Saúde da Família	FRANÇA, A. L.	Encontro Regional Nordeste II: Trabalho e Educação na Saúde: desafios e conexões na invenção da vida	UFBA	2015
A atuação do profissional de Educação Física na Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela FESF: O acolhimento e a mudança de modelo de atenção à saúde na Unidade de Nova Aliança em Camaçari-Ba	FRANÇA, A. L.; GONZAGA, A. S.; SILVA, D. S. da; SANTANA, E. M.; SANTANA, L. G. M. de; FARIAS, R. G.	XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	2015
A inserção do educador físico no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Fiocruz/ FESF-SUS:	FRANÇA, A. L.; BRAGA, R. G. de; FERREIRA, M. M.	XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte	UFES	2015

O trabalho em equipe multiprofissional				
O acolhimento e a mudança de modelo de atenção nas Unidade Saúde da Família em Camaçari-Ba	FRANÇA, A. L.	2ª Mostra de Experiências da Atenção Básica Camaçari	Cidade do Saber	2015
O alongamento como Prática Corporal no desenvolvimento do autocuidado	FRANÇA, A. L.; PEREIRAS, A. P. M.; OLIVEIRA, C. S. de; SILVA, D. S. da; SANTANA, E. M. de; FERREIRA, M. M.; PONTES, M. de L. M.; SANTOS, M. L. C. dos; ANDRADE, P. R.	2ª Mostra de Experiências da Atenção Básica Camaçari	Cidade do Saber	2015
Experiência de Matriciamento do NASF no cuidado de feridas na Atenção Básica.	FRANÇA, A. L.; ANUNCIAÇÃO, J. C.; SANTOS, S. S.	2ª Mostra de Experiências da Atenção Básica Camaçari	Cidade do Saber	2015
Saúde do Trabalhador: Experiências nas Unidades de Saúde da Família da Região 3 em Camaçari-Bahia	FRANÇA, A. L.; SILVA, C.; SANTANA, D.; SANTANA, E. M.; SANTANA, L. G. M. de; FERREIRA, M. M.; PONTES, M. de L. M.; ANDRADE, P. R.; FARIAS, R. G.; BRAGA, R. G. de O.	2ª Mostra de Experiências da Atenção Básica Camaçari	Cidade do Saber	2015
Mapeamento da rede de serviços de interesse à Saúde no município de Camaçari (Bahia)	JESUS, A. de; REIS, C. R.; PALMA, F. A. G.; ALVES, F.; BRANDT, L. de A. R.; FERNANDA, J.; MENESES, J. J. S.; TORRES, U.; GONZAGA, A. dos S.; NASCIMENTO, E. B. V.; SILVA, J. de J.; SANTANA, L. G. M.; BARROS, L. M.; BARROS, S. D. dos S.; FRANÇA, A. L.; FREIRE, D. dos S.; ANUNCIAÇÃO, J. C.; FARIAS, R. G.; SANTOS, S. S.; RICCE, W.; SANTANNA, E.; SILVA, D. S. da; FERREIRA, M. M.; ANDRADE, P. R.; OLIVEIRA, C. S. de; PONTES, M. de L. M.	2ª Mostra de Experiências da Atenção Básica Camaçari	Cidade do Saber	2015

Práticas corporais em uma Unidade de Saúde da Família: relato de experiência de professoras de Educação Física no município de Camaçari-Ba	FRANÇA, A. L. e RIOS, I. Q.	15ª Jornada Pedagógica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte	Faculdade Social da Bahia	2016
Consórcio em Esporte e Lazer: Desafios Estratégicos nos Territórios de Identidade na Bahia	FRANÇA, A. L.; LEIRO, A. C. R.; SOUZA, T. M. de.	XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte	UFG	2017

APÊNDICE 3- Relação dos Programas de Pós-Graduação da UFBA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA	NÍVEL	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
1. Programa de Pós-Graduação em Administração (NPGA)	Mestrado e Doutorado	Humanas
2. Programa de Pós-Graduação em Administração (NPGA)	Mestrado Profissional	Humanas
3. Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde (PGNUT)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
4. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA)	Mestrado e Doutorado	Humanas
5. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)	Mestrado e Doutorado	Exatas
6. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Profartes)	Mestrado Profissional	Artes
7. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC)	Mestrado e Doutorado	Artes
8. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV)	Mestrado e Doutorado	Artes
9. Programa de Pós-Graduação em Assistência Farmacêutica (PPGASFAR)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
10. Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia (PPGBiotec)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
11. Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia (Renorbio)	Doutorado	Biológicas
12. Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal nos Trópicos (PPGCAT)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
13. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação (PGCOMP)	Mestrado e Doutorado	Exatas
14. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado e Doutorado	Humanas
15. Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Alimentos (PGALI)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
16. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
17. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
18. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS)	Mestrado e Doutorado	
19. Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCON)	Mestrado Acadêmico	Humanas
20. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM)	Mestrado e Doutorado	Humanas
21. Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE)	Mestrado Profissional	Exatas
22. Programa Multicêntrico de Pós-Graduação em Ciências Fisiológicas (PMGCF)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
23. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (POSCULTURA)	Mestrado e Doutorado	Humanas

24. Mestrado Profissional em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PMECLIP)	Mestrado Profissional	Humanas
25. Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANCA)	Mestrado Acadêmico	Artes
26. Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS)	Mestrado Profissional	Humanas
27. Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento	Doutorado	Humanas
28. Programa de Pós-graduação em Direito (PPGD)	Mestrado e Doutorado	Humanas
29. Programa de Pós-Graduação em Diversidade Animal (PPGDA)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
30. Programa de Pós-Graduação em Ecologia aplicada à Gestão Ambiental	Mestrado Profissional	Biológicas
31. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Biomonitoramento (PPGEcoBio)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
32. Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGECO)	Mestrado e Doutorado	Humanas
33. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)	Mestrado e Doutorado	Humanas
34. Programa de Pós-Graduação em Energia e Ambiente (PGENAM)	Doutorado	Exatas
35. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PGENF)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
36. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil (PPEC)	Mestrado Acadêmico	Exatas
37. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Estruturas (PPEE)	Mestrado Acadêmico	Exatas
38. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Industrial (PEI)	Mestrado e Doutorado	Exatas
39. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Industrial (PEI)	Mestrado Profissional	Exatas
40. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química (PPEQ)	Mestrado Acadêmico	Exatas
41. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química (PPEQ)	Doutorado	Exatas
42. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC)	Doutorado	Exatas
43. Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (POS-AFRO)	Mestrado e Doutorado	Humanas
44. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (PPGEISU)	Mestrado Acadêmico	Humanas
45. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM)	Mestrado e Doutorado	Humanas

46. Programa de Pós-Graduação em Farmácia (PPGFAR)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
47. Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF)	Mestrado e Doutorado	Humanas
48. Programa de Pós-Graduação em Física (PPGFIS)	Mestrado e Doutorado	Exatas
49. Programa de Pós-Graduação em Genética e Biodiversidade (PPG-GenBio)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
50. Programa de Pós-Graduação em Geofísica (PPGEOFÍSICA)	Mestrado e Doutorado	Exatas
51. Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEO)	Mestrado e Doutorado	Exatas
52. Programa de Pós-Graduação em Geologia (PGGEOLOGIA)	Mestrado e Doutorado	Exatas
53. Programa de Pós-Graduação em Geoquímica: Petróleo e Meio Ambiente (POSPETRO)	Mestrado Acadêmico	Exatas
54. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)	Mestrado e Doutorado	Humanas
55. Programa de Pós-Graduação em Imunologia - (PPGIM)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
56. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)	Mestrado Profissional	Letras
57. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC)	Mestrado e Doutorado	Letras
58. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLITCULT)	Mestrado e Doutorado	Letras
59. Programa de Pós-Graduação em Matemática (PGMAT)	Mestrado Acadêmico	Exatas
60. Programa de Pós-Graduação em Matemática (PGMAT)	Doutorado	Exatas
61. Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT)	Mestrado Profissional	Exatas
62. Programa de Pós-Graduação em Mecatrônica	Mestrado e Doutorado	Exatas
63. Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde	Mestrado e Doutorado	Biológicas
64. Mestrado em Meio Ambiente, Águas e Saneamento (MAASA)	Mestrado Acadêmico	Exatas
65. Programa Multicêntrico de Pós-Graduação em Bioquímica e Biologia Molecular (PMBqBM)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
66. Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU)	Mestrado Acadêmico	Humanas
67. Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS)	Mestrado e Doutorado	Artes
68. Programa de Pós-Graduação Profissional em Música (PPGPROM)	Mestrado Profissional	Artes

69. Programa de Pós-Graduação em Odontologia e Saúde	Mestrado e Doutorado	Biológicas
70. Programa de Pós-Graduação em Patologia Humana (PGPAT)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
71. Programa de Pós-Graduação em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas (PPGORGSISTEM)	Mestrado e Doutorado	Biológicas
72. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGSI)	Mestrado e Doutorado	Humanas
73. Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ)	Mestrado e Doutorado	Exatas
74. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI)	Mestrado Acadêmico	Humanas
75. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva	Mestrado e Doutorado	Biológicas
76. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva	Mestrado Profissional	Biológicas
77. Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSAT)	Mestrado Acadêmico	Biológicas
78. Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania (MPSPJC)	Mestrado Profissional	Humanas
79. Programa de Pós-Graduação em Zootecnia (PPGZ)	Mestrado e Doutorado	Biológicas

APÊNDICE 4- Relação dos Programas de Pós-Graduação da UNEB.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFBA	NÍVEL	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
1. Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal (PPGBV)	Mestrado	Biológicas
2. Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)	Mestrado	Letras
3. Doutorado Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento	Doutorado	Humanas
4. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC)	Mestrado e Doutorado	Humanas
5. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA)	Mestrado	Humanas
6. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED)	Mestrado Profissional	Humanas
7. Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA)	Mestrado Profissional	Humanas
8. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física	Mestrado	Exatas
9. Mestrado Profissional em Ensino de História	Mestrado Profissional	Humanas
10. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens	Mestrado	Letras
11. Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologia Aplicada à Educação (GESTEC)	Mestrado Profissional	Humanas
12. Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais	Mestrado	Humanas
13. Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS)	Mestrado	Humanas
14. Programa de Pós-Graduação em Horticultura Irrigada (PPGHI)	Mestrado	Ciências Agrárias
15. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROLETRAS)	Mestrado	Letras
16. Programa de Pós-Graduação em Química Aplicada (PGQA)	Mestrado Acadêmico	Exatas